

# MEMORIALIDADES



## **Universidade Estadual de Santa Cruz**

---

### **GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA**

JAQUES WAGNER - GOVERNADOR

### **SECRETARIA DE EDUCAÇÃO**

OSVALDO BARRETO FILHO - SECRETÁRIO

### **UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ**

ANTONIO JOAQUIM BASTOS DA SILVA - REITOR

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - VÍCE-REITORA

---

### **DIRETORA DA EDITUS**

MARIA LUIZA NORA DE ANDRADE

#### **Conselho Editorial**

ALDA BRITO DA MOTTA (UFBA, BA)  
BENEDITA EDINA DA SILVA LIMA CABRAL (UFCG, PB)  
CARMEM MARIA ANDRADE (FAMES, RS)  
ELIZABETE SALGADO DE SOUZA (UESC, BA)  
EVANI MOREIRA PEDREIRA DOS SANTOS (UESC, BA)  
GLORIA QUINAYAS MEDINA (UNIVERSIDAD DEL VALLE, COLOMBIA)  
HORTÊNCIA MACIEL GAGO ARAUJO (UFMA, MA)  
JESÚS BLAS VICENS VICH (UNIVERSIDAD BARCELONA, ESPAÑA)  
JUAN MUELA RIBERA (UNIVERSIDAD A. DE BARCELONA, ESPAÑA)  
JOELMA TEBALDI PINTO (UESC, BA)  
JUSSARA RAUTH DA SILVA (SBGG, RS)  
MARIA CONSUELO OLIVEIRA SANTOS (BARCELONA)  
MIRIAN BONHO CASARA (UCS, RS)  
MONIQUE BORBA CERQUEIRA (INSTITUTO DE SAUDE, SP)  
NOÊMIA LIMA SILVA (UFS, SE)  
RAIMUNDA SILVA D'ALENCAR (UESC, BA)  
RUY DO CARMO PÓVOAS (UESC, BA)  
SUZANA HÜBNER WOLFF (UNISINOS, RS)  
VANIA BEATRIZ MERLOTTI HERÉDIA (UCS, RS)

#### **Conselho Científico**

EDITE LAGO DA SILVA SENA / EVANI MOREIRA PEDREIRA DOS SANTOS /  
FLÁVIA REIS / ISABEL AURORA MARRACHINHO TONI /  
KATIA JANE CHAVES BERNARDO / MARIA LAURA DE OLIVEIRA GOMES /  
MARILENE BACELAR BAQUEIRO / MATHEUS SILVA D'ALENCAR /  
SAMUEL MACÊDO GUIMARÃES / ZELINA BEATO - CENTRO DE TRADUÇÃO

#### **Editores**

RAIMUNDA SILVA D'ALENCAR  
EVANI MOREIRA PEDREIRA DOS SANTOS

---

REVISTA SEMESTRAL DO DFCH - NÚCLEO  
DE ESTUDOS DO ENVELHECIMENTO  
PARA DIVULGAÇÃO DE PESQUISAS, ENSAIOS,  
RELATOS DE EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS  
DE INTERESSE DE IDOSOS E DE ESTUDIOSOS  
DA TEMÁTICA DO ENVELHECIMENTO

# MEMORIALIDADES

ANO 7, N. 13, JAN./JUN., 2010

VELHICE E FINITUDE HUMANA

Organizadoras

Raimunda Silva d'Alencar

Vânia Herédia

Monique Borba Cerqueira

Evani Moreira Pedreira dos Santos

Ilhéus-BA

2010



Editora da UESC

©2009 by RAIMUNDA SILVA D'ALENCAR

Direitos desta edição reservados à  
EDITUS - EDITORA DA UESC  
Universidade Estadual de Santa Cruz  
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45662-000 Ilhéus, Bahia, Brasil  
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126  
<http://www.uesc.br/editora> e-mail: [editus@uesc.br](mailto:editus@uesc.br)

### **PROJETO GRÁFICO E CAPA**

George Pellegrini

### **DIAGRAMAÇÃO**

Álvaro Coelho

### **ILUSTRAÇÃO DE CAPA**

*10048arvores* de vanessaprisilamachado's

### **REVISÃO**

Aline Nascimento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Memorialidades/ Universidade Estadual de Santa Cruz.  
Departamento de Filosofia e Ciências Humanas. Ano 1,  
n. 1 (jan. 2004)-. - Ilhéus, BA : Editus, 2004 -  
v.

Semestral.

Descrição baseada em: Ano 7, n. 13, (jan./jun. 2010).  
ISSN 1808-8090

1. Idosos – Periódicos. 2. Condições sociais – 2. Periódicos. 3. Gerontologia – Periódicos. 4. Envelhecimento – Periódicos. I. Universidade Estadual de Santa Cruz. Departamento de Filosofia e Ciências Humanas.

CDD 362.6

---

# SUMÁRIO

## DOSSIÊ: VELHICE E FINITUDE HUMANA

### **O SENTIMENTO DE PERDAS NO ENVELHECIMENTO**

#### **E A CONDIÇÃO DE FINITUDE**

Vânia Herédia .....9

### **PERDAS PELA MORTE: COMO ABORDAR ESTE TEMA?**

Carmem Maria Andrade

Maria Cristina Mores Carvalho .....21

### **MORTE – TEMA PARA VIVOS**

Evani Moreira Pedreira dos Santos.....45

### **ENTENDENDO A MORTE PARA COMPREENDER A VIDA**

Carmem Maria Andrade

Clarice Luiz Krug .....59

### **VIDA E MORTE: UMA EDUCAÇÃO PARA A LONGEVIDADE**

Célia Maria de Souza Sanches Vieira .....73

### **VIVER E MORRER ENTRE HUMANOS E ORIXÁS: A FINITUDE**

#### **HUMANA EM TERREIROS DE CANDOMBLÉ**

Ruy do Carmo Póvoas .....95

### **ANÁLISE DO MEMORIAL DA FINITUDE DE SARTRE NA OBRA**

#### **“A CERIMÔNIA DO ADEUS”, DE SIMONE DE BEAUVOIR**

Ana Elisa Sena Klein da Rosa

Ester Paes Klein da Rosa .....121

**AS REPRESENTAÇÕES SOBRE A MORTE E O MORRER NA VISÃO DE  
ACADÊMICAS DE ENFERMAGEM**

Silvia Virgínia Coutinho Areosa

Elton Luis da Silva Petry

Franciele Machado

Maíra Fernandes ..... 143

**CONVIVENDO COM O MORRER**

Virgínia Deodato ..... 181

**RESENHA**

**O OLHAR DO IDOSO FRENTE AO ENVELHECIMENTO E À MORTE**

Maria Clara Câmara ..... 197

## EDITORIAL

Eis mais um exemplar da Revista MEMORIALIDADES, já no seu sétimo ano, desta vez contemplando um tema desprezado por algumas pessoas, inspirador de curiosidade para outras, sofrido e dolorido para tantas outras. Trata-se da Finitude Humana. Na história da humanidade, questões sobre morte, morrer, finitude sempre representaram curiosidade, interesse e até mesmo fascínio para alguns estudiosos. No campo da existência humana, essas questões constituem, integradas a outros conceitos como fé, emoção, angústia, um arcabouço cultural e teórico que muitos estudos tentaram desvendar, constituindo-se em tema constante de discussão.

Diante de questões que a sociedade moderna não conseguiu resolver e a sociedade pós-moderna fragmentou, mascarando as contradições que o homem enfrenta na contemporaneidade, vida e morte retornam sempre para a reflexão da condição humana, para a compreensão de que o viver é uma condição para o morrer, e que esse morrer pode ser analisado sob as mais diferentes abordagens, bem como em múltiplas dimensões envolvendo a família, a saúde, a justiça, a educação e o trabalho.

Apesar de se constituírem como possibilidades do próprio ser-no-mundo, a velhice, tanto quanto a finitude ainda são vistas com preconceitos, distanciamentos e tabus. Reconhecendo o tratamento polêmico que recebe por conta dos avanços tecnológicos e terapêuticos, que tanto prolongam a vida como aceleram a morte, este dossiê propõe, sob os múltiplos aspectos que o tema sugere, discussões que possam contribuir com novas construções, ampliando e desmitificando o conhecimento da população a respeito.

Os organizadores

# O SENTIMENTO DE PERDAS NO ENVELHECIMENTO E A CONDIÇÃO DE FINITUDE

Vania Herédia<sup>1</sup>

**Resumo:** A reflexão apresentada neste artigo faz parte de uma pesquisa intitulada “Perdas, autonomia e dependência”, realizada pelo Núcleo de Estudos do Envelhecimento da Universidade de Caxias do Sul, que teve como objetivo descrever como os idosos percebem seu processo de envelhecimento e como veem as perdas e as situações de dependência. Dessa pesquisa, nasce este estudo, de natureza qualitativo-descritiva, que utiliza a técnica da entrevista narrativa para construir seu *corpus* de análise. A amostra de conveniência foi composta por 30 idosos, e os critérios da seleção foram: sexo; proveniência rural e, ou urbana; estado civil; ocupações diversas; escolaridade; idade acima de 60 anos; ter capacidade física e mental para conceder a entrevista, e aceitar o termo de consentimento. O tema sobre a finitude aparece nas entrevistas associado sempre ao envelhecimento, às perdas e à morte. Nas entrevistas, a temática da morte aparece como uma preocupação principal dos entrevistados. É evidente que, além da percepção de limites, há uma negação no enfrentamento desse tema, quando se discutem perdas e, ou dependência e situações que podem aproximar os indivíduos da reflexão acerca da morte. Dessa forma, o presente ensaio traz algumas reflexões sobre o tema morte, finitude, perdas e dificuldades que os idosos apresentam para lidar com essas questões que dizem respeito às experiências vividas em seus projetos de vida e suas limitações.

---

<sup>1</sup> Doutora em História Social pela Universidade de Genova. Professora Titular no Departamento de Sociologia e coordenadora do Núcleo de Estudos do Envelhecimento da Universidade de Caxias do Sul. *E-mail:* vheredia@terra.com.br.

**Palavras-chave:** Envelhecimento. Finitude. Perdas.

## **INTRODUÇÃO**

Pobre velho que, no curso de sua longa vida, não tenha se apercebido que deve arredar o medo da morte!

Cícero.

Por muitas décadas, o tema *envelhecimento* foi tratado de forma equivocada, uma vez que era utilizado como sinônimo de doença, senilidade e até de demência. Mesmo com os avanços que a sociedade atual teve, a discussão sobre o envelhecimento ainda carrega uma série de estereótipos, marcados por imagens negativas e valores culturais depreciados por certas culturas, que nem sempre ajudam a sociedade a compreender o processo do envelhecimento e a riqueza desse processo para a evolução humana.

O presente ensaio sobre o envelhecimento tem como objetivo trazer à tona algumas questões que permitam debater sobre esse processo, seus limites, suas perdas identificadas e, principalmente, as ilusões que os idosos têm sobre a velhice, marcadas por uma educação que não lhes ensinou nada sobre a morte.

Na Introdução do livro *A Velhice*, de Simone de Beauvoir, a autora usa uma expressão de Proust quando diz que o homem recusa-se a reconhecer nele a possibilidade de ser velho: “[...] de todas as realidades, a velhice é, talvez, aquela de que conservamos por mais tempo, ao longo da vida, uma noção puramente abstrata” (1990, p. 10-11). Isto quer dizer que há uma negação do envelhecimento pela negação da finitude.

O conceito de envelhecimento usado na pesquisa foi extraído da obra de Beauvoir (1990, p. 17), quando a autora define a velhice como o “resultado e o prolongamento de um processo”. De que processo fala? Ela diz que a velhice “não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural” (1993, p. 20). Esse conceito traz uma nova concepção de velhice e pontua a influência de diversos determinantes na promoção da longevidade, incluindo principalmente os determinantes pessoais, comportamentais, sociais, econômicos, físicos entre outros.

## **2 AS PERDAS E OS LIMITES QUE ELAS IMPÕEM AO SER HUMANO**

De minha morte só os outros podem falar. Posso contar minha vida através das recordações minhas e daqueles que me foram próximos, mediante documentos, cartas e diários. Posso contá-la até os últimos *minutos*. *Não posso contar minha morte. Só os outros podem fazê-lo.*

Norberto Bobbio

As perdas são sempre difíceis de ser manuseadas porque dizem respeito às histórias de vida dos indivíduos, seus desejos, suas expectativas, suas ansiedades e motivações.

Constatou-se um sentimento forte de resistência para aceitar as perdas ou de se preparar para enfrentá-las, quando o indivíduo conhece os limites que o ser humano tem. Muitas vezes, o conhecimento e a consciência desses limites podem levar o ser humano a mudar seu modo de ver a vida, de ver o mundo, de

ver os outros e de avaliar as formas de como estabelece suas relações pessoais e interpessoais.

As perdas podem tornar-se oportunidades que os indivíduos têm de mudar. São experiências que podem ter efeitos na vida dos que permanecem, daqueles que não partem. Entretanto, todas essas dificuldades existem, porque a vida moderna ocidental não prepara o homem para a morte e, conseqüentemente, não o prepara para a vida, pois são ambas condições inseparáveis da existência.

É mais comum crer que as perdas, incluindo a morte, devam ocorrer àqueles que já trilharam parte do percurso, deixando isentas dessa preocupação as crianças, os jovens e os que entraram na vida adulta. Essa forma de ver o tempo de vida corrobora com a visão de que as etapas da vida são marcadas por fases de desenvolvimento, que abrangem desde a fase oral-sensitiva até a maturidade e a velhice. Em cada fase, há características distintas.

Essa visão se relaciona com a ideia desenvolvida anteriormente sobre as fases da vida, baseada no senso comum de que os mais velhos morrem antes dos mais jovens, que as crianças têm mais tempo de vida que seus pais ou mesmos seus avós.

*Eu perdi o meu filho, fez um ano quarta-feira. Eu organizei minha vida no sentido de eu morrer primeiro. Então isto para mim foi um choque muito grande. A única coisa que eu comprei que ainda estaria no meu nome foi o telefone. No tempo em que eu comprei o telefone, ele era bem móvel, e então eu coloquei no nome dele porque o outro filho já tinha telefone. Então eu disse: eu não vou colocar*

*o telefone no meu nome, pois, quando eu morrer, meus filhos terão que fazer inventário por um telefone. Porque casa e tudo mais já estava distribuído. Então agora, no inventário dele, teve que entrar o meu telefone. Eu sempre projetei a minha vida nesse sentido por uma coisa lógica que eu sou mais velha e morro primeiro. E ele morreu primeiro e não foi de acidente (Ilse, 86 anos, viúva).*

As perdas no envelhecimento podem representar um rito de passagem para a nova identidade que, dependendo da forma como o sujeito assimila a perda, pode tornar-se mais difícil do que o persistir. O caso do luto, da viuvez, da morte de um filho, da perda de órgãos vitais, seja a visão, audição ou mesmo a deambulação, leva os indivíduos a assumirem identidades que nem sempre são desejadas. Alguns autores, como Tamanza (2001, p. 19), refletem que a morte representa “provavelmente a transição normativa mais difícil de enfrentar e profundamente coloca em prova as relações familiares”. Diz ainda que, quando ocorre “na última idade da vida, essa assume, por certos meios, o caráter da previsibilidade e da conclusão natural da vida, mas não isenta que a elaboração deste evento possa ser difícil e requerer muito tempo” (Tamanza, 2001, p. 19).

Há diversas formas de enfrentar as perdas, mesmo que os ritos sejam semelhantes. Dependem, portanto, de relações pessoais e intersubjetivas anteriores, tais como: de vínculos estabelecidos; do sentimento de amor, paixão, posse, referência, conflito, ou mesmo da dor. O reconhecimento da perda ocorre quando o indivíduo se defronta com a experiência. A antecipação da perda não permite sentir o verdadeiro sentimento dela mesma.

Aceitar a perda do cônjuge pode ser uma forma de preparação para a própria morte. Uma das entrevistadas relatou seu sentimento de perda na morte do marido.

- *Eu amava meu marido. Não sabia o que era viver sem ele (Carmen, 94 anos, viúva).*

Os sentimentos de perdas revelam histórias que foram vividas e mostram o grau e a intensidade das relações estabelecidas ao longo da vida. Uma perda pode levar o indivíduo a modificar sua trajetória, e os efeitos da mesma, para muitos, são irrecuperáveis. Umberson (2003, p. 97) coloca que a “morte dos pais pode forçar os adultos a pensar sobre sua própria mortalidade, no sentido de reconhecer de não ter mais passado”.

- *Quando eu perdi a minha mãe, eu perdi o meu passado (Clari, 84 anos, viúva).*

Becker (2003, p. 17) argumentou que “a obsessiva negação da morte é um mecanismo de defesa adotado pelos indivíduos na condição de protegê-los do medo natural da morte”. A condição de morte conduz o ser humano a ter consciência sobre sua finitude, independe do tempo de vida. Então, pode-se dizer que as perdas podem levar a pensar sobre a própria morte, sobre seu caráter definitivo.

### **3 OS IMPACTOS DAS PERDAS NA VIDA DOS ENTREVISTADOS**

As reações dos indivíduos frente às perdas são as

mais diversas. Doenças, tristezas, depressão, vícios, mudança de hábitos refletem as dificuldades que os idosos têm quando se defrontam com uma situação de mudança.

As perdas sempre representam mudanças. É importante refletir que as perdas permitem uma reflexão sobre o tempo presente, quando os indivíduos percebem as mudanças sofridas e comparam o passado ao presente. O presente é a condição de preparar o futuro, sendo necessário saber lidar com as possíveis transformações, os limites delas derivados e as vantagens de ter claro o processo de envelhecimento.

- *Foram perdas difíceis, primeiro meu marido, depois meus pais. Eu perdi meu marido antes, e sabe o que terminou com ele? O fumo. Foi o cigarro [...]. Meus pais eram muito queridos. Eu era a filha predileta, predileta é modo de dizer, mas a gente sente quando é a predileta (Carmen, 94 anos, viúva).*

Os entrevistados relataram que as perdas psicológicas, que dizem respeito aos relacionamentos, podem afetar o sentido da família, a estabilidade das relações entre seus membros, a mudança dos papéis desempenhados pelos pais e pelos filhos.

A perda precoce de filhos pode fazer com que os pais assumam os netos como filhos, e os avôs, o papel de pais. Essa condição de mudança de papéis nos afetos reproduz o senso de família, por meio da manutenção da sua estrutura emocional.

A perda de familiares também aponta para situações de mudanças inesperadas. Por necessidade,

muitos acabam mudando a própria vida para proteger seus filhos. Uma das entrevistadas descreve como sua família se uniu após a morte de seu marido e como ela teve de enfrentar dificuldades para criar seus filhos. Não percebeu o seu envelhecimento. Quando se deu conta, o tempo já havia passado. Mais uma situação de percepção de finitude.

- *Houve uma época, quando eu perdi meu marido, eu tinha 36 anos e ele tinha 46 anos. [...] ele faleceu, coitado, e eu fiquei, então, respondendo por toda a família. Sabe o que é chegar no extremo mesmo da pessoa e não aguentar mais? Assim, encaminhei a minha aposentadoria porque eu já não aguentava mais. Achei mesmo que ia morrer, de tanto trabalhar. [...] Sempre estive ocupada, quer dizer que eu não vi o tempo passar, quando eu percebi, já tinha 80 anos (Carmen, 94 anos, viúva).*

Quando um dos membros da família morre, o senso de família pode ser preservado pelo cônjuge que permanece no grupo familiar. Entretanto, se o cônjuge assume o papel de organizador, de promover a união da família, de resolver os problemas de seu grupo, acaba tomando para si uma responsabilidade nova, que antes era desempenhada pelo companheiro. Nas falas, com frequência, aparece a dependência que a morte do cônjuge trouxe para a vida familiar.

- *Ele pensou que eu ia morrer e não se preocupou com a segurança do meu futuro. Deu tudo para os filhos. Hoje não tenho nada, dependo dos filhos, da*

*disponibilidade deles, eles esqueceram que tudo que eles têm teve início com trabalho meu e de meu marido (Cristina, 87anos, viúva).*

- *Quando ele morreu, eu perdi a vontade de viver, fiquei doente, tive que vir morar na cidade, deixei meu passado para trás, cada dia que passava, ficava mais doente. Nada importava (Elvira, 84 anos, viúva).*

- *Minha avó era o elemento de coesão da família, quando morreu, a família se desintegrou. Ela estabelecia as relações entre os filhos e sua família. Todos a amavam e a respeitavam. Era uma mulher forte e sensível. Com sua morte, o sentido de família se perdeu (Darcy, 84 anos, viúvo).*

Nem sempre a família compreende as perdas que os idosos enfrentam. Muitas vezes, esperam que sejam passageiras quando muitas delas realmente não são mais transitórias e afetam a dinâmica da estrutura da família, modificando os papéis, as responsabilidades e as atitudes do grupo referência.

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

O estudo sobre as perdas mostra que elas representam mudanças na vida de alguns idosos. Refletem ainda a presença de valores humanos de que se estruturam na correlação entre o indivíduo, a família e a sociedade, numa demonstração de que o homem tem consciência de sua finitude, mas não

está preparado para enfrentá-la. Lansing<sup>2</sup> (1990, p. 17), quando define o envelhecimento, diz que “é um processo progressivo de mudanças desfavorável, geralmente ligado à passagem do tempo, tornando-se aparente depois da maturidade e desembocando invariavelmente na morte”. Essa definição coloca a morte como fim do processo de envelhecimento, sem, entretanto, tratar das demais mudanças que a vida traz e que são inexoravelmente impossíveis de ser freadas. É o tempo do corpo.

Os idosos falam que a morte de jovens choca mais do que a de velhos e que, no caso dos velhos, há no imaginário uma certa previsibilidade e naturalidade do evento, fazendo com que a morte de velhos seja considerada mais natural para os familiares. É evidente que depende dos laços e dos vínculos construídos.

---

<sup>2</sup> Simone de Beauvoir cita estudos de Lansing, em seu livro *A velhice*, pelo fato de ser um reconhecido gerontólogo americano.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Trad. Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.

MINOIS, Georges. **História da Velhice no Ocidente**. Lisboa: Teorema, 1999.

TAMANZA, Giancarlo. Anziani. **Psicologia sociale e psicoterapia della famiglia**. Milano: Franco Angeli, 2001.

UMBERSON, Debra. **Death of a parent**. Transition to a new adult identity. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

## THE SENSE OF LOSS IN AGING AND THE FINITUDE CONDITION

**Abstract:** The reflection presented in this article is part of the research “Losses, autonomy, and dependency”, carried out by the Center for the Study of Aging of the University of Caxias do Sul, whose aim was to describe as elderly persons see their aging process, and how they see losses and situations of dependency. Thus the research generated this study, which has a qualitative, descriptive nature, and applies the technique of narrative interview to build up its corpus. Selection criteria for the sampling were: sex, rural and/or urban origin, marital status, various occupations, educational level, and willingness to accept the term of consent. Convenience sampling was composed of 30 elderly persons. The subject of finitude appears in the interviews always in association with aging, losses and death. In the interviews the subject of death appears as a main concern of

the interviewees. It is evident that apart from the perception of limitations, there is also a refusal to face the subject when losses and dependency are discussed, situations that can lead individuals to reflect upon death. In this way this paper brings a few thoughts about the subject of death, finitude, losses, and difficulties showed by the elderly in dealing with issues regarding experiences lived in their life projects and their limitations.

**Keywords:** Aging. Losses. Finitude.

Recebido em fevereiro de 2010

Aprovado em março de 2010

# PERDAS PELA MORTE: COMO ABORDAR ESTE TEMA?

Carmen Maria Andrade<sup>1</sup>

Maria Cristina Mores Carvalho<sup>2</sup>

**Resumo:** A morte continua sendo um tabu, apesar de sabermos que é a nossa única certeza. Passamos a vida querendo uma justificativa, mas não encontramos, porque suas razões são desconhecidas. A sua não aceitação é fruto de nossa realidade racional de encontrar significado na morte de uma pessoa querida, em vista do despreparo ou de não sabermos o que dizer à família enlutada. Este texto aborda a perda pela morte relacionada ao contexto de sala de aula, tendo como objetivo levantar sugestões de atividades. A pesquisa empírica foi subsidiada pela corrente de pensamento fenomenológica num estudo da abordagem qualitativa que assumiu o tipo de estudo de caso. Foram realizadas entrevistas dialógicas tanto com crianças enlutadas e seus familiares, como com professores que tiveram alunos que sofreram perdas pela morte. Os subsídios colhidos nos conduziram a construir sugestões de atividades como estratégia de apoio emocional aos alunos, diante da falta de uma metodologia para abordar a temática na escola. O resultado mostrou a vontade de crianças, familiares e professores em serem ouvidos sobre seus conflitos e sentimentos, o que implica num repensar para a escola sobre o ponto de vista da aprendizagem efetiva do aluno como ser-no-mundo e ser-no-seu-mundo.

**Palavras-chave:** Morte. Educação. Sala de aula. Elaboração

---

<sup>1</sup> Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>, Psicopedagoga. Aposentada da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM; Coordenadora do Núcleo Palotino de Estudos do Envelhecimento Humano – NUPEN – Faculdade Palotina da Santa Maria–RS/BR.

*E-mail:* carmen@brturbo.com.br.

<sup>2</sup> Prof<sup>a</sup> Ms; Psicopedagoga, Professora da rede pública de educação de Santa Maria–RS/BR.

de perda.

## **INTRODUÇÃO**

A problemática que nos propusemos a estudar está vinculada aos “vivos”, pois elaborar o morrer significa, por conseguinte, elaborar nosso viver. As perdas, as quebras de vínculos são questões dos “sobreviventes”, os que ainda não morreram, mas têm a consciência da inevitabilidade da morte e das consequências que acompanham a morte.

Segundo a psiquiatra suíça Kübler-Ross (1987), todos nós, que perdemos um ser amado, temos momentos em que nos torturamos e conjecturamos se não poderíamos ter agido melhor. A família, frequentemente, recusa o fato de que seu ente querido está morrendo. Quando o inevitável acontece, às vezes, são necessários vários meses para que a família volte a conversar sobre o assunto.

Tais consequências podem ser resumidas pela classificação proposta por Kübler-Ross (1998). Segundo a autora, o “sofrimento” pela morte passa pelos seguintes estágios: primeiro o choque e a negação; posteriormente, a raiva e o rancor; e, finalmente, a mágoa e a dor; mais tarde, negociação com Deus; e, em seguida, a depressão. Por fim, o moribundo retrai-se por algum tempo, afastando-se dos outros enquanto busca alcançar um estado de paz e aceitação (não de resignação, que ocorre quando não tem com quem partilhar as lágrimas e a raiva). Se esses estágios não foram superados pela família antes da morte, torna-se uma exigência que, após a morte, todos esses estágios sejam “cumpridos”.

Na tentativa de superar o sentimento de perdas, geralmente, familiares e amigos de um moribundo ou de um falecido buscam razões para a morte. Mas a morte não tem como ser justificada, porque suas razões não são conhecidas. A não aceitação da morte é fruto de nossa própria realidade de racionalizar e encontrar algum significado na morte de uma pessoa querida, em vista de estarmos despreparados e não sabermos o que dizer a uma família enlutada.

Tentamos buscar algo de especial na morte para consolar os familiares, o que nada mais é do que simplesmente segurar as mãos da pessoa e compartilhar os próprios sentimentos. Se continuarmos a visitá-la, mesmo depois que todos os parentes e amigos se foram, podemos transmitir um pouco de nossos reais sentimentos e ajudar a família a vencer o processo do pesar.

A perda pela morte é uma constante em nossas vidas. A toda hora perdemos alguém ou conhecemos alguém que perdeu algum parente e, ou amigo. O medo da morte mitificou e problematizou a questão, tornando-a um tabu e algo a ser investigado com mais precisão. Tal investigação pode contribuir para o crescimento pessoal. Essa dificuldade ultrapassa os limites da família e reflete-se na escola, local onde também os profissionais não estão preparados para enfrentar o que é desconhecido, a morte. A psicologia trata a questão como se fosse natural: nascer, crescer, amadurecer, envelhecer e...

Em relação a esse aspecto, Andrade (1996, p. 10) menciona que “nenhuma pessoa deveria morrer antes da ‘velhice madura’, com menos de 100 anos. Qualquer morte antes pode ser considerada como

morte prematura”.

Das crianças, ocultam-se a morte e os mortos, dos quais se guardam silêncio e interrogações, como se fazia em relação ao sexo no passado. Antigamente e ainda nos tempos atuais, o sexo pode ser considerado um tabu. Quando as crianças perguntavam aos pais de onde vinham os bebês, respondiam-lhes que nasciam do repolho ou, o mais popular, que eram trazidos pela cegonha. Hoje, a morte vem tomando o lugar de outros tabus que já conhecemos, como o sexo, a cor, a religião.

Como vivemos em uma sociedade capitalista, dirigida à produtividade, o sexo passa a ser algo positivo, pois reproduz, é vida, ao contrário da morte, que significa fim. Aquele que está condenado à morte perde seu valor, não produz, não troca, não consome. Assim, podemos observar que o cidadão, até então digno, perde sua dignidade, pois tempo é dinheiro.

Atualmente, a mídia estimula, desde a mais tenra idade, a “filosofia do amor”, já que tudo em relação a tal filosofia é permitido. Contudo, quando se depara com a morte e esta tem de ser comunicada, costuma-se utilizar eufemismos para referir-se a ela, com enunciados como “foi para o andar superior”, “des-cansou”. No hospital, fala-se “perdemos na mesa”, “foi a óbito”. Nas comunicações sobre guerra, não se fala em mortos, mas em “desaparecidos”. “Presunto” é a linguagem policial. O morrer é algo impessoal, e os mortos são “coisas”, porque morto não fala.

Há, ainda, o encontro com a “pornografia da morte”. Isso é o que causa excitação, visto a popularidade dos filmes de terror e o aparecimento de um novo cul-

to à violência nas produções cinematográficas.

Para Maranhão, “ao negar a experiência da morte e do morrer, a sociedade realiza a ‘coisificação’ do homem” (1985, p. 19). A morte não pode ser reconhecida, não faz parte do destino; passa a ser um estado de não produção, de não consumação. Heidegger diz que a grande angústia do homem é saber que vive para a finitude (1969).

## **2 EDUCAÇÃO *VERSUS* MORTE**

Na sala de aula, é comum buscar-se desmitificar a questão das perdas pela morte, assim como foi proposto em relação ao sexo. A morte, como a sexualidade, tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, manifestando-se de formas diferentes ao longo da existência, necessitando ser construída a partir das possibilidades individuais e da interação com o meio e a cultura.

Segundo Maranhão, a morte, tão presente, tão doméstica no passado, vai se tornando vergonhosa e objeto de interdição. Nas palavras do autor,

a medida que a interdição em torno do sexo foi se relaxando, a morte foi se tornando um tema proibido, uma coisa inominável. A obscenidade não reside mais nas alusões às coisas, referentes ao início da vida, mas sim os fatos relacionados com o seu fim. Uma verdadeira inversão (1985, p. 09).

Entendemos que nosso aluno é um ser de relação, com sentimentos, e estes devem ser considerados em

sala de aula. Portanto, o fato de perderem um colega ou este perder um parente influencia diretamente o processo educativo, provoca discussão e elaboração pessoal em relação à morte, já que enxergamos na morte do outro a nossa própria morte.

O compromisso educacional, nesse momento, é fundamental e exige que o professor esteja “preparado” para conduzir a discussão de maneira que haja um comprometimento na busca de soluções. Convivemos com a necessidade de preparação para a morte e, mesmo conscientes dessa necessidade, nunca nos encontramos suficientemente preparados para aceitá-la na hora em que ela se torna fato real.

A violência que estamos vivendo atualmente (brigas com mortes dentro da escola ou nos seus portões) também indica a necessidade de um trabalho com todas as pessoas que trabalham para a escola. Auxiliar na vivência de um processo de luto saudável (diante da morte) provoca um aumento na qualidade de vida. Se os alunos se sentirem acolhidos e puderem compartilhar suas ideias e seus medos, é provável que seu rendimento escolar melhore.

Diante disso, propusemos sugerir atividades que colaborem com a instrumentalização do professor no seu trabalho com a questão da morte na escola e, mais especificamente, na sala de aula. A educação é um processo contínuo e permanente na vida humana que se constrói à medida que a pessoa se torna capaz de tomar decisões como um ser responsável, racional e livre, inspirado em valores pessoais de vida.

### 3 O QUE É EDUCAR

Sabemos que a ciência não é neutra, assim como podemos dizer que a educação também não é neutra sobre o comportamento das pessoas. É importante que, no processo educativo, no percurso normal de cada pessoa em família ou em relacionamento social ou de trabalho, haja oportunidades de conviver com aspectos que despertem para a humanização dos grupos de pessoas em suas diferentes condições de vida.

Werneck (1992, p. 11) escreve que

a educação é um processo de aperfeiçoamento humano, cuja função é promover uma realização pessoal, no sentido de crescimento e formação do indivíduo. Dessa forma a educação não pode ser vista como uma técnica ou algo acabado, porém, como um potencial que se estrutura na pessoa a partir das influências formais e informais do meio. Sendo inacabada, ocorre continuamente.

Baseadas em suas colocações, podemos entender que a tarefa do educador deverá ser a de propiciar ambiente e subsídios teóricos para a reflexão sobre as diferentes temáticas.

Observamos que, a partir do sentido etimológico de educar, que quer dizer tirar de dentro (*ex + ducere*), é preciso considerar que o papel do educador é desencadear um processo de reflexão que possibilite aos participantes manifestarem seus sentimentos e sua compreensão referente ao assunto, sem primeiro adestrá-los com argumentos e imposições de normas sociais, previamente elaboradas, ou pela reprodução

do pensamento dominante no contexto social. No entanto, não se pode negligenciar a importância que o contexto social e cultural exercem sobre as pessoas.

Demo (1998) define cultura como sendo um padrão de comportamento assimilado de forma comum num grupo social. A partir de cada cultura, são definidas as formas de sentir e o modo de agir de cada grupo, com os aspectos culturais influenciando o processo educativo. Pode-se dizer que, das várias culturas, herdamos a sabedoria. Dessa forma, considera-se que a cultura é apreendida, assimilada e é transmitida através das gerações nos grupos sociais. Não é determinante genético do comportamento humano do pensar, sentir e fazer, mas desenvolvida pelo homem em seu ambiente sociocultural.

Sartori (1996, p. 39) refere-se à questão de que

o educador deve estar convicto que o processo educativo não se restringe apenas a um determinado aspecto do ser humano em suas expressões cognitivas, afetivas e psicomotoras, mas que esta é também uma questão de complementaridade, da unidade e da integração do indivíduo consigo e o meio.

Dentro dessa perspectiva, o processo educativo permite ao educando tornar-se capaz de tomar decisões como um ser participativo, responsável, racional e livre, sustentado em valores humanos e princípios éticos.

A educação faz ver que a função do educador jamais deve reduzir-se a transmitir conhecimento, e sim possibilitar ao educando assumir sua existência, segundo valores não impostos, mas propostos,

para que o próprio educando se atualize mediante sua capacidade e compreensão e de acordo com o meio onde vive.

O educador, antes de tudo, é mister em construir conhecimento com as próprias experiências e vivências. Nesse sentido, Demo (1991, p. 10) afirma “que não tem nada a ensinar quem não construir espaço científico”. Seguindo sua racionalidade, não se constrói a competência exigida pela cidadania através de treinamentos reprodutivos e desenvolvida verticalmente, de cima para baixo. Deveria preferir-se a horizontalidade de um curso em que se desenvolvam habilidades construtivas, buscando “formar a competência capaz de preparar a vida e dar conta de novos desafios, dentro do contexto da educação continuada” (1994, p. 109).

Entender a educação desse modo exige profunda reflexão sobre construção do saber e da própria experiência, bem como reconhecimento consciente das limitações da ação pedagógica. O educador lida com pessoas, numa inter-relação de sujeitos, necessitando ter a suficiente clareza sobre as possibilidades e os fins do ato educativo.

A sociedade capitalista criou a ideia de inovar para poder competir. Se, por um lado, instituiu um processo de sofrimento e violência sobre os modos de vida, principalmente das classes menos favorecidas da sociedade, por outro lado, obteve um homem em constante busca de aperfeiçoamento, tendo em vista a melhoria das condições de vida e a melhoria de rendimento no trabalho profissional na tentativa de encontrar espaço em que a mão de obra espe-

cializada e a obtenção de um produto ou serviço de melhor qualidade sejam frutos de uma consciência competitiva. Isso confirma que o progresso científico influi em tudo os meios sociais, alterando o comportamento das pessoas e da sociedade como um todo. Percebe-se, uma vez mais, a necessidade de reflexão conjunta, sessões de estudo e tomada de consciência sobre o conhecimento da realidade histórica e social do meio em que se atua e da própria situação conjuntural em que se está inserido.

#### **4 A CRIANÇA E SUA COMPREENSÃO FRENTE À MORTE**

Hoje, as crianças são as mais esquecidas ou resguardadas quando ocorrem mortes. Preferimos pensar que elas não entendem e não as deixamos participar de velórios, enterros e missas de sétimo dia. Quando alguém morre, os adultos utilizam expressões como “foi para o céu”, demonstrando a sua própria dificuldade em aceitar a morte e negando à criança o primeiro momento da elaboração do luto, que é a aceitação de que alguém desapareceu para sempre.

Segundo Buscaglia (1987, p. 117),

as crianças são desencorajadas a comparecer a funerais e recebem respostas lacônicas às suas perguntas a respeito da morte. Ela é mantida como mistério obscuro, amedrontador e, muitas vezes, totalmente devastador, como se fosse um intruso que devesse ser expulso a qualquer preço.

É importante que as crianças de todas as idades participem dos rituais, de modo que elas se sintam incluídas espiritual e emocionalmente no círculo total da vida familiar. Geralmente as crianças aprendem suas respostas à perda pela morte com os adultos da família. Aprendem que a vida não é constituída só de ganhos e momentos alegres; também existem momentos de perdas e momentos tristes.

Conforme Hisatugo (2000, p. 17),

muitas vezes, os adultos temem tratar sobre o assunto com a criança e por meio de indiretas comunicam o ocorrido. Mas o que muitos não sabem, é que a criança possui uma maneira ‘mágica’ de pensamento e fica muito mais confusa com as metáforas pelos adultos.

Nesse sentido, devemos evitar “Deus quis assim”, “Deus chamou para ficar com ele”, ou “está descansando”, “foi embora”, “está dormindo”, pois linguagem figurada, como relata a autora, na verdade, não irá protegê-la, e sim aumentar a confusão. Em relação a Deus, as crianças podem ficar com medo ou ressentidas em relação a um Deus que leva para o céu alguém amado e necessário. Mentir ou fantasiar não ajuda os pequenos a aprender que a vida, um dia, também termina.

No livro *O Menino do Dedo Verde*, de Maurice Druon (1973), o personagem central, Tistu, descobre que seu grande amigo, o Sr. Bigode, não despertara certa manhã. O texto conta:

Bigode resolveu descansar para sempre, disse-lhe

a mãe. Tistu então quis vê-lo dormir. Disseram que não podia fazer isso, pois Bigode tinha partido para uma longa viagem sem volta. Tistu não compreendeu direito. Não se viaja de olhos fechados, pensou ele. Se está dormindo poderia ter dado boa noite, se partiu, podia ter dito adeus. Foi então que ele desconfiou que os adultos estavam lhe escondendo alguma coisa... Acertou na mosca! (1973, p. 21).

O modo como a criança dá sentido à morte depende do seu desenvolvimento cognitivo, emocional e físico, bem como do modo como os adultos lidam com a morte e o que dizem sobre ela.

Walsh e McGoldrick (1998, p. 65) argumentam que

crianças que perdem um dos pais podem sofrer conseqüências profundas a curto e em longo prazo, incluindo doenças, depressão e outros transtornos emocionais na vida adulta subseqüentes. Nisso podemos observar que, se a criança levar para a vida adulta tristezas não resolvidas, provavelmente venha a ter dificuldades no amor ou confiar em seus relacionamentos.

Crianças até seis anos, no aspecto cognitivo, não entendem a permanência da morte. Uma das características dessa fase é o pensamento egocêntrico. A criança pode interpretar erradamente os acontecimentos ao seu redor, principalmente quando se trata de causalidade, pois atribui a aspectos psicológicos a causa dos acontecimentos. Pode pensar, por exemplo, que a mãe foi para o hospital porque ela, a criança, foi desobediente.

De acordo com o que diz Longaker (1998, p. 296), “as crianças mais novas vivem num mundo que pare-

ce um pouco mágico, as circunstâncias e as pessoas aparecem e desaparecem o tempo todo sem explicações”. Para as crianças, as pessoas “morrem e desmorrem”, pois é assim que a televisão, o *video game* mostram a morte. O personagem morre, mas logo já está vivo novamente.

Esses pensamentos fantasiosos fazem-nas acreditar que seu comportamento ou pensamento pode causar ou reverter a morte. Assim como a noção de tempo, porque, para as crianças pequenas, a morte é temporária; elas podem esperar que a pessoa morta volte à vida. Isso porque as crianças desenvolvem gradativamente o conceito de morte e suas implicações e, até entenderem que a morte é irreversível, poderão esperar pela volta da pessoa morta. Elas conhecem a palavra “morte”, mas desconhecem, com já foi dito, suas implicações.

Quanto ao aspecto emocional, irão apresentar mudanças de humor, permanecendo deprimidas por longos períodos de tempo, pois não podem diferenciar sentimentos com a mesma precisão que têm as crianças mais velhas.

Segundo Longaker (1998, p. 298),

as crianças precisam aprender como os outros compreendem a morte, e que os outros membros da família também têm sentimentos confusos e tristes. Podemos deixar as crianças saberem que não estão sozinhas em seus pensamentos negativos ou na expressão de palavras zangadas, enquanto as tranqüilizamos, dizendo que os pensamentos negativos não têm o poder de causar a morte de uma pessoa.

Crianças geralmente concluem que, de alguma forma, causaram a morte. Podem pensar: “eu fui mau, então meu pai me abandonou”, ou “eu desejei que meu amigo morresse e isso aconteceu”. Devemos dizer que ela não tem culpa pelo que aconteceu.

O principal medo da criança, na verdade, não é o medo da morte, e sim o medo da separação ou do abandono. Kübler-Ross diz que,

se a criança for muito nova e não tiver tido tempo de se apegar à figura materna, uma avó poderá facilmente substituir uma jovem mãe e a criança não sofrerá sinais de sentir a perda (1991, p. 97).

Mas, se houver um forte vínculo afetivo, a criança poderá apresentar comportamentos regressivos, como voltar a fazer as necessidades fisiológicas na roupa, tomar mamadeira, chupar bico, podendo ainda ter perda de apetite, distúrbio de sono, vulnerabilidade a doenças...

Há, portanto, segundo Parkes (1988, p. 155),

muitos fatores estressores enfrentados pela criança que perde alguém com quem tem fortes vínculos de apego. A morte, em si, causa desorganização e, com frequência, é assustadora para a criança. No entanto, com apoio adequado do pai ou da mãe sobrevivente, ou de outros parentes, poderá enfrentar o trauma. Sua vida e o desenvolvimento dentro da família continuarão.

As crianças, por volta dos seis anos, não conseguem ver a morte como algo definitivo, que não tem

volta, e passam a fazer de tudo para que a pessoa que morreu volte. Kübler-Ross (1991, p. 98) exemplifica bem a questão:

caso o pai/a mãe estiver zangado com elas, poderão julgar-se responsáveis pelo seu ‘desaparecimento’, acreditando que isso seja um tipo de castigo temporário. Súbita e estranhamente, poderão tornar-se muito bem comportadas, oferecendo-se para lavar e enxugar a louça e para arrumar a cama, e os adultos ficarão impressionados ao ver que esse ‘prestativo pequeno homem’, de repente, tornou-se uma criança tão solícita.

Continuando, Kübler-Ross (1991, p. 98) diz que

esse comportamento é mau presságio, uma vez que decorre da culpa e do medo que a criança sente de ter se comportado mal anteriormente e representa uma tentativa de satisfazer o pai/mãe, de suborná-lo que volte para casa.

No aspecto cognitivo, por volta dos sete anos, ficam claros os conceitos de vida e morte. Por volta dos oito a nove, as crianças percebem que a mortalidade se aplica a elas também. Quando morre alguém, normalmente crianças nessa faixa etária ficam com medo de morrer e de que outras pessoas próximas morram.

De acordo com Hisatugo, “durante esta fase do desenvolvimento infantil, a criança passa a dar-se conta da finitude humana e inicialmente tende a sentir-se insegura a respeito” (2000, p. 29). Por essa razão, as crianças precisam de uma explicação especial de que a pessoa que morreu não tem mais sensações fi-

sicas e, portanto, não pode mais sentir dor. É preciso garantir-lhes que a pessoa não voltará mais.

Hisatugo (2000, p. 18) acrescenta que

enganar a criança é privá-la de desenvolver-se e pode causar sérios danos psicológicos. A idéia de poupar a criança sobre a morte muitas vezes é um argumento adulto para não tratar do assunto. É claro que não há necessidade de contar fatos mórbidos ocorridos com o falecido, mas é importante explicar sobre a finitude humana, a irreversibilidade e nossos sentimentos em relação à morte.

São comuns os distúrbios emocionais e comportamentais, como recusa em ir à escola, roubo, falta de concentração, até um ano depois da morte.

Por volta dos nove anos, as crianças são capazes de verbalizar a verdadeira natureza da morte, compreendendo que esta é tanto final quanto inevitável, aceitando ou não sua finalidade. Mas esta aceitação vai depender de como o assunto é tratado dentro da família.

Nesta direção, Walsh e McGoldrick (1998, p. 77) escrevem que,

quando os membros da família se comunicam abertamente sobre uma morte (independente de suas circunstâncias) e participam juntos dos rituais culturalmente significativos (por exemplo, ritos funerários e visitas ao túmulo), a morte se torna mais fácil de integrar. As tentativas de proteger as crianças ou os membros 'vulneráveis' desta experiência tendem a tornar o luto mais difícil.

Cognitivamente, a aparência do morto é identificada por volta dos 12 anos, quanto às diferenças em relação ao corpo vivo. O adolescente fica muito interessado em entender as características da condição do morto. O pensamento é mais flexível e capaz de abstrações, podendo construir suas próprias teorias sobre morte e vida.

Convém lembrar que a relação da criança com a pessoa que morreu não acaba, somente muda. Por isso, é importante, após o funeral, manterem-se fotos e outras lembranças do falecido para conversar sobre elas com a criança. Isso irá ajudar a formar um novo tipo de vínculo da criança com a pessoa que morreu.

O procedimento mais adequado, então, seria não esconder a morte as crianças, e sim trazer o tema usando métodos compatíveis ao seu desenvolvimento cognitivo.

## **5 O CAMINHO DA INVESTIGAÇÃO**

Este estudo foi sustentado na corrente de Pensamento Fenomenológico. Optamos por um estudo qualitativo que assume o tipo de estudo de caso. As informações foram coletadas e analisadas seguindo os pressupostos do estudo de caso, quais sejam: entrevistas dialógicas, entrevistas semi-estruturadas e gravações em fitas magnéticas.

Para entrar na vivência da experiência com o fenômeno da morte para os participantes, obedecemos a um roteiro, a fim de termos um rumo que nos direcionasse para atingirmos os objetivos desta investigação.

Na sequência, transcrevemos o roteiro da entrevista cujos tópicos obedeceram às questões norteadoras do estudo. Para entender a linguagem do entrevistado, várias leituras do texto são feitas até nos impregnarmos do sentido do todo.

As falas e os trabalhos dos participantes desta pesquisa a que nos propomos analisar provêm de uma atividade desenvolvida com crianças de quatro a 12 anos de idade (que estão e, ou estavam em atendimento psicopedagógico individual), suas respectivas famílias, como também professores que tiveram perdas pela morte de aluno e professores que tiveram histórias de alunos que sofreram perdas pela morte.

Optamos por denominar cada criança, professores e familiares com nomes de personagens de contos de fadas, escolhidos por elas, preservando suas identidades, como forma de respeito à sua cultura e aos seus valores.

A criança lida com emoções primárias que proporcionam sentimentos extremos, agradáveis e desagradáveis, muitas vezes sentindo-se insegura e com medo de atuar em um mundo que descobre dia a dia. Os contos de fadas lidam exatamente com essas situações extremas, maniqueístas, dando esperanças de que “pessoas podem viver felizes para sempre” e que a bruxa má, que representa seus medos, pode, simplesmente, ser queimada.

## CONSIDERAÇÕES DO ESTUDO

Desde o nascimento até o fim da vida, passamos por várias perdas próprias de cada fase do desenvolvimento. Além dessas, passamos por outras situações nas quais algo é perdido e uma outra situação passa a prevalecer: nascimento de um irmão, separação dos pais, mudança de escola, de casa, de cidade. Também as perdas por morte na família ou mesmo na equipe escolar podem trazer novos desafios, tanto ao desenvolvimento do aluno como a equipe escolar.

O modo como a criança dá sentido à morte depende do seu desenvolvimento cognitivo, emocional e físico, bem como do modo como os adultos lidam com a morte e o que dizem sobre ela. A morte dos avós, geralmente, é a primeira experiência da criança com essa dura realidade.

Luto por morte é um acontecimento importante e óbvio, que dificilmente será considerado com superficialidade. É uma reação normal e esperada em resposta a uma quebra de vínculo. Tem como função proporcionar a reconstrução de recursos e viabilizar um processo de adaptação às mudanças ocorridas em consequência das perdas.

Todos os rituais são limitados no espaço e no tempo, proporcionando uma sensação de segurança psicológica para os participantes. O período de separação, o luto e a reintegração social delimitam o tempo para a elaboração da dor. Embora esses aspectos variem de pessoa para pessoa e psicologicamente o tempo não seja cronometrado, eles permitem suporte para a expressão de sentimentos fortes e, sem dúvida, são

de grande importância para a vivência real da perda.

Todas essas situações podem gerar uma crise em que os envolvidos precisam de tempo e do apoio de pessoas orientadas para enfrentar e resolver melhor este desafio.

Nem sempre os profissionais da escola estão preparados para lidar com as perdas e, ou mortes. Isso acontece porque há uma ideia de que só podem lidar com a vida e, também, porque nem sempre estão seguros a respeito dos tabus que rodeiam as perdas pela morte.

A própria escola acaba exigindo que seus alunos vivenciem algumas perdas, como, por exemplo, mudança de série e reprovação. Além disso, muito do desenvolvimento físico e emocional das pessoas está acontecendo também na escola e não somente em suas casas. Portanto, é essencial trabalhar as perdas na escola.

Os subsídios colhidos através das entrevistas dialógicas conduziram o nosso pensamento à sugestão de atividades como jogos, literatura infantil, desenhos, análise de filmes, entre outros, como uma estratégia de apoio emocional aos alunos, diante da falta de uma metodologia que contemple abordar a temática *perda pela morte no ambiente escolar*.

Os depoimentos mostram a necessidade de um re-pensar para a escola, sob o ponto de vista da aprendizagem afetiva do aluno como ser-no-mundo e ser-no-seu-mundo.

O apoio e a orientação psicopedagógica terão papel fundamental para a manutenção da autoestima, da autoimagem e da autoconfiança dessas crianças em formação, nos momentos de relacionamento com

o universo que os rodeiam.

Sabe-se que cada história de vida é única, mesmo que repleta de pontos coincidentes e, ou semelhantes; todos experimentam o conflito, algumas vezes, durante os dias vividos da vida e diante do fenômeno da morte.

É muito difícil para o adulto, principalmente pais e educadores, falarem com as crianças sobre a morte, assim como outros problemas vitais como sexualidade, separação, adoção, doação de órgãos, dentre outros. Mas as crianças não são inocentes em relação à morte, elas têm sua forma própria de perceber, compreender a morte e reagir a ela. O adulto que se silencia diante da morte não está protegendo sua criança e sim deixando-a sozinha em suas dúvidas, medos e fantasias.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. M. **Uma pedagogia para a velhice: o desafio da construção de um trabalho com idosos no Brasil.** Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 1996.

BUSCAGLIA, L. **Assumindo a sua personalidade.** Rio de Janeiro: Nova Era, 1987.

DEMO, P. **Participação e Conquista.** São Paulo: Cortez, 1998.

\_\_\_\_\_. **Universidade e Qualidade,** Canoas, RS, Logos, ano 3, n. 1, 1991.

\_\_\_\_\_. **Educação e Qualidade.** Campinas: Papyrus, 1994.

DRUON, M. **O menino do dedo verde.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

GUENTHER, Z. Educação e morte. In: D'Assumpção, E. **A morte e suicídio – uma abordagem multidisciplinar.** Petrópolis: Vozes, 1984.

HEIDEGGER, M. **O problema do ser o caminho do campo.** São Paulo: Pioneira, 1969.

HISATUGO, C. L. C. **Conversando sobre a morte.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

LONGAKER. C. **Esperança diante da morte.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

KÜBLER R. E. K. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **A roda da vida**: memórias do viver e do morrer. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.

\_\_\_\_\_. **A morte**: um amanhecer. São Paulo: Pensamento, 1991.

MARANHÃO, J. L. S. **O que é a morte**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PARKES, C. M. **Luto**. São Paulo: Summus, 1988.

RODRIGUES, J. C. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Achiamê, 1983.

SARTORI, J. Avaliando a construção da atitude científica do educando a partir do desempenho pedagógico-didático. **Ensaio**: Avaliação Políticas em Educação, Rio de Janeiro, v. 4, n. 10, p. 39-50, jan./mar., 1996.

WALSH, F.; MCGOLDRICK, M. **Morte na Família**: sobrevivendo às perdas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

WERNECK, H. **Você finge que ensina, eu finjo que aprendo**. Petrópolis: Vozes, 1992.

## LOSSES EXPERIENCED BY DEATH: HOW TO DEAL WITH THIS THEME?

**Abstract**: Although death is certain, the subject remains a taboo. Human beings spend a whole life looking for an explanation for death. Non-acceptance is the result of our rational

mind trying to find meaning to the death of a love one, especially in cases of unpreparedness or dealing with the difficulty of not knowing what to say to the family. This article discusses strategies to deal with losses experienced through death as presented in the classroom situation. The empirical research was based on the study of the phenomenological qualitative approach in the framework study. Dialogical interviews were conducted with both children and their bereaved families, and also with teachers whose students have suffered losses through death. The results led us to suggest activities as a strategy for emotional support to students, because there was a lack of methodology addressing the issue at school. Results showed the readiness of children, families and teachers to air their feelings, indicating the necessity to provide the effective lessons in school.

**Keywords:** Death. Education. Classroom-loss preparation.

Recebido em fevereiro de 2010

Aprovado em março de 2010

# MORTE – UM TEMA PARA VIVOS

Evani Moreira Pedreira dos Santos<sup>1</sup>

Minha morte nasceu quando eu nasci,  
despertou, balbuciou, cresceu  
comigo...

M. Quintana

**Resumo.** Este é um trabalho que trata de um assunto tão antigo quanto a humanidade – a morte, a finitude. Conceito eivado de informações as mais diversas: filosóficas, científicas, religiosas, poéticas, artísticas e culturais, sempre preocupou os humanos na busca da longevidade. Traz ao nosso cotidiano angústia, medo, preconceito. Na tentativa de colaborar com a compreensão da morte, o presente artigo deseja demonstrar, que independente de qualquer avaliação, o nosso estar no-mundo é acompanhado inexoravelmente desse fato real e implacável da vida que é a morte.

**Palavras-chave:** Morte. Finitude. Vida. Existência.

A complexidade da existência traz reflexões que nem sempre são objetivamente compreendidas. Entretanto, algumas questões como a própria vida impõe outros conceitos que dela fazem parte: a morte, por exemplo... Como o nascimento, a morte também faz parte do existir no mundo, apesar de ainda ser

---

<sup>1</sup> Professora Assistente do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas. Pesquisadora do Núcleo de Estudos do Envelhecimento da UESC. Ilhéus, Bahia. E-mail: evapedreira@uol.com.br.

tabu em nossa sociedade, e se torna recorrente em todos os lugares e tempos da história da humanidade, a partir de algumas reflexões filosóficas. Desde a construção material do homem, de seu sentido intuitivo, perpassando pela reflexão dos mitos e do cosmo, o toque da religiosidade também trouxe e traz grandes contribuições que nos conduzem ao entendimento sobre a fragilidade humana. Do mesmo modo que os vínculos sociais estão presentes em nosso cotidiano, as diferentes possibilidades inerentes à natureza humana, como envelhecimento, morte, finitude, são registros específicos da nossa existência.

A questão da morte e do morrer como fato social e universal tem, nas diferentes culturas, suas especificidades. Por outro lado, em seu caráter ontológico-existencial, todas as questões, em especial a morte e o morrer, suscitam aprendizagem como indicam estudiosos dessa temática admitindo as referências entre a morte de si e a morte do outro. É um tema que imprime análises de ordem filosóficas e também científicas seguindo a linha interpretativa de Bornheim (2001).

A questão da morte imprime maneiras de pensar nas diferentes áreas do conhecimento envolvendo emoção, dor, sofrimento e angústia. Pensadores como Confúcio, Platão e Sêneca, ou ainda existencialistas como Kierkegaard, Heidegger e Sartre, tentaram algumas explicações que ainda fazem parte de estudos e tentativas de compreensão envolvendo sobretudo o estado de espírito do homem: materialista ou espiritualista.

Fora de dúvida, há entre algumas pessoas certo entendimento: materialista para uns, espiritualistas para outros. Em nosso entendimento, os espiritualis-

tas que não negam as condições psicológicas, morais e culturais dão ao tema um significado forte na cultura, portanto, em nosso caso especial, podemos analisar a forma de respeitar nossos mortos pela maneira que tratamos nossos vivos. Para os espiritualistas, há uma certeza na revelação divina e não apenas uma construção e, ou explicação materialista. A morte pode ser interpretada como uma maneira de renascimento e, ou uma maneira de recomeço para apagar as culpas; final de um ciclo de vida e, ou filosoficamente à luz existencialista - “uma possibilidade existencial” – que gera angústia, temor entre os homens, mas não é um tema mórbido, como dizem alguns. Portanto, a morte é um fato também de ordem social, que determina a natureza de nossa própria existência, de nossa temporalidade, conforme a corrente existencialista, ou seja, própria finitude do homem. “É o tempo que mantém o homem em sua finitude, mantendo-o na problematidade da relação transcendental entre a possibilidade ôntica e ontológica” (ABBAGNANO, 2001, p. 32).

Tomamos aqui alguns enfoques preliminares e de caráter geral para suscitar algumas reflexões, sejam filosóficas, poéticas, antropológicas, psicológicas, biológicas ou religiosas, áreas que não negam que o homem é um ser finito. Isto se pode traduzir na necessidade de se pensar em conceitos recorrentes da existência humana: a morte e a finitude. A cada momento, há em nós uma possibilidade da morte. Esta, conforme Pisetta (2007, p. 221),

é sempre a do outro, uma estatística, um tema embaraçoso, apesar de interessante. Neste sentido, to-

dos estes saberes mantêm-se numa atitude essencialmente desviante, isto é, por mais que explorem e enriqueçam o conhecimento que temos acerca deste fenómeno, os resultados sempre possuem um caráter de encobrimento e de desvio da morte singular.

Pode-se até questionar o processo, mas não se pode negar a morte.

Na construção existencialista de Heidegger, por exemplo, ao citar o *Dasein* - o ser-aí -, há um envolvimento do ser em três lutas de sua existência: o cuidado, a temporalidade e, definitivamente, a queda, ou seja, a finitude. Para esse filósofo, “*finitude* não diz primordialmente término. Finitude é um caráter da própria temporalização” (apud PISETTA, 2007, p. 245). Daí porque conceituamos morte e finitude num entendimento de que o homem é indiscutivelmente um ser para a morte, mas não apenas, exclusivamente, para a morte. Discute-se aqui a sua trajetória, o seu fazer “neste mundo”, o qual, em nosso entendimento, dará o verdadeiro significado da sua existência.

Como a vida, a morte está relacionada com todas as formas de conhecimento. Entretanto, da Biologia à Medicina Legal, entende-se morte “como extinção do sujeito de direito” (VANRELL, 2004, p. 33); não obstante, é a cultura que formata a interpretação da morte na sociedade. Daí entender-se que o respeito pela morte e pelos mortos evidencia a maneira pela qual os vivos são tratados. Por outro lado, a religião pode definir os critérios de interpretação. Afinal, a morte é o fim ou o começo da nova vida? É apenas uma possibilidade existencial?

Platão, refletindo sobre o engendramento do mundo, faz uma análise sobre os mortais:

Deuses, filhos dos deuses de quem sou o Autor e das obras de que sou Pai, nascestes por mim, e sois indissolúveis, tanto que eu não desejaria dissolver-vos. Pois se todo composto é corruptível, querer romper a unidade do que é harmonicamente unido e belo é perversão. Portanto, e porque nascestes, não sois imortais, nem de todo incorruptíveis (PLATÃO, 2002, p. 100).

Nota-se aí uma preocupação com a mortalidade do homem e de sua natureza.

Por outro lado, o homem, em seus mais diferentes estudos, a exemplo do poemático, das reflexões de grandes sábios, traz algo a respeito da questão referendando a afirmação de que a morte é tão antiga quanto fascinante, demonstrando, assim, uma representatividade antropológica das mais significativas, conforme DaMatta (2000, p. 139).

Convém salientar que, nas diferentes expressões da sociedade, como as formas meditativas, religiosas, e mesmo o vocabulário corrente, tanto a morte como o amor são vocábulos inseridos em nosso cotidiano. Assim, dizemos “morro de amor por você”, “ele estava morto de fome”, ou mesmo quando afirmamos que “a ideia da morte me deixa morto de medo”, ou, ainda, o que nos lembra o canto salomônico seis, “o amor é forte, é como a morte.”

Pode-se até classificar a morte em: prematura, esperada, infantil e adulta (aquela da qual ninguém escapa se envelhece) –, assistida ou não, incluindo-se ainda a morte violenta, do homicídio – já tão banal em nosso meio... da casa à rua! - e do suicídio, que nada mais é do que um “dar a morte a si mesmo”

(DASTUR, 2002, p. 91).

Em verdade, a morte gera angústia, emoção, temor, medo, morbidez e até interesse... É preciso compreender que traz em nossa estrutura específica de ser uma vinculação à própria finitude e também reconhecer que a finitude é um exprimir, com autenticidade, a própria existência. É, portanto, uma atitude digna do ser humano e sua ocorrência não se dá apenas em função do seu declínio, do seu envelhecimento.

Entendemos que o que mais apavora não é mesmo a morte, mas o morrer – o seu processo. Não é fácil lidar com tal ideia que, muitas vezes, envolve diferentes aspectos penosos; é um acontecimento legítimo e próprio da condição humana; mesmo depois de curado pela medicina, morre-se mais tarde, morre-se do mesmo jeito. Portanto, “a sabedoria está em aceitar o real, não negá-lo” (COMTE-SPONVILLE, 1997, p. 20).

Em verdade, é um assunto tão complexo que suscita várias interpretações favoráveis para uns, desfavoráveis para outros. Assim, Hans Gumbrecht (2003), teórico da literatura, em alusão à visão heideggeriana, enfatiza uma compreensão da morte como parte da vida e não como “limiar”; não há experiência “social” da morte, sublinha, ela só é acessível ao indivíduo; sendo o fim absoluto da existência individual, a morte, necessariamente, provoca angústia em cada um de nós, daí porque tendemos a fugir dessa angústia individual lançando-nos ao anonimato (e no entorpecimento) da esfera social. Para Heidegger, “só há um modo autêntico de superar a angústia – a antecipação deliberada e confrontadora da morte” (HEIDEGGER, 2003).

Acreditamos que a educação vai promover essa

compreensão, pois “a grande sociedade gosta de maquiagem a realidade, e faz de conta que a morte não é um assunto para gente viva, o que pode facilitar os surtos psicóticos e as neuroses”; nos ensina R. Moraes (2000, p. 100). Não há dúvida de que a vida é feita de angústia, dor, solidão e tristezas, mas também de alegrias. Exatamente por isso, precisamos aproveitar o intervalo que temos do nascimento à morte.

Relembrando DaMatta (2000, p. 135), as sociedades têm de dar conta da morte e dos mortos, mas há um padrão visível quando se lança os olhos sobre a questão: “de um lado, há sistemas que se preocupam com a morte e, do outro, sistemas que se preocupam com o morto”.

Evidentemente que o morto, em seu estado individualizado – morte de si –, pode atrair ao seu entorno, de acordo com a função social que exerceu, muitos ou poucos vivos, mas estes não devem esquecer que tal destino também os espera. Pode até parecer que, ao não se falar da morte, nega-se ou se disfarça. A sociedade neutraliza o fato através da pompa ou do luxo. Talvez por isso mesmo afirma Eco (2009): “a morte é um limite muito desencorajador e muito humilhante” (DERSPIEGEL, 2009).

Parece que esse momento de rapidez tecnológica e de ambição material – quando alguns estudiosos, a exemplo de Moacir Scliar (2003, p. 93), nos dão a entender que historicamente há uma espécie de neutralização da morte através do luxo e da pompa – impedem uma reflexão sobre nascimento e morte, já que nascimento e morte são experiências únicas, talvez até únicos momentos de solidão.

Em sua explicação simbólica, a morte é concebida como passagem para o além ou para o outro mundo. Entretanto, é um fato que determina a natureza de nossa própria existência e, por isso, é preciso aprender a conviver com esta lei universal sem, contudo, deixar de lutar pela vida e, principalmente, pela sua qualidade.

Temos a impressão de que a sociedade, as pessoas já estão mais conscientes de sua finitude e até mesmo em discursos públicos temos assistido a certas afirmações: “o homem deve estar preparado para morrer a cada momento e proceder como se nunca fosse morrer”<sup>2</sup>.

A morte é uma realidade que não queremos falar ou nos falta coragem para trazer à discussão. O fim, a queda, é o destino de cada um de nós (não questionaremos a forma), mas a certeza de que todas as coisas perecem e nós, em particular, temos uma constante de perdas de diferentes tipos até o apagar da chama vital. Apesar de, sob o critério da fé, não apagarmos, continuamos.

Vimos de um abismo de trevas; findamos num abismo de trevas: ao intervalo de luz entre um e outro damos o nome de vida. Tão logo nascemos, principia o retorno; partida e volta são simultâneos; morremos a cada instante. Por isso muitos proclamaram: O escopo da vida é a morte (KAZANTZÁKIS, 1997, p. 38).

A morte é um risco da existência humana. Portanto, reconhecê-la nada mais é do que exprimir com

---

<sup>2</sup> Discurso proferido pelo Senador Pedro Simon, no Senado Federal, em novembro de 2009.

autenticidade a própria existência humana; é, pois, uma atitude digna do ser humano. A morte é o estado individualizado. DaMatta (2000) afirma que, no Brasil, fala-se mais do morto do que da morte. Talvez isso constitua um disfarce para sua negação. Para ele, é uma questão filosófica e existencial. Os mortos imprimem também uma questão religiosa, isto é, de salvação. A preocupação pode variar entre a morte, as causas do morrer e quem é o morto. Assim, a Morte é para todos; o morrer tem causas (de quê?); o morto tem importância social (quem?).

Uma interpretação da ciência e da tecnologia imprime outro tipo de questionamento a respeito do ser humano e uma inserção na cultura vigente. É inegável a presença da tecnologia, seus efeitos e suas vantagens envolvendo relações e enfoques tecnológicos no que se refere à subjetividade humana e até a dissolução do humano propriamente dito. Até onde é humano? Até onde é máquina? A criogenia (congelamento de células) acena para uma vida imortal...

Parece que as respostas caracterizariam a época pós-moderna. Seria esta época, a da criação do ciborgue, uma interpretação dual? Esta resposta e, ou nova criação pós-moderna reproduziria a antropologia do ciborgue com “a mecanização, a eletrificação do ser humano e a subjetivação da máquina” (SILVA, 2000, p. 14), o que contestaria talvez algumas interpretações vigentes. Entenda-se aqui como uma breve referência para possíveis estudos.

Parafraçando Alves (2000, p. 120), acreditamos que A vida começa com uma chegada. Termina com uma despedida. A chegada faz parte da vida. A des-

pedida faz parte da vida. Por isso, a música, a poesia, pintura são representações do sentimento, da emoção, do afeto e de todas as expressões humanas. Todas elas podem dar significados também à morte; tudo isso está impresso na história da humanidade. A exemplo de Hesíodo, Camões, Bach, Magritte, Dürer, entre outros, temos historicamente diversas representações sobre a morte. Entendendo a sutil fronteira entre a poesia, a filosofia – bem como tudo que permeia a construção humana –, identificamos e finalizamos com Helena Kolody (2001), poeta paranaense, que exprime levemente em sua *Cantiga*:  
A vida é linda,/ mesmo doendo/ nos desencontros/  
e despedidas,/ mesmo sangrando/ em malogrados,  
áridos hortos,/ searas maduras/ de sofrimento./  
Chegar ao porto/ da vida finda/ cantando sempre,/  
sonhando ainda.

É a música e o poemático que nos trazem alento e leveza neste conturbado momento em que o real e o imaginário se fundem para tornar a vida mais alegre.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Introdução ao Existencialismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ALVES, R. A Chegada e a Despedida. In: REZENDE, Vera Lúcia (Org.). **Reflexões sobre a vida e a morte**: abordagem interdisciplinar do paciente terminal. São Paulo: Unicamp, 2000.
- BORNHEIM, Gerd. **Metafísica e Finitude**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- COMTE-SPONVILLE, André. **Bom Dia, Angústia!**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DAMATTA, Roberto. **A Casa e a Rua**: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- DASTUR, Françoise. **A Morte**: Ensaio sobre a finitude. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- ECO, Umberto. <http://noticias.uol.com.br>. acesso em 15 nov. de 2009.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. As Faces da Extinção. In: **Folha de São Paulo**. Caderno Mais. 19 out. de 2003.
- KAZANTZÁKIS, Nikos. **Ascese**. São Paulo: Ática, 1997.

HEIDEGGER, M. **Os Conceitos Fundamentais da Metafísica**: Mundo, Finitude, Solidão. Trad. Marco Antonio Casanova. São Paulo: Forense Universitária, 2003.

KOLODY, Helena. **Viagem no Espelho**. Curitiba: Ed. Criar, 2001.

MORAIS, R. Homem e Morte: visão antropológico-filosófica e senso comum. In: REZENDE, Vera Lúcia (Org.). **Reflexões sobre a vida e a morte**: abordagem interdisciplinar do paciente terminal. São Paulo: Unicamp, 2000.

PISETTA, Écio Elvis. Morte e Finitude. **Síntese – Rev. de Filosofia**, v. 34, n. 109, p. 219/246, Belo Horizonte, 2007.

PLATÃO. **Timeu e Crítias**. Curitiba: Hemus, 2002.

QUINTANA, Mário. **A Rua dos Cataventos**. São Paulo: Globo, 1994.

SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos Trópicos**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Antropologia do Ciborgue**: As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VANRELL, Jorge Paulete. **Manuel de Medicina Legal**: Tanatologia. São Paulo: Ed. de Direito, 2004

VIRILIO, Paul. **Entrevista**. Fl. São Paulo: A-24, 04 abr. 2004.

## DEATH: AN ISSUE FOR THE LIVING

**Abstract.** This is a work that deals with a subject as old as human kind - death, finitude. Death is a concept encompassing the most diverse information: philosophical, scientific, religious, poetic, artistic and cultural, always concerned with the human quest for longevity. It raises our daily anguish, fear and prejudice. In order to collaborate with this reality, the paper shows that, regardless any assessment of our being in-world, it is inexorably accompanied of that real and unforgetting life fact.

**Keywords:** Death. Finitude. Life and Existence.



# ENTENDENDO A MORTE PARA COMPREENDER A VIDA

Carmen Maria Andrade<sup>1</sup>

Clarice Luiz Krug<sup>2</sup>

**Resumo.** O presente artigo, fruto de uma pesquisa bibliográfica, aborda questões sobre o viver e o morrer, enfatizando o entendimento da morte para uma melhor compreensão da vida e do ser humano, considerando a importância de penetrar nesse fenômeno tido como proibido, até por meio do falar. Conclui apresentando sugestões que objetivam tornar o tema “conversável”.

**Palavras-chave:** Morte. Autoconhecimento. Linguagem. Elaboração.

A angústia da perspectiva da morte existe, mas encontra-se mascarada, pela ideia alienada que possuímos acerca de nossa imortalidade: *são os outros que morrem*. Apesar de sabermos existir a morte, embora traumatizados por ela e pelo desaparecimento dos entes queridos e certos da nossa própria morte, vivemos igualmente cegos, como se parentes, nossos amigos e nós próprios não tivéssemos nunca que

---

<sup>1</sup> Profa Dra na área de Vida Adulta e Envelhecimento Humano. Aposentada da Universidade Federal de Santa Maria/RS, e coordenadora do Núcleo Palotino de Estudos do Envelhecimento Humano da Faculdade Palotina de Santa Maria – RS/BR. E-mail: carmena@brturbo.com.br.

<sup>2</sup> Mestre em Ciência do Movimento Humano com dissertação na Área de Vida Adulta e Envelhecimento Humano – pela Universidade Federal de Santa Maria – RS/BR. Professora da Rede Pública de Santa Maria – RS/BR.

morrer. Não nos preparamos para morrer, nem tocamos no assunto, pois, supersticiosamente, tememos atraí-la para nós mesmos, e assim ela poderá vir mais rapidamente, podando nossos sonhos e realizações.

Consideramos ser a morte um tema evitado e ignorado pela sociedade. O fato, porém, é ser a morte inevitável. Todos nós morreremos um dia; é apenas uma questão de tempo. A morte, na verdade, é tão parte da existência humana, do seu crescimento e desenvolvimento, quanto o nascimento.

Já começamos a vida com um processo de perda. Somos lançados para fora do útero materno, precisamos dos cuidados de nossa mãe, “somos bebês que mamam, choram, se agarram indefesos” (VIORST, 1988, p. 19).

Evocando nosso percurso de vida, muitas são as lembranças. Quando crianças e jovens - o ingresso e a vida na escola, uma cirurgia, o divórcio dos pais, os ciúmes do nascimento de um irmãozinho, a separação de um amigo, a primeira menstruação, o primeiro amor, a busca de emprego, o fracasso no vestibular... - Quando adultos - casamento, desligamento da casa paterna, desemprego, compromissos financeiros, chegada e saída dos filhos, aposentadoria... - Quando velhos - viuvês, morte de amigos e familiares, doenças crônicas, convivência com os netos, adaptação da casa, adequação do cardápio... são muitos os ganhos, mas também são inúmeras as perdas.

Afastar a possibilidade da perda é uma forma de proteção encontrada pela pessoa para não fazer contato com o sofrimento. Não podemos separar o preparo para vivermos com os limites e as exigências

do dia a dia; do preparo para a morte. Viver as mudanças de uma maneira positiva e responsável já se constitui no preparo para lidar com a nossa morte e com a dos outros.

É no entendimento e na assimilação de “pequenas mortes”, vividas diariamente, que começa nossa preparação. Precisamos trabalhar com as perdas necessárias, as mortes simbólicas e as experiências negativas causadoras de dor, mas oportunizadoras de crescimento.

Este sistema atual de morte nos é introjetado desde a infância, primamos por questões evasivas e eufemismos: “Enfim descansou”... “passou desta para melhor”... “ele se foi”... “dorme para sempre”... “Deus quis assim”..., evitamos que as crianças participem de velórios ou de dizer que alguém que elas muito amam está morrendo. Ao privá-las dessa experiência, estamos fazendo da morte e do morrer um tabu, incutindo nelas um medo desnecessário. Quanto mais tivermos condições de dizer-lhes a verdade, menos traumas e situações angustiantes surgirão. Obviamente que é triste saber da morte do pai ou que a mãe foi atropelada por um carro, mas reforça o fato de o pai ou a mãe não optarem por ir embora.

Se a morte foi de alguém da mesma idade – e principalmente se for de sua família – o fato pode criar um medo enorme. Muitas perguntas invadirão a mente, mas talvez ela nunca as faça em voz alta: “Será que eu também vou morrer”?

De repente percebemos não acontecer a morte somente com os maus como mostrava a ficção televisiva ou os jogos de computador, e também não só com

os doentes ou velhos. Acontece com pessoas de todas as idades também e aos poucos tomamos consciência de nossa própria mortalidade. Ninguém quer morrer, não quer sofrer, mas não conhece qualquer forma de evitar a morte e o sofrimento. Por isso, é aconselhável termos cuidado com palavras do tipo “foi dormir”, “foi para o céu” ou “foi ficar com Jesus”. Essas terminologias podem criar outros problemas na mente das pessoas. Elas não querem mais dormir, é muito bom o céu e elas, também, querem ir, ou não gostam mais de Jesus.

Conversar e compartilhar da emoção do momento é essencial para que as pessoas convivam com a verdade, com uma autoimagem positiva e com a capacidade de lidar com as pequenas “mortes” e exigências da vida futura, bem como com a morte final.

A Dra. Kübler-Ross nos fala, particularmente, em crianças atingidas por doenças incuráveis: “Essas crianças sabem o que as espera depois da vida. As que se preparam para morrer, em vez de ter medo, nos dão lições sobre a maneira de viver” (apud DROUT, 1995, p. 234). Ela conta ter chegado um dia ao trabalho e encontrado diversas enfermeiras e médicos residentes envolvidos numa discussão acaloradíssima, acusando-se mutuamente de terem mentido para um garoto de cinco anos que estava morrendo de leucemia. Parece que alguém dissera ao menino que ele poderia ir para casa naquele dia, pois ele pedira a sua enfermeira para aprontar sua mala. Claro que não havia possibilidade de uma criança tão doente ser liberada e a enfermeira tentou descobrir quem fora irresponsável a ponto de

lhe fazer tal promessa, mas todos que trabalhavam na ala negaram tê-lo feito. Ninguém perguntara ao menino, e a Dra. Kübler-Ross disse que conversaria com ele. Na conversa, ele lhe disse: “*Dra., vou para casa*”. Confusa e abalada com a experiência, voltou para seu consultório sem nada responder. Algumas horas mais tarde, o menino queixou-se de que estava cansado. Deitou-se, puxou o lençol sobre a cabeça e morreu.

A reação da equipe foi de pesar. Mas todos ficaram aliviados por ele ter morrido antes de descobrir que não poderia ir para casa e antes de descobrir que alguém lhe mentira. Mas, nas palavras de Elizabeth Kübler-Ross, “acho que ele sabia de verdade, que ‘estava’ indo para casa, num sentido muito mais profundo que a equipe estava preparada para entender”.

As crenças religiosas ou filosofias de vida podem ajudar e muito na preparação e no enfrentamento mais tranquilo de uma perda. A certeza da continuidade da vida após a morte ajuda as pessoas a lidarem com o “nihilismo de nossa cultura materialista, em que o abstrato e o invisível não são reconhecidos” (KÜBLER-ROSS, 1996, p. 92). Mas ela também alerta para o risco de não cairmos no extremo e passarmos a entender a morte de uma forma leve demais, porque, agindo assim, também estaremos escondendo nosso medo de encará-la.

Considerando o modo particular de cada cultura ao escolher respostas às questões de morte, tudo parece resumir-se numa só pergunta: qual o significado da morte na existência humana? Por que morremos? Qual o sentido da existência humana? Como pode-

mos ser felizes e viver em paz? Portanto, parece mais razoável procurarmos respostas que nos proporcionem paz e força para vivermos esta vida com significado e propósito.

Um elemento necessário para esse processo é a recuperação e o desenvolvimento da dimensão humana que conduz ao autoconhecimento. Podem o professor e as instituições de ensino ignorar isso e colocarem-se à margem dos acontecimentos? Ou compete também ao educador agir no sentido de contribuir para os constantes desafios impostos quando um aluno pergunta: “Eu vou morrer”? Ou ainda quando alguém questiona: “Quem sou eu”? “Por que estou aqui”?

Do mesmo modo que nos preocupamos hoje com a educação política, com a formação do cidadão e do profissional, podemos e devemos preocuparmo-nos com o desenvolvimento dos seus aspectos transcendentais. Quando falamos de dimensão transcendente como objeto da educação, referimo-nos a um aspecto que ultrapassa o cognitivo, o físico, o social e o político, os quais, de uma forma ou outra, já vêm sendo alvo da atenção dos educadores. Falamos do aprofundamento da condição de ser, do autoconhecimento, da sensibilização para a questão dos valores humanos. O importante consiste em a educação colaborar para despertar maior consciência de unidade nas pessoas para que elas possam compreender o ser humano como uma unidade que integra corpo e mente; compreender o indivíduo constituído de uma unicidade “cérebro-espírito”, na qual tudo que afeta o ser afeta o espírito e tudo o que afeta o “cérebro-espírito” envolve também o ser (MORAES, 2007, p. 109).

É nesse sentido que a educação pode colaborar, pois significa ajudar a pessoa a construir sua identidade pelo autoconhecimento. Significa o conhecimento de sua própria natureza humana para saber quem é, quais seus talentos, suas qualidades e defeitos que possui. Pressupõe acesso aos sentimentos, às emoções e aos afetos.

Se não sabemos quem somos, não haverá base para um pensamento correto. Se não nos conhecemos, não haverá transformação. “Para transformar o mundo, é preciso, primeiro, compreender a si mesmo e querer se transformar” (WERBER, 2001, p. 23).

Na visão holística da educação, ciência e espiritualidade convergem e se fecundam. Para a harmonização de ambas, os grupos de pesquisa e ação transdisciplinar constituem-se em instrumento privilegiado. Porque são grupos nos quais se exercita a visão unificada dos objetos, descobrem-se novas facetas e pesquisadores e agentes revelam-se como pessoas (CARDOSO, 1999, p. 69). Nesses grupos, as pessoas desenvolvem qualidades humanas profundamente benéficas: a humildade em saber ouvir, o respeito e a criatividade.

Sabemos que, hoje, é possível a leitura corporal da história de cada ser humano, o registro de traumas e tensões. A forma, a postura, o movimento sinalizam temperamentos, tendências e distrofias físicas e psicológicas (WEIL; TOMPAKOW, 1995, p. 45).

Fazer a leitura de tais sinais é tarefa de psicólogos e fisiatras. No entanto, a prevenção dos distúrbios pode muito bem ser feita pelo professor, com o uso de exercícios de expressão corporal, relaxamento, biodança, contato com a natureza, eurritmia...

Exercícios e atividades com tais fins devem ser mais um recurso para a instituição de ensino poder cuidar seriamente da afetividade, pois muitas das tensões ocasionadas pelo processo de perdas em suas experiências familiares, nas ruas e na própria instituição, podem ser aliviadas. As histórias, a música envolvendo práticas corporais, o teatro, as brincadeiras, o desenho têm efeito catártico.

Determinados acontecimentos considerados traumáticos, como a perda pela morte, permanecem como marcas profundas na psique dos envolvidos nos fatos. As lembranças persistem, também, através de sonhos desagradáveis, que invadem o inconsciente das pessoas durante o sono. Além de pesadelos, elas podem ser invadidas por sonhos de ansiedade que as deixam apreensivas pela hipótese de que, em breve, também morrerão. Algumas tentam dormir de olhos abertos para não sonhar.

Todas essas reações são bem conhecidas por psiquiatras como os sintomas principais do distúrbio da tensão pós-traumática. Terr escreve que, “no núcleo desse trauma, está a intrusa lembrança da ação violenta central: o disparo de uma arma, a visão da morte, o som, os gritos ou o súbito silêncio da vítima” (apud GOLEMAN, 1995, p. 216).

Esses momentos vividos tornam-se lembranças impressas nos circuitos emocionais. Qualquer outro fato traumatizante pode ocasionar terríveis medos, porque o momento temido pode acontecer mais uma vez.

Contudo, o medo passa com o tempo se houver um processo de reaprendizado natural, ou seja, à

medida que o objeto temido for encontrado de novo em circunstâncias diferentes. Referindo-se a esse aspecto, Goleman afirma, sobre uma pessoa:

que tem medo de cachorro porque um dia foi perseguida por um rosnante pastor alemão vai aos poucos e naturalmente perdendo o medo se, digamos, se muda para perto de alguém que tem um pastor alemão simpático, e passa seu tempo brincando com o cachorro (1995, p. 221).

Uma das formas como essa cura emocional ocorre espontaneamente é através dos jogos e brincadeiras. Através dessas atividades, é possível reviver o drama num ambiente em que se sentem seguras, brincando. Observamos, nesse caso, dois aspectos de cura: de um lado, a memória repete o contexto de baixa ansiedade, permitindo que um conjunto de respostas não traumatizadas se associem a ela. Outro aspecto é que, em suas cabeças, podem magicamente dar ao seu drama particular um “final feliz”: às vezes, ao brincarem de morrer, elas fortalecem seu senso de domínio sobre o traumático momento de impotência (EDWARDS et al., 2007, p. 261).

Enquanto os adultos e os velhos que passaram por processos de perdas consideradas arrasadoras bloqueiam a lembrança ou sensação do momento, a psique das crianças lida diferentemente:

elas se tornam menos entorpecidas para o trauma porque recorrem à fantasia, às brincadeiras para lembrar e elaborar o sofrimento por que passaram. Essas reencenações impedem a necessidade

de represar o medo em poderosas lembranças que podem depois irromper como flashbacks (TERR, apud GOLEMANN, 1995, p. 223).

Podemos observar ser o cérebro emocional altamente sintonizado com simbolismos e com o que Freud (apud HERMANN, 2004, p. 33) chamou de o “Processo primário”: as mensagens dos filmes, as histórias, os mitos, as artes. São recursos muito utilizados no acompanhamento dos traumatizados. A arte oferece a oportunidade de “falar” de momentos sobre o qual não ousaríamos falar em outras circunstâncias. Referências ocultas à cena traumática aparecem sempre nos trabalhos artísticos. O desenho possibilita a abertura, por isso o ato de desenhar é em si terapêutico, pois possibilita o início do processo de elaboração da perda.

Relaxamento, olhos fechados, mente tranquila, conduzida pelo professor, imaginando paisagens ou cenas de paz, permitem elaborações positivas e a progressiva tomada de consciência do agora e do hoje.

Para o trabalho e a prática diária da sala de aula, o professor pode utilizar preces, ditos famosos, provérbios, poesias e músicas que expressem a realidade desejada.

Por meio da técnica do conto, evidenciam-se ações e problemáticas semelhantes às nossas. Pelo entusiasmo e colorido com que os personagens das histórias são apresentados, suscitamos o desejo de ir além, a identificação pessoal, o desvelar-se (BETTELHEIN, 1980, p. 17).

O conto pode ser extraído do dia a dia, o que possibilita discutir soluções para as dificuldades e os

conflitos existenciais. Podemos, ainda, extraí-lo da mitologia, tão rica em símbolos. E, ainda, do cancionero popular e folclórico, podendo também a pessoa criá-lo, a partir de sua vivência.

A apresentação desses contos “criados” que emergem da problemática existencial de cada um pode ser narrada, encenada, gesticulada, para que se constitua num processo interativo e dinâmico de intensas trocas.

É esperado que, para a realização de atividades como as sugeridas até então, haja uma pequena apreensão por parte do adulto. Sabemos que a dificuldade de falar sobre a morte está diretamente relacionada com nossa cultura.

Em nosso dia a dia, geralmente não conversamos sobre o que estamos sentindo. É difícil falar com o coração aberto porque isso requer emocionar-se, o que nos levaria a pensar sobre nós mesmos.

Diferentes dos adultos e idosos, as crianças falam o que sentem. Estão sempre perguntando e, na maioria das vezes, ensinamos o silêncio, introjetado na infância e eclodindo nas fases seguintes em forma de inúmeros conflitos existenciais.

Nós, adultos, precisamos demonstrar segurança para que as crianças e os jovens busquem novidades. Portanto, falar-lhes sobre a morte é contar-lhes sobre a vida, já que nela passamos por perdas e ganhos.

Enganar as pessoas é privá-las de se desenvolverem, podendo causar sérios danos psicológicos. Quando queremos “poupá-los”, estamos evidenciando um argumento que revela nosso medo interior acerca do assunto. É importante explicarmos a finitude humana, a irreversibilidade, nossos sentimen-

tos em relação à morte e as inúmeras contribuições culturais a respeito da temática.

Acreditamos que as iniciativas aqui expostas podem auxiliar o processo de elaboração de perdas, bem como aprofundar o processo de autoconhecimento para que possamos olhar os problemas existenciais, solucionando nossos conflitos mais íntimos.

## REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CARDOSO, Maria Luiza Pontes. **Educação para a nova era: uma visão contemporânea para pais e professores**. São Paulo: Summus, 1999.

DROUOT, Patrick. **Nós todos somos imortais**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

EDWARDS, C. Gandini L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2005.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

HERMANN, Fábio. **O que é psicanálise**. São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 2004.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo. Martins Fontes, 1996.

KLÜBLER-ROSS, E. **A roda da Vida: memórias do Viver e do Morrer**. Rio de Janeiro, Sextante, 1996.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papirus, 2007.

VIORST, Judith. **Perdas necessárias**. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

WEIL, P.; TOMPAKOW, R. **O corpo fala**. São Paulo: Gente, 1995.

WERBER, R. **Diálogos entre cientistas e sábios: a busca da unidade.** São Paulo: Cultrix, 2001.

## UNDERSTANDING DEATH TO UNDERSTAND LIFE

**Abstract.** This article was the result of a literary bibliographical study about the issues of living and dying, emphasizing the understanding of death to define human life, considered as a phenomenon seen as forbidden, even to talk about. The conclusion suggests methods for discussions of these themes relating to death.

**Keywords:** Death. Self. Language. Development.

Recebido em setembro de 2009

Aprovado em dezembro de 2009

# VIDA E MORTE: UMA EDUCAÇÃO PARA A LONGEVIDADE

Celia Maria de Souza Sanches Vieira<sup>1</sup>

**Resumo.** O objetivo deste trabalho é articular a historicidade do envelhecimento, enfatizando principalmente a finitude do ser humano, demonstrando a naturalidade desta etapa final da vida, que amedronta e causa pânico na maioria das pessoas. É proposta neste trabalho uma educação com atividade contínua ao longo da vida, proporcionando uma atualização cultural e uma melhor compreensão do mundo em que se vive, aprendendo a se preparar para a finitude. A morte é um processo que se pode comparar com momentos como amar, viver e sonhar, só que a conjugação do verbo morrer representa o fechar do livro, da história que você viveu, às vezes linda e cheia de contos vividos, alguns opacos, tristes, outros alegres. Porém é você quem constrói e reconstrói a história de sua vida para ser contada e lembrada após sua morte. A pesquisa bibliográfica pontua a historicidade do ser humano e as aquisições de perdas significativas e contínuas, favorecendo uma reflexão sobre o ponto final da existência humana. A proposta é colaborar com o saber envelhecer e ressaltar que viver é uma forma de transformação; contudo, a existência da morte é sempre decisiva para nossa compreensão e nossa grande admiração pela vida.

**Palavras-chave:** Educação. Vida. Morte. Longevidade.

---

<sup>1</sup> Coordenadora Pedagógica da Universidade Aberta da Terceira Idade/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UnATI/UERJ, Gerontóloga – Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia - SBGG, Mestra em Ciências Pedagógicas - Instituto Superior de Estudos Pedagógicos - ISEP, *E-mail:* sanches\_celia@yahoo.com.br.

## INTRODUÇÃO

A expectativa de vida do ser humano cresceu com o desenvolvimento científico, tecnológico e cultural. As descobertas e o progresso na medicina, a higienização pessoal e alimentar permitiram uma existência mais longa e saudável do indivíduo. Isso é uma realidade atual, amanhã será histórica.

O sujeito na pós-modernidade não tem uma identidade fixa e permanente; ele sofre uma transformação constante. Nascemos, crescemos, procriamos, temos narrativas históricas no decorrer de nosso desenvolvimento até a morte. Não existe uma história cômoda da identidade, do nascimento até a velhice, chegando finalmente ao término de existência. Quando a identidade muda, sofre um processo que poderá ser de sucesso e, também, de perdas; não é uma mudança automática, tem o seu tempo de transformação.

A extensão da vida traz novas responsabilidades sociais, culturais e educacionais, proporcionando mudanças sobre o entendimento da condição humana diante do envelhecimento da população, construindo, de forma significativa, diversificadas oportunidades institucionais. Aposentadoria, educação permanente, habitação, saúde, lazer são fatores de qualidade para esta clientela.

Para Both (1999), no entanto, convém propor-se a aquisição de condutas que gerem conhecimentos, atitude e capacidade de autonomia na aprendizagem. O objetivo educacional reside em pôr em relevância a preservação e o aperfeiçoamento da vida nas suas funções biopsicossociais com vistas a qualificá-la in-

tensiva e extensivamente durante todo seu ciclo.

Este processo natural, dinâmico, progressivo e irreversível instala-se em cada ser humano desde o seu nascimento, e o acompanha ao longo da vida, culminando com a morte. O ser humano envelhece ou se aproxima da morte logo após o nascimento. A gerontologia moderna compreende o significado da morte como fato comum e normal. A questão é a necessidade de observar onde está a grande ênfase: na vida ou na morte.

Segundo Jung (apud KOVÁCS, 2008, p. 9),

temos vinte anos para nos prepararmos para a vida, deveríamos ter o mesmo tempo para nos prepararmos para a morte. Pode-se preparar para morte, vivendo intensamente em busca do seu significado.

Este significado de nos prepararmos para a finitude não é um sinal de loucura; é um momento de reflexão de cada etapa vivida, cada instante, cada mudança, e a sensação do imediato que a morte começa com o nosso fim, o nosso total e universal.

## **2 O RITUAL PARA A FINITUDE**

O ritual se define como uma cerimônia em que gestos, palavras, objetos, emoções de poder místico homenageiam a divindade. Estas cerimônias são bastante diversificadas, e as religiões possuem ritos funerários encarregados de preparar e garantir a entrada do morto na outra vida (CHAUI, 2002, p. 302).

O homem e a mulher nem sempre envelheceram. Eles morriam antes, de várias epidemias, má nutri-

ção ou nos caminhos de busca da glória. Para Duby (1999), somente alguns privilegiados prolongavam sua existência, pois a expectativa de vida das pessoas na Europa Medieval não ultrapassava os 25 anos; era necessário ser mais forte do que os outros para sobreviver. Após lamentações pela perda de sua vida, o moribundo teria de cumprir os rituais que eram de costume daquela época: a despedida de quem tivesse ao seu lado, o pedido de perdão aos comparsas atuantes, e logo em seguida recomendavam-no a Deus.

Conforme Ariès (1977), a própria pessoa tomava algumas medidas prévias e se encarregava de todas as providências necessárias a uma cerimônia fúnebre que fosse pública, aberta a todos que pertenciam à sua comunidade, incluindo as crianças, que também participavam de todos os atos relativos à morte. Eram convidados os parentes, amigos e vizinhos, que não hesitavam em comparecer.

Segundo Duby (1999), a epidemia determinou uma elevação geral do nível de vida. Durante meio século, a peste permaneceu em estado endêmico até que, por volta de 1400, o organismo humano desenvolveu anticorpos que lhe permitiram resistir. Houve também progresso na higiene e, como consequência da elevação do nível de vida, mudanças de hábitos como o uso de roupas íntimas, vestimentas que se lavam. Anteriormente, por volta do ano 1000, homens e mulheres vestiam-se, em grande parte, com peles de animais.

As doenças foram consideradas como uma punição do pecado. Na desordem, procuravam-se responsáveis e bodes expiatórios, e os judeus e os leprosos foram culpabilizados.

Dizia-se que eles tinham envenenado os poços. Houve um desencadeamento de violência contra os que apareciam como os instrumentos de um Deus vingativo, que fustigava suas criaturas lançando sobre elas a doença (DUBY, 1999, p. 89).

Os judeus e os leprosos eram isolados e excluídos da sociedade, separados dos outros, diferenciados por suas vestimentas e pela matraca que agitavam. A rejeição do miserável ou do imigrante já existe, não se pode negá-la. De fato, ela se manifestou na Idade Média, porém mais tarde, no século XIV (DUBY, 1999, p. 46).

A comunidade judaica se especializou em comércio e praticou empréstimos a juros. Nesta época, do século XIV, começou a surgir a grande peste na Europa; os judeus eram considerados inimigos, tratados como responsáveis pela desgraça na população. Esta catástrofe devastadora e assustadora conhecida como a “peste negra”, transmitida essencialmente pelas pulgas e pelos ratos, dizimou um terço da população europeia. Não havia mais madeira para fazer os caixões e o ar viciado propagavam odor terrível; assim, era recomendado queimar ervas aromáticas nas ruas para amenizar o mau cheiro que exalava dos corpos em decomposição. Os homens não questionavam o desaparecimento da espécie humana; estavam certos de que eles estariam em outros lugares, no céu ou no inferno.

### 3 A OCULTAÇÃO DA MORTE

O mito da imortalidade continua de forma latente na mente de várias pessoas como forma de reencarnação, assegurando o não desaparecimento do mundo, crença esta que motiva diversificados trabalhos científicos. A morte não é um fracasso na vida, mas uma etapa final de todos os seres vivos. "Quando a pessoa se prepara adequadamente para a boa morte, como para qualquer momento da vida, há maior probabilidade de que tudo transcorra bem" (MORAGAS, 1997, p. 245)

A cronologia exata do nascimento da velhice não é tecnicamente declarada. Sobre esta questão, diz Monteiro:

O organismo dos velhos é sempre um organismo em processo de transformação, assim como o de um jovem ou de uma criança. Portanto, não somente os velhos envelhecem... Da concepção à morte, nunca deixamos de envelhecer. Por esse fato, podemos considerar que envelhecer é sinônimo de viver (2001, p. 28-29).

Viver é estar consciente dos movimentos nascentes do corpo que clama por conhecimentos. A saúde, bem como a doença, está localizada no corpo de pessoas específicas e isoladas, tratando-se de um processo individual, ou seja, pertencente exclusivamente a cada pessoa, daí a recomendação de que "a terapêutica deve ser localizada e sempre objetiva, orientada para problemas específicos", afirma Monteiro. Ainda de acordo com ele, "Os distúrbios físicos requerem, portanto, intervenções físicas, porque todo processo patológico é um fenômeno físico e nunca um fenôme-

no biopsicossocial” (MONTEIRO, 2001, p. 71).

O surgimento do enfraquecimento na atividade física é consideravelmente sucessivo e natural nos idosos, porém os lapsos de memória deixam de ser lapsos e tornam-se perturbações. Qualquer parte do corpo que deixa de ser usada atrofia e definha por também ter sido retirada a consciência dessas partes. É necessária a prática da atividade física como resposta de hábito de vida, o que traz um resultado saudável possibilitando a longevidade. O idoso é sempre ambivalente, sabe mais, aprende a economizar o tempo, a desperdiçar menos, porém, cada vez mais, terá saudade do que não pode mais fazer, ainda que tente.

É importante ressaltar os benefícios trazidos pelas diversas áreas do saber, lançando um olhar reflexivo para o estudo da Gerontologia, que proporciona uma compreensão maior em relação ao envelhecimento humano. Este processo natural, dinâmico, progressivo e irreversível instala-se em cada ser humano, desde o seu nascimento, e o acompanha ao longo da vida, culminando com a morte.

A consciência da própria morte é uma importante conquista constitutiva do homem. O homem é determinado pela consciência objetiva de sua mortalidade e por uma subjetividade que busca a imortalidade (KOVÁCS, 2008, p. 29).

Na verdade, não é a morte, mas o conhecimento da morte que cria problemas para os seres humanos... "O problema da morte é sua ameaça incessante a suas vidas" (ELIAS, 1990, p. 11-12).

Entretanto, na nossa sociedade, a noção de morte tem conotação negativa, como nas expressões morto de fome, morto de saudade, morto de cansado, entre outras.

A morte social, segundo Moragas (1997), identificada com a aposentadoria ou perda do papel ativo e econômico, é a passagem para um papel passivo, não somente econômico como também social. Há outras manifestações que restringem os contatos sociais com o exterior: prisão, residência geriátrica, ou a mudança de habitação ou de bairro, com ruptura dos laços sociais habituais.

O nascer e o morrer são acontecimentos biológicos e simbólicos traduzidos por rituais que possuem e fazem sentidos na vida do ser humano.

Viver e morrer são descobertas da finitude humana, de nossa temporalidade e de nossa identidade: uma vida é minha e minha, a morte. Esta, e somente ela, completa o que somos, dizendo o que fomos (CHAUI, 2002, p. 365).

O sabor da morte tem gosto amargo da solidão momentânea, da despedida, da partida, do ir sozinho para um mundo desconhecido, o que, na hora desta viagem, é uma grande saudade do que foi vivido, dos familiares, dos momentos felizes; porém, devemos aprender a partir sozinhos. Quem não aprender a se preparar para morrer terá dificuldade de viver bem.

## 4 A MORTE NA SOCIEDADE

Fatos importantes da história da civilização ressaltam que a família executava a maioria das funções, que mais tarde passaram a ser atribuídas ao serviço social organizado, amparando os portadores de doenças, crianças e idosos. A família, que era extensa, atualmente é formada basicamente pelo marido, mulher e o mínimo de filhos. Indiretamente, esta família foi atingida pelo processo de industrialização e urbanização, reduzindo a prole, antes tão numerosa, com bastantes filhos, primos, tias e outros. Cabia às filhas o papel de cuidadoras de doentes e idosos, já que a maioria estava presa às obrigações domésticas. Entretanto, a família contemporânea não reúne mais condições para cuidar adequadamente das pessoas idosas. Isso não deriva de má vontade, insensibilidade ou comodismo de seus membros, pois, com todos os problemas de ajustamentos e desajustamentos, dificilmente poderá manter condições de continuar a arcar sozinha ou, em grande parte, com os pesados encargos de cuidar dos doentes e idosos. Estas tarefas deveriam ser repartidas ou transferidas para instituições estaduais, municipais ou outros órgãos competentes.

A unidade familiar deixou de praticar esses cuidados para entregá-los nas mãos de profissionais, já que a família tem sua limitação de conduta. As filhas, que ficavam nos afazeres da casa, modificaram-se, trabalhando para ajudar no sustento da família, cumprindo dupla jornada de trabalho: em casa, fazendo os afazeres domésticos; no trabalho, assumin-

do as atividades e responsabilidades profissionais.

O local da morte era em casa, porém passou para o hospital ou as instituições geriátricas; com isto, a morte distanciou-se e escondeu-se da sociedade. Muitos idosos prefeririam morrer em casa, no calor familiar, a falecer naquele local frio, distante de seus entes queridos.

Depois dos funerais, a saudade permanece no coração dos sobreviventes, como se o morto não tivesse morrido, e sim como se tivesse viajado para um lugar bastante longe, tornando-se memorável.

## **5 O MEDO DA MORTE**

De acordo com Ariès (1977), o homem ocidental já tendia a dar à morte um sentido novo. E a morte passou a ser cada vez mais considerada como uma transgressão que arrebatava o homem de sua vida cotidiana, de sua sociedade racional, de seu trabalho uniforme para lançá-lo em um mundo irracional, sombrio e atormentador.

Contudo, foi durante a segunda metade do século XIX que a morte deixou de ser vista sempre como bela, passando a mostrar os seus aspectos repugnantes, que deram origem ao medo em relação a esse fato. “Esse medo da morte manifestou-se, em seguida, pela repugnância, primeiro, em representar e, depois, em imaginar o morto e seu cadáver [...]”, conforme Ariès (1977, p. 91).

No século XX, a morte como solenidade pública e coletiva transformou-se em algo feio e escondi-

do, deixando de ser doméstica para ser institucionalizada e isolada, principalmente, em um hospital. Já não se morre em casa, rodeado pela família, mas num leito hospitalar, em silêncio e, às vezes, sozinho. Isso sucedeu timidamente nas décadas de 1930 e 1940 e, de modo mais acentuado, a partir de 1950. Logo, há cerca de 60 anos, as atitudes do homem ocidental perante a morte mudaram profundamente. De modo evidente, muitos traços ainda lembram os antigos costumes. Porém, o seu sentido original foi modificado.

A morte causa um temor e terror, da imagem antecipada da morte. Se eu caísse morto aqui e agora sem qualquer dor, isso seria minimamente assustador. Não estaria mais aqui, e conseqüentemente, não sentiria o terror (ELIAS, 2001, p. 53).

O terror é despertado somente pela imagem da morte na consciência dos vivos. Para os mortos, não há temor nem alegria. A morte é o fim absoluto da pessoa, a morte está presente, como deve ser para todas as pessoas.

O medo de morrer junta-se a outros medos, como o da demência, de uma enfermidade definitiva, da perda dos automatismos, das dificuldades para ler, da humilhação suplementar, dos comprimidos antes, depois, durante e, sem contar, das diversas consultas e exames. “Poucas pessoas vivem permanentemente com a inexorabilidade da morte. A recusa em envelhecer revela mais hedonismo conquistador do que angústia que, na noite, nos desperta em um ex-

tremo mal-estar” (OLIEVENSTEIN, 2001, p. 72).

A morte não é terrível; passa-se ao sono e o mundo desaparece; terrível pode ser a dor da perda sofrida pelos vivos, quando morre uma pessoa amada. As pessoas que estão próximas dos moribundos muitas vezes não têm capacidade de confortá-los com a prova de sua afeição, a dificuldade de acariciá-los é muito grande; porém este carinho para o moribundo proporciona uma linda sensação de proteção e tranquilidade na entrega do seu corpo para as providências necessárias.

## **6 AXIOLOGIA EDUCACIONAL PARA A TERCEIRA IDADE<sup>2</sup>**

As universidades da terceira idade não eram levadas a sério. Pensava-se que a escola só poderia ser benéfica para os mais novos; os velhos não deveriam estudar, logo morreriam, pensavam eles, seria um gasto sem retorno. Atualmente se percebe outro olhar, apesar de alguns acharem que o idoso não tem direito algum.

Na década de 1990, no Brasil, as conquistas começaram a se consolidar na ação das lutas e na mobilização deste segmento, pela reposição e atualização dos valores de suas aposentadorias. Ademais,

---

<sup>2</sup> A expressão “Terceira Idade” originou-se na França, no início da década de 1960, com propostas voltadas para os idosos, uma forma de servir e alertar para o crescimento populacional nos países do mundo, tanto nos desenvolvidos como naqueles em desenvolvimento.

percebe-se que a sociedade brasileira não se interessa com afincos pelos assuntos que dizem respeito aos idosos, com pensões e aposentadorias defasadas, que não cobrem gastos com alimentação e remédios.

A Universidade da Terceira Idade é uma dádiva na sociedade contemporânea, tornando-se um marco importantíssimo, expandindo-se a cada momento em diversas universidades públicas, privadas e outras instituições, oportunizando a esta clientela a inserção em uma educação permanente, na qual o idoso aprimora seus conhecimentos em diversificados cursos e, muitas vezes, consegue obter retorno financeiro dos trabalhos realizados manualmente, acrescentando uma parcela significativa ao seu orçamento diário.

A demanda participativa e atuante das universidades da Terceira Idade apresenta um fluxo maior do sexo feminino; o sexo masculino raramente ultrapassa os 20% dos alunos participantes das atividades. Pode-se falar do significativo sucesso desses programas, articulando de forma substancial projetos educativos e incentivando atividades que objetivam a reconstrução de sua identidade, através de eventos comemorativos, bailes, excursões, atividades físicas e outras propostas. Estas atividades favorecem as possibilidades de ampliação do círculo de amigos, muitas vezes de surgimento de namoros de senhoras e senhores que enviuvaram e encontraram sua nova cara metade dentro da universidade.

A axiologia educacional demonstra a sustentabilidade curricular das aquisições de promoções conquistadas, e as prometidas na lei do idoso, enfatizando uma pedagogia consciente, consistente e

convincente, com o propósito de garantir uma aprendizagem reflexiva, contemplando o exercício pela cidadania e a construção de saberes culturais no processo de grandes transformações. O ser humano apresenta a historicidade da sua conquista pessoal e social, das injustiças sociais inseridas nas diversificadas maneiras de exclusão.

Para a preservação da qualidade de vida e todo o ciclo de gerações envolvidas, a instituição desempenhará formas cabíveis e flexíveis, oportunizando aos discentes descobertas de caminhos adequados para a legitimação da autonomia, objetivando alcançar a melhoria da qualidade de vida e do meio ambiente.

Para a construção de uma vida com qualidade, convém propor-se a aquisição de condutas que gerem conhecimentos, garantindo a capacidade de autonomia na aprendizagem. Segundo Demo (2000), a qualidade sinaliza a perfectibilidade das coisas, esta qualidade adequadamente organizada produz resultados qualitativos.

## **7 A FINITUDE DA VIDA**

O espetáculo da morte não é mais corriqueiro. A vida é mais longa, a morte é adiada. “A sociedade capitalista, centrada na produção, não suporta ver sinais da morte. Os rituais do nosso tempo clamam pelo ocultamento e disfarce da morte” (KOVÁCS, 2008, p. 155). Segundo Moragas (1997), as novas gerações nada aprendem nos livros, nem da própria experiência, sobre o fenômeno do envelhecimento e do falecimento.

A sociedade contemporânea ignora a morte. E o ser humano morre de diversas maneiras, de acordo com o estilo de vida que viveu.

Atualmente o doente recebe os tratamentos médicos mais avançados e cientificamente disponíveis, porém os contatos com as pessoas são reduzidos ou impedidos em hospitais, sempre que possível, considerados inconvenientes para o tratamento racional do paciente. Antigamente os membros da família, vizinhos, amigos se reuniam em torno da pessoa doente, traziam comidas, frutas, remédios, ervas, limpavam o paciente; não existia tanta higiene como atualmente, mas o doente ficava bastante feliz e sentia-se amado. Isso ajudava o moribundo a se despedir publicamente em contexto bastante emocional.

A própria vida social se encarrega de mostrar a proximidade da morte. Isso porque, cada vez menos, ele encontra, em seu ambiente, pessoas de sua faixa etária. Familiares, colegas, vizinhos, amigos contemporâneos já se foram, o que implica duas consequências: primeira, a constatação de que a morte pode estar próxima; segunda, a confirmação de que a velhice tem um componente social quase inexorável, que é a solidão. Esses dois fatores encontram-se associados, na reflexão de Schilpp (apud FRUTUOSO, 1999), quando analisa o processo de envelhecimento. Para ele, “pior do que o medo da morte é o medo de ficar sozinho”. Nesse processo, assinala o terrível silêncio da casa vazia, pela ausência do(a) companheiro(a) de muitos anos, aliado à solidão causada pela morte dos velhos amigos. Bosi (apud FRUTUOSO, 1999), na mesma linha de raciocínio, lembra que muitos idosos são unânimes

em apontar como agravante a dispersão dos filhos, que transferem residência, organizam as próprias vidas e se afastam geograficamente, mesmo quando a ligação afetiva é sólida. De forma paralela, os idosos costumam trazer à tona suas perdas e isolamento, decorrentes da morte dos contemporâneos, sejam parentes ou amigos.

Um dos aspectos a serem examinados é a relação que o idoso estabelece com o tempo. Observa-se uma tendência à perda de perspectivas para o futuro, o que pode tornar o momento presente pouco estimulante, favorecendo, muitas vezes, a supervalorização do passado, como única etapa em que houve realizações.

Por outro lado, por não ter aproveitado as oportunidades que teve durante a juventude, e por haver abandonado seus sonhos, o idoso, muitas vezes, vê o que deixou de fazer, e geralmente se desespera por não ter pensado na finitude da vida. Alguns tentam recuperar o tempo perdido (quando não estão totalmente enfraquecidos e dependentes sobre um leito); outros, infelizmente, se entregam a uma profunda depressão, que pode levá-los mais rápido à morte.

## **8 O IDOSO E SEUS MEDOS**

O idoso, em geral, tem vários medos: de problemas econômicos; de perder o cônjuge e ficar só; de adoecer sem ter quem o auxilie; de ser colocado de lado e esquecido como um objeto que perdeu sua utilidade; da violência, do roubo; da perda da visão ou da audição; da solidão, da possibilidade de ser mandado para

um asilo. A diminuição dos contatos com o mundo exterior faz com que o universo social do idoso se reduza cada vez mais. A maior parte dos amigos já faleceu, ou encontra-se também bastante limitada por enfermidades crônicas ou pelo próprio processo de envelhecimento. Daí a pessoa sentir-se muito solitária. O problema da solidão na velhice é enfrentado de modo distinto, na dependência dos ajustamentos prévios e das várias circunstâncias existenciais de cada indivíduo. Aqueles que jamais se casaram normalmente se ajustam melhor à vida solitária. Se, por outro lado, o indivíduo sempre desfrutou da companhia de outras pessoas significantes, em especial de um cônjuge bem ajustado, o viver sozinho representará um problema de maior magnitude. No entanto, independentemente de viver só ou em companhia de alguém, a pessoa idosa tende a se sentir solitária. Essa solidão quase sempre conduz à depressão, e esta pode contribuir para acelerar o processo de envelhecimento.

O processo de ruptura da capacidade de produzir pode ser iniciado com a aposentadoria. O fato de aposentar-se exerce influência no processo de envelhecimento social, uma vez que pode levar o homem a se isolar do contexto social e, concomitantemente, diminuir seus contatos sociais.

Outro problema que merece atenção diz respeito à família, visto que esta exerce influência significativa no processo de envelhecimento social. A família vem, ao longo dos anos, passando por uma série de transformações que levam à mudança de hábitos e condutas.

A inversão de papéis em função das mudanças de

valores na família torna-se ato comum. Com isto, o idoso acaba por perder seu poder de decisão, o que implica perda de sua autonomia, assim como a perda do poder econômico torna o idoso dependente financeiramente de sua família.

## **9 EPISTEMOLOGIA DA VIDA E DA MORTE**

A esperança de vida subiu e deverá continuar subindo em quase todos os países. Isso se deve ao acentuado declínio, neste século, da mortalidade prematura causada por infecções e doenças crônicas. A pesquisa temática sobre a vida e a morte no ser humano apresenta a historicidade da conquista pessoal e social para preservação da qualidade de vida e todo o ciclo de gerações envolvidas, possibilitando reformulações em todos os campos científicos, educacionais, profissionais da área médica e outros, oportunizando análises de experiências e conhecimentos diversificados de multiprofissionais.

A educação para a morte constitui um dos aspectos mais esquecidos da educação. “A sociedade contemporânea ignora quase tudo sobre a morte, e isto faz com que a tanatologia não tenha grande ressonância, participando mais intensamente da ignorância ou da indiferença que acompanha a gerontologia” (MORAGAS, 1997, p. 243).

É importante ressaltar que a Universidade da Terceira Idade vem contribuindo significativamente para que o contingente de idosos prossiga com uma longevidade qualificada e mais prazerosa, sinalizando a

construção de conhecimentos e articulando também a humanização da realidade e da vida.

Estas Universidades “orientam-se para estimular ou desenvolver atitudes de participação na vida social, econômica, política e cultural [...] através de uma educação permanente.” (FRUTUOSO, 1999, p. 62).

A educação permanente “busca atualizações e, conseqüentemente, o resgate de: auto-estima e auto-imagem; e, num segundo momento, o seu desenvolvimento no processo participativo no meio acadêmico, político e social” (SILVA, 2003, p. 32).

Para chegar à tão almejada qualidade de vida, é preciso a aproximação do processo de conhecimento educativo e da façanha de ser participativo, criativo na construção histórica do país, lutando por seus direitos e conquista de novos objetivos e metas, garantindo um patrimônio e futuro melhor para a sociedade em que vivemos. Segundo Demo (2000), a propedêutica da qualidade aponta para competência humana de aprender a aprender e saber pensar demonstrando que a educação não se esgota, pois é um processo maior que tudo e, além de humanizar conhecimento, aprimora o seu modo de viver com mais entusiasmo.

Esta nova perspectiva de viver buscando esta ampliação de conhecimentos oportuniza a redescoberta de seu potencial, recupera sua autoestima e absorve melhor compreensão do mundo em que se vive, obtendo, desta forma, uma qualidade de vida bastante significativa e uma morte feliz.

## REFERÊNCIAS

- ARIES, Philippe. **História da morte no ocidente**. Tradução de Priscila Vianna de Siqueira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- \_\_\_\_\_. **O homem diante da morte**. Tradução de Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- BOTH, Agostinho. **Gerontologia**: educação e longevidade. Passo Fundo, RS: Imperial, 1999.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- DUBY, Georges (org.). **Ano 1000, ano 2000**: na pista de nossos medos. Tradução de Eugênio Michael da Silva et al. São Paulo: UNESP, 1999.
- DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Educação e qualidade**. 6. ed. São Paulo: Papirus, 2001.
- ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- FRUTUOSO, Dina. **A terceira idade na universidade**: relacionamento entre gerações no terceiro milênio. Rio de Janeiro: Agora, 1999.
- KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. 5. ed. rev. atual. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora, 2008.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. Tradução de Paulo Menezes. 9. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

MONTEIRO, Pedro Paulo. **Envelhecer**: histórias, encontros, transformações. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MORAGAS, Ricardo M. **Gerontologia social**: envelhecimento e qualidade de vida. Tradução de Nara C. Rodrigues. São Paulo: Paulinas, 1997.

OLIEVENSTEIN, Claude. **O nascimento da velhice**. Tradução de Viviane Ribeiro. São Paulo: Universidade do Sagrado Coração, 2001.

SILVA Brandão, Juliana da; SILVA, Marlene Dierschnabel da; REBELO, Rosana Andrade (org.). **A Vida na Maturidade**: uma contribuição à educação permanente. Blumenau: Nova Letra, 2003.

## LIFE AND DEATH: AN EDUCATION FOR LONGEVITY

**Abstract.** This work aims at articulating aging historicity, especially emphasizing human beings' finiteness, showing the simplicity of this final life stage, which frightens and panics most people. It is proposed an education with continuous activity throughout life, providing a recycling of cultural updating and a better understanding of the world you live in, learning to prepare for finiteness. Death is a process that results in moment, as to love, live and dream, yet the conjugation of the verb to die represents the closing of the book, of the history that you lived, sometimes beautiful and full of lived sto-

ries, some opaque and some sad ones, however, it is you who build and rebuild your life history to be told and remembered after your death. Literature points out human Beings historicity and the acquisition of significant and continuous losses, favoring reflection on the final stage of human existence. This article will contribute with regard to learning how to get old, and to emphasize that living is a means of transformation, nevertheless existence through death is always crucial to our understanding and to our great admiration for life.

**Keywords:** Education. Life. Death. Longevity.

Recebido em fevereiro de 2010

Aprovado em abril de 2010

# VIVER E MORRER ENTRE HUMANOS E ORIXÁS: A FINITUDE EM TERREIRO DE CANDOMBLÉ

Ruy do Carmo Póvoas<sup>1</sup>

**Resumo.** O texto objetiva abordar a questão da finitude sob a ótica dos integrantes de terreiro de candomblé. Toma-se o modelo mitológico vivenciado por tais comunidades, estabelecendo-se um confronto com os valores da sociedade mais ampla, no que diz respeito ao modo de interpretar e vivenciar a finitude. Partindo-se de conceitos abordados por Spinoza e Heidegger, aborda-se o sentido para a finitude construído pela civilização ocidental, num cotejo com o modo com que o fiel do candomblé entende tal limite do humano. As questões relativas à arquetipologia são tomadas a partir do entendimento que tem Jung sobre conceituação. O participante de terreiros constrói sua identidade a partir de concepções que englobam sua relação com forças da Natureza, sua ancestralidade e a crença de que, ao findar a existência sobre a terra, o Aiyê, ele parte para o universo paralelo, o Orun. Também entende que o nascer é uma questão de ajoelhar-se e escolher a cabeça, sob o testemunho de Orumilá. Tal entendimento implica um outro modo de lidar com a finitude que, não raro, se choca com valores da sociedade mais ampla.

**Palavras-chave:** Finitude. Terreiro de Candomblé.

Que o sol, quando nascer, todos os dias, venha  
achar sua família feliz e contente, bem alimentada,

---

<sup>1</sup> Babalorixá do Ilê Axé Ijexá, Itabuna, BA. Coordenador do Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais – KAWÉ/Universidade Estadual de Santa Cruz. Membro da Academia de Letras de Ilhéus; Mestre em Letras Vernáculas (UFRJ). E-mail: ajalaha@uol.com.br.

fogo na cozinha, muita comida na despensa, alegria com a vida (OLINTO, 1978, p. 56).

## **2 IKU: A PERDA DA IMORTALIDADE**

*Contam os mais velhos que, no princípio do mundo, Obatalá criou tudo a mando de Olorun. Fez até os humanos com o barro molhado que Nanã lhe ofereceu. Aí, os humanos não tinham fim, pois eram iguais aos orixás. Mas eles tinham a obrigação de oferecer etutu a seus criadores. Etutu é uma obrigação que se faz para o orixá. Com o tempo, os humanos foram ficando rebeldes e nem mais se incomodavam com orixás. Principalmente porque, depois da criação, Obatalá deixou o Aiyê, a terra, e foi para o Orun, o espaço sagrado além da terra.*

*Obatalá foi observando a rebeldia dos humanos. Além de se esquecerem de suas obrigações, eles chegaram ao ponto de afrontar os orixás, pois não tinham o que temer. E Obatalá, calado, observava tudo isso. Havia uma liberdade muito grande e os orixás passavam para o Aiyê e os humanos passavam para o Orun. Nem era preciso pedir permissão, pois os humanos eram imortais também.*

*A rebeldia do povo cresceu tanto que muitos chegaram a querer audiência com Olorun, o Senhor de Tudo. Então, Obatalá se levantou para dar um jeito naquela situação. E vocês sabem o jeito que ele deu? Nem te conto: primeiro, separou o Orun do Aiyê e os vivos não tiveram mais condições de passar para lá. Depois, criou Iku, a Morte. E desde aquele dia, os humanos conheceram o final da existência.*

*Teve uma coisa: Iku recebeu poderes de acabar com a existência de tudo que fosse vivo, mas só Olorun é conhecedor do momento em que a existência vai ser cortada. Pois é: quem tudo quer com nada fica.*

Complexo e multifacetado é o imaginário do brasileiro. Ainda que, oficialmente, a nação se apresente diante do mundo como oriunda de uma cultura de origem ibérica, o povo desta nação elaborou uma cultura em que se percebem vários imaginários em construção. No Largo do Machado, no Rio de Janeiro, come-se uma legítima tapioca de origem indígena, e em Parintins, no Amazonas, é possível vivenciar uma das maiores festas brasileiras de origem indígena. Em Salvador-BA, come-se caruru e vatapá, enquanto é possível frequentar um legítimo terreiro de candomblé. Isso, para uma referência, é apenas ao trivial. Por aí se vê como, às vezes, é difícil caracterizar o que é genuinamente brasileiro. Então, o que é brasileiro é um amálgama. E tanto é assim que, ainda profundamente marcado pelo preconceito e, muitas vezes, por isso, mesmo combatido e perseguido, um terreiro de candomblé não perde sua característica fundamental de brasilidade. No plano ideológico, porém, esse contingente social não participa do bolo da nação. O terreiro ainda não possui canais de TV e seus sítios quase sempre são invadidos por marginais.

Um outro aspecto a considerar é que os participantes de um terreiro também estão mergulhados e integrados na sociedade mais ampla. Assim, a sua memória e a sua identidade estão em permanente

embate. Se de um lado os laços que os unem num mesmo terreiro fortalecem a sua concepção de vida e de mundo sob a ótica afrodescendente, de um outro, o imaginário oficial o desafia para uma vivência de outros valores, outros costumes. Entre eles, a questão da morte e da finitude humanas.

O candomblé é uma religião da vida. E para seus praticantes, a vida é o dom maior que tem de ser festejado com alegria. Tal imaginário veio com os africanos e permaneceu agindo até hoje no povo brasileiro. Por isso mesmo, aqui tudo é motivo de festa e alegria: a vitória do time, a lavagem de escadarias de igrejas, o carnaval, a chegada de quem estava distante. E quando não houver motivos oficiais, constroem-se os motivos particulares: o churrasco na laje, o bingo no clube. Para além disso, no terreiro, o calendário litúrgico é extenso, pois há uma série de orixás que devem ser homenageados em datas fixas. A isso, acrescentem-se os motivos pessoais, a exemplo do aniversário de feitura no santo.

Diante de tal realidade cultural, uma outra realidade de valor universal se impõe: a finitude. Nos dizeres de Schramm (2002, p. 17-18),

Trata-se de um fato irrefutável perante nossos sentidos imediatos: todos os seres vivos, inclusive os humanos, morrem. Morrem porque são vivos, porque como sistemas irreversíveis são “programados” biologicamente para morrer e, talvez, devam morrer para que outros seres da mesma espécie possam vir a ser.

Então, construir e conviver com conceitos de vida e morte, para os integrantes de terreiro, torna-se um du-

plo desafio, tendo em vista que eles participam de uma sociedade mais ampla em que há vários imaginários em construção. Torna-se necessário alargar, por isso mesmo, a concepção de vida e morte, eternidade e finitude, a fim de que se possa entender mais detalhadamente como o povo de candomblé processa tal compreensão.

Do ponto de vista religioso, a concepção de vida está resolvida, através do entendimento de que o humano foi chamado à existência pelo pai criador, Obatalá e Oduduíya, a mando de Olorun, o Senhor do Céu. Por ser uma comunidade afrodescendente, cujo sistema de crença e fé religiosa muito diverge das concepções de origem judaico-cristã, a vida se explica através de mitos fundantes, e lidar com os vivos é reviver os mitos, através de modelos arquetípicos. Assim, a vida para os filhos de Exu é uma eterna sucessão de aventuras nas quais o lúdico predomina. Para os filhos de Ogum, no entanto, a luta, a batalha, a demanda e a peleja são os indicadores da vida. Sentimento e emoção marcam os filhos de Oxum, que passam a vida em busca do sucesso e da notoriedade, seja em qual nível for. Para os filhos de Oxalá, vale a construção da paz, nem que para isso seja necessário todo desprendimento. O inventário exaustivo merece páginas, mas esse não é o objetivo desse alinhavo.

Os padrões arquetípicos, no entanto, não podem ser vividos por indivíduos isolados. Daí, o estabelecimento de um viver comunal a que são afeitos os filhos de santo. É na comunidade onde os padrões do seu arquétipo se realizam, revestidos pelas imagens arquetípicas que os terreiros construíram e preservaram. No *xirê*, a dança ritual, numa roda que gira da

direita para esquerda, os arquétipos da vida se presentificam e a transitoriedade do humano se esfumaça com o contato com o divino. Naquele momento, o orixá aflora e é revestido por imagens arquetípicas, sob forma de indumentárias e insígnias. Por isso mesmo, as pessoas em transe são conduzidas ao interior do templo, para depois retornarem ao barracão das solenidades devidamente paramentadas. E reza a crença que, naquele momento, não são mais pessoas travestidas. Trata-se do orixá verdadeiramente incorporado. Assim, para apenas citar alguns exemplos, Nanã dança, limpando as mazelas do mundo. Omolu, sob o som do opanijé, dança os passos da cura. Iansã, com os braços erguidos como se fossem raios rasgando os céus, dança afugentando a Morte.

O terreiro ainda celebra vários ritos para festejar a vida, a exemplo dos festejos para nascimento, batismo e casamento. Bem verdade que raríssimos terreiros alardeiam isso e a maioria deles faz suas celebrações sem que isso seja anunciado à comunidade mais ampla. Nesse caso, de um modo geral, o alarde fica por conta de certos dirigentes que necessitam de afirmação pública. Muitos advogarão que tudo isso não passa de questão de fé e, do ponto de vista científico, tudo ficaria por explicar. Vale lembrar, no entanto, que a explicação do mundo e a interpretação do universo e da vida em comunidades desse tipo passam por longe da necessidade de uma explicação científica, pois o modelo arquetípico lhe é suficiente.

Sabe-se, no entanto, que o estar na existência já é suficiente para o humano pensar na sua finitude e que não existe o para sempre, pois a morte nive-

la todos os seres vivos num mesmo destino: sair da existência compulsoriamente. E como disse Antônio Olinto (1978, p. 114) “Pensar no lobo já é suficiente para matar o cordeiro.” Acontece que uma fé viva e arraigada nos enunciados ditos científicos domina a humanidade. Assim, mesmo que nunca se tenha visto uma molécula de água ou a hélice dupla do DNA, os humanos não discutem tal verdade posta no mundo. Predomina, aí, o crer sem ver e é também esse o pressuposto da religião e da fé. Ainda que seja válida a explicação de eu não vi, mas alguém viu, o mesmo conhecimento que se estrutura em tais bases não reconhece a validade de um outro conhecimento, que se estrutura no universo da crença religiosa. E como se isso ainda não bastasse, a religião se apresenta como verdadeiro campo de batalha, na contenda de conceitos antagônicos por parte daqueles que professam outras denominações ou participam de diferentes facções até dentro de uma mesma religião. Por causa disso também, as verdades e os conceitos vivenciados pelos participantes do candomblé têm sido causa de perseguições e combate por parte de praticantes de outras crenças. Há uma espécie de verdade tida como indiscutível nos códigos oriundos dos grupos dominantes. E essa verdade não admite a existência de outros códigos. Nesse âmbito, são discriminadas as práticas e crenças denominadas não cristãs, vivenciadas por grupos oriundos de outras culturas no Brasil, cujos povos construíram um imaginário diferente. Então, seus praticantes e crentes são tidos por comparsas do demônio. Em tal sentido, principalmente os negros e seus des-

centes foram atingidos em cheio por verdadeiras hordas de preconceitos. Em vista disso, o fato de apenas instituir reservas para negros nas universidades não lhes garante também o respeito pela legitimidade das crenças e práticas religiosas de vários segmentos de afrodescendentes.

Se a participação do negro na vida da sociedade mais ampla lhe exige alcançar um conhecimento dito científico, por outro lado, essa mesma sociedade nega-se a reconhecer como legítimo o sistema de suas crenças. Assim, um embate se estabelece e um ciclo vicioso se eterniza: a compreensão de vida em seu sentido maior não é reconhecida, a não ser do ponto de vista da cultura dominante.

Quando do último terremoto que se abateu sobre o Haiti, o mundo dito civilizado se espantou diante da maior dor do povo haitiano: não poder celebrar os ritos de passagem no enterro dos seus mortos. Acontece que, no imaginário daquele povo, continuar vivendo só faz sentido se aqueles que partem da existência saírem do mundo com a mesma dignidade com que entraram. Não se deve esquecer que o Haiti é uma nação de negros. No Brasil, entre o povo de terreiro, a crença é semelhante. Por isso mesmo, para tal segmento social, cuidar da morte faz sentido para a vida. Ainda que o viver pós-moderno esconda a morte, banindo sua presença para certos esconderijos, a exemplo de velórios e unidades de tratamento intensivo em hospitais, não há como dispensar certos ritos de passagem, para que a vida continue plena. Respeitar a morte é reafirmar a consideração pelos que ficam, é reconhecer a vida como o dom maior.

Na base de tal viver, está firmado um outro conceito de finitude. Se no conhecimento dito científico não se pode provar a existência de vida após a morte, no campo da religião, isso não precisa ser provado. E como o povo de terreiro estrutura a interpretação do universo e da vida a partir de modelos arquetípicos, fica entendido que Arquétipo não morre: apenas são descartadas umas imagens arquetípicas, enquanto outras são engendradas para ele. Evidentemente, tal concepção encontra respaldo em Jung (1985) e sua teoria dos Arquétipos. Enquanto houver a humanidade na face da terra, os orixás terão seus filhos e filhas. Ainda que se entenda que a manifestação do orixá numa determinada pessoa é única na face da terra, ele, o orixá, manifestaram-a em diferentes pessoas, através do tempo. E enquanto houver domínios da Natureza e forças criadoras do Universo, haverá orixás. Nisso reside a crença do povo de terreiro. Para além disso, sabe-se da existência dos nove espaços do Orun. Numa tradução um tanto aproximada, Orun seria uma espécie de universo paralelo, estruturado em nove espaços, espécie de Céu. Nem mesmo assim, essa aproximação semântica traduz tal conceito em sua plenitude e particularidade. Há um trânsito dos seres do Orun para o Aiyê, a Terra, e eles manteriam contato íntimo com os humanos. Se os cristãos têm seus santos, anjos, arcanjos, querubins, serafins, príncipes, tronos e potestades, o povo de terreiro tem seus orixás, voduns, inquices, caboclos, encantados e guias. Os cristãos declaram que o Anjo de Senhor anunciou a Maria e ela concebeu do Espírito Santo. Se o participante do terreiro disser,

no entanto, que Oxóssi avisou sobre uma determinada situação, isso será tomado por muitos cristãos como obra do demônio.

Para o primeiro Orun, o Orun apadi, vão os que ainda precisam retornar. Para o nono Orun, o Orun orerê, vão aqueles que se iluminaram. Isso significa, para os humanos, uma possibilidade muito mais ampla de comunicação com o Orun apadi. Entre tal “céu” e a terra, porém, há muito mais coisa do que possa pensar nossa vã filosofia, nos dizeres de Shakespeare. Lá se situa a “Olaria de Ajalá”, onde os que querem nascer na existência sobre a terra ajoelham-se e escolhem a cabeça com a qual desejam nascer. Então, Orumilá testemunha o ato da escolha e ao nascituro são concedidos emi, ori, ara, bara, axé, orixá e odu<sup>2</sup>. É nesse pacote que a existência humana se constrói e a vida se faz.

Ocorre que tal composição vai implicar uma complexidade também para o retorno ao orun, quando se chegar à finitude do processo da existência. Assim, o emi, o sopro da existência que é dádiva de Olorun, retorna ao Eterno e o ara, isto é, o corpo, terá de ser devolvido à terra, pois ele é o pó que um dia foi animado. Normalmente, essa devolução é feita sob forma de um ritual, cuja complexidade varia a depender daquele que se finou. O enterro do fiel ocorre sob uma sucessão de atos que marcam o seu retorno ao Orun. Torna-se necessário romper os laços que o uniam à

---

<sup>2</sup> Para compreensão de tais conceitos, ler PÓVOAS, Ruy do Carmo. **Da porteira para fora:** mundo de preto em terra de branco. Ilhéus, BA: Editus, 2007. p. 279-285.

sociedade dos vivos, retirar-lhe o axé que lhe foi posto na sua iniciação. Assim, desde o momento do falecimento, são tomadas inúmeras providências das mais variadas ordens. De um modo geral, um iniciado com idade de santo maior que a do falecido presidirá os ofícios religiosos. No desenvolvimento das providências, muitos atos são considerados segredos do candomblé e eles nunca são narrados e sua composição jamais descrita.

O ato de retirada do axé, por exemplo, é cerimônia secreta e só poderão tomar parte dela as pessoas daquele terreiro, ou iniciados de uma outra Casa que gozem da confiança dos participantes do terreiro enlutado. Os objetos do morto, então, serão retirados do interior da casa e depositados em local provisório do terreiro, ajeitado naquele momento, especificamente para isso. É preciso cuidar da vida, então é preciso separar o morto do contato com os vivos. Tais objetos vão compor o grande *carrego*<sup>3</sup> que será despachado no momento do axexê. Essa cerimônia fúnebre, de desenvolvimento complexo, de um modo geral, ocorre sete dias após a partida do morto. E cuidar de tudo isso é cuidar da vida, que não pode e não deve ficar exposta ao contágio com aquilo que esteve envolvido com Iku, a Morte.

No momento do enterro, são entoados cânticos específicos que remetem à ancestralidade, aos antepassados, àqueles a quem a comunidade é devedora de sua dedicação, trabalho, empenho e saber, enquan-

---

<sup>3</sup> Conjunto de objetos que compõem certas espécies de *ebó*, que é despachado em locais determinados.

to estavam no mundo dos vivos. Afinal, cada componente do grupo se considera um elo de uma grande corrente que tem origem nos tempos imemoriais da África mítica. Na sociedade de terreiro, a ninguém é dado o direito de fazer obrigações na sua própria cabeça. Assim, todos são devedores a alguém que os iniciou. E os laços entre tal pessoa e o iniciado se constituem liames fundamentais para a construção da identidade e permanecem para sempre.

Conduzir o falecido a caminho da sepultura se constitui um andar diferenciado: não se vai de uma vez. A caminhada é realizada dando-se três passos para frente e um para trás. E a depender do grau do morto na hierarquia do terreiro, o esquife é conduzido à altura dos ombros daqueles que o carregam. Os acompanhantes entoam os cânticos necessários, muitos dançam, outros passam por manifestação de orixá. Sepultado o morto, os vivos têm ainda o dever de garantir e zelar pelos laços espirituais entre eles e quem partiu para o Orun. Por isso mesmo, determinados pertences do morto devem ser preservados. Assim, o destino do assento de seu orixá será decidido pelo próprio morto, no ritual do axexé. Primeiro, pergunta-se ao orixá se ele continuará no terreiro. Em caso afirmativo, consulta-se o morto, a fim de saber para quem ele deixa o assento de seu orixá como herança, e sua vontade deve ser regamente obedecida. Para quem vivencia tal imaginário, a finitude é compreendida por um outro viés.

A pessoa do candomblé constrói sua identidade em vários níveis. Se o ori do falecido precisa também ser tratado antes do sepultamento, para dissolver os

laços com a vida terrena, o orixá está muito além disso. Ele fornece traços para compor a identidade dos vivos, mas não é imanente a eles. Por sua vez, o axé, que uma vez compôs a identidade de quem se foi, está disseminado por todos aqueles a quem o morto iniciou, apadrinhou ou gestou espiritualmente. Tal integralização garante a continuação de linhagens e ligamentos por gerações sucessivas.

Todos aqueles que participam de solenidades, cerimônias e rituais para o despacho de quem se finou preservam-se, para não serem contagiados com o “ar de morto”. Então, inúmeros cuidados são tomados: ervas, banhos de folhas, defumações e pombas são ingredientes necessários em tais ocasiões. Tal contágio, no entanto, não acontece com aqueles que tenham de lidar com o assento, insígnias e indumentárias do orixá do falecido. Assim, nem tudo que pertencia ao finado deve ser descartado, uma vez que a ligação com o orixá está acima das sequelas humanas. Há terreiros que preservam o assento de orixá de seus antepassados por todo o tempo em que o terreiro existir. E ainda vale lembrar que é privilégio de quem está na existência lidar com o assento de seu orixá e isso não deixa, no entanto, contágio algum. O mesmo não acontece, porém, com todos os seus demais pertences.

Durante o ritual do axexê, quem se finou “informa” à comunidade o destino dos seus pertences. Assim, podem ser despachados *carregos* para as águas, para o mato, ou para qualquer outro local indicado pelo morto. Ele também “informa” para quem deixa determinados objetos de axé. Até nesse momen-

to, é possível acontecerem verdadeiras ondas de ciúme entre os vivos, por causa da herança deixada para uma determinada pessoa e não para outra.

Então, o que caracteriza a finitude para o povo de terreiro? Em que medida tal concepção pode ser relacionada com outras que também compõem o imaginário do brasileiro?

Do ponto de vista da civilização ocidental, as questões sobre finitude vêm sendo pontuadas desde muito. Abordá-las, no entanto, remete-nos a um quadro mais amplo de reflexão sobre o Ser. Para Spinoza (1989), em sua metafísica, o ser absolutamente infinito é a Substância que, por sua vez, tem infinitos atributos. Cada atributo teria infinitos modos. Considerando-se que a limitação dos modos significa finitude, aqui se encaixariam todos os seres vivos. Entre eles, os humanos, é claro.

O modo de ser dos humanos, no entanto, não se confunde com o dos demais seres vivos. Por causa disso mesmo, os humanos podem refletir sobre sua condição na existência, buscando entender sua finitude. E na ânsia de vencer tais limites, os humanos fazem tudo o que for possível. E para além disso, os imaginários nas diferentes culturas também estabelecem outros modos específicos. Por isso também, ainda que uma nação e um povo brasileiros estejam delineados, o imaginário do brasileiro não é uniforme. Tal quadro advém de sua formação original, da mistura dos povos dos quais somos originários, brancos, negros e índios.

Em certas tribos indígenas do Brasil, ainda vigora o costume de se enterrar o morto dentro do território

da taba. Isso, no entanto, é impossível de acontecer dentro do território de um terreiro de candomblé. O modo de ser desses dois segmentos sociais em apreço estabelece o trato para com a finitude.

Enquanto Spinoza se volta para a Substância, Heidegger (1989) investiga o sentido de Ser, os modos e as maneiras de enunciação e expressão do ser. Então, há de se pensar que o ser tem modos, pois há modos de ser. Assim, Spinoza e Heidegger não estão tão distantes um do outro. Acontece que o modo de ser num terreiro não é exclusivamente brasileiro; é afrodescendente. E nisso reside a exclusividade do povo de santo em lidar com a finitude.

Se na realidade factual não há estratégias para “domar” a morte, no âmbito do mitológico, Iku – como o povo de terreiro nomeia a morte – pode até ser enganado. A exemplo disso, veja-se o itan:

### **3 A ESPERTEZA DE EUÁ<sup>4</sup>**

*Contam os mais velhos que um homem estava bem de seu, assim, sentado à porta de sua casa, quando Iku, a Morte, apareceu de repente. Não precisou nem se identificar: o homem viu logo de quem se tratava... Iku se aproximou e foi logo avisando:*

*– Chegou o teu momento e eu vim te buscar.*

*O homem, que não queria morrer de forma alguma, deu um pinote no meio da rua, saiu louco, desvairado, correndo para escapar de Iku. Entra aqui e sai ali*

---

<sup>4</sup> PÓVOAS, Ruy do Carmo. **A fala do santo**. Ilhéus, BA: Editus, 2002. p. 37-38.

*e Iku atrás dele. Pediu socorro na casa do governador, na igreja, na escola, no hospital. Todos ficaram penalizados, mas disseram que não havia como socorrer e que o jeito era ele ir com Iku.*

*O homem não desanimou e continuou em fuga, desesperado, enlouquecido, numa carreira igual ao vento. Adiante, tomou o leito de um rio raso e foi correndo por dentro d'água. Iku ia atrás, ora próxima, ora distante, pega aqui, pega ali, pega acolá.*

*Depois de uma curva do rio, o homem se esbarrou com um bando mulheres lavando roupa. Sobre uma pedra, uma formosa senhora, muito bem vestida, estava sendo penteada por suas damas de companhia. Era Euá, a casta esposa de Obaluaiê, o Dono do Mundo, temível guerreiro.*

*Com a alma saindo pela boca, o homem se dirigiu a Euá, pedindo que ela lhe socorresse pelo amor de Deus e lhe livrasse de Iku. Euá levantou suas anáguas e mandou que o homem se escondesse debaixo delas. Ele obedeceu e ficou ali, quietinho, bem escondidinho.*

*Euá continuou o que estava fazendo, como se nada estivesse acontecendo. Nisso chega Iku, enrolado no seu eterno manto preto, porrete na mão, procurando pelo homem. Dirigiu-se a Euá e fez uma saudação, perguntando:*

*□ Salve, Senhora, Esposa do Grande Senhor da Terra! Acaso vistes um homem em desabalada carreira rio abaixo?*

*Euá sabia que a força de Iku devia ser respeitada também. Mesmo, a ignorância é atrevida e quem deixa passar passa também. E então, respondeu com firmeza na voz, educação e cortesia:*

□ *Salve, Nobre Senhor das Sombras! O homem passou por aqui, sim. Até entendeu de se esconder nas anáguas.*

*Então, Iku quis saber:*

□ *E o que é anágua, Senhora?*

*Euá explicou:*

□ *Intimidade feminina...*

*Iku, muito ignorante das coisas da vida, entendeu que o homem se ousara com as mulheres.*

*A mucamba de Euá acrescentou:*

□ *Não se sabe que rumo ele tomou. Passou em desabalada carreira e sumiu.*

*Nem mesmo Iku ia ter a ousadia de perturbar a esposa do temível Dono do Mundo. Correu os olhos pelas margens, mirou o rio que sumia muito lá adiante, resmungou qualquer coisa, deu meia volta e desapareceu rio acima. Quando Iku sumiu, Euá suspendeu as anáguas e o homem saiu debaixo delas. O coitado, de tão surpreso com tudo, nem sabia como agradecer. Mas Euá apenas confortou o homem com um conselho:*

□ ***Nesse mundo, tem tempo pra tudo, até mesmo para escapar da morte. Mas nem sempre Euá está no caminho.***

Compreende-se, então, através da narrativa mítica, que a finitude é resolvida por um outro viés. Tomemos a trilha do texto. “O homem viu logo de quem se tratava.” Significa dizer que as imagens arquetípicas da morte também têm seu lugar no imaginário do povo de terreiro. Enquanto na cultura da sociedade mais ampla, a morte é feminina e carrega uma foice consigo, nesse outro imaginário que criou a nar-

rativa em apreço, a morte é masculina e carrega um porrete no lugar da foice. O manto negro, no entanto, é o mesmo. É o Feminino que detém o conhecimento para a escapatória da morte, fato que é realizado com estratégias de dissimulação. A proteção de Euá advém de sua esperteza. O recurso, no entanto, só funciona porque o homem reagiu à ação de Iku. Tal reação persiste nele, ainda que o socorro lhe seja negado. Se as estâncias humanas não o socorrem, o encontro com o divino o acolhe e o põe em segurança. Esse é um dos fundamentos da crença nos orixás por parte do povo de terreiro. Não se trata de uma questão de adiar a morte, mas de percorrer um caminho que garanta proteção à vida.

Por se tratar de uma história oriunda do imaginário nagô para as lides com o oráculo, ela encerra uma lição, um ensinamento: “Nesse mundo, tem tempo pra tudo, até mesmo para escapar da morte.” Não está tão longe assim daquele outro ensinamento: “Todas as coisas têm seu tempo e todas elas passam debaixo do céu [...]” (BÍBLIA SAGRADA, 1977, p. 711). Se todas as coisas passam, Iku pode passar também. E “passar”, aqui, tem o sentido de não realizar o ato. Então, depreende-se que, se a finitude é uma fatalidade da qual não há escapatória, a preservação da vida está na dependência do que cada um faça com ela. Mesmo, o ato de Iku vir buscar o homem (“Chegou o teu momento e eu vim te buscar”) leva a entender que Iku o tirará de um lugar para conduzi-lo a um outro, ainda que isso aconteça à revelia daquele que é buscado. Então, a finitude pode ser compreendida sob um outro viés: passa-se de um

estágio para outro. É o apego a este mundo, no entanto, que faz os viventes tomarem Iku como o arqui-inimigo. Afinal, Iku foi criado por Obatalá, conforme narra o primeiro mito, para finir a arrogância dos humanos, fazê-los reconhecer sua natureza humana, da qual eles tinham se esquecido, quando resolveram afrontar o divino. Outros povos dizem a mesma coisa, em narrativas parecidas: “Comerás o pão com o suor do teu rosto, até que voltes a terra, de que foste tomado; porque és pó, e em pó hás de tornar” (BÍBLIA SAGRADA, 1977, p. 28). A particularidade da atitude do povo de terreiro frente a tal fato, no entanto, reside na crença de que, mesmo considerando a irreversibilidade da finitude, existe a possibilidade do encontro com Euá, pelo caminho. E como o eixo norteador da tradição do candomblé é o sistema de trocas e, ainda, acredita-se que se pode intervir no “destino”, o mito de Euá é muito elucidativo nesses aspectos.

Um outro itan narra uma outra maneira de se lidar com a morte:

#### **4 A CILADA CONTRA IKU**

*Contam os mais velhos que uma cidade estava sendo castigada por uma epidemia. Era uma festa para Iku, que andava atarefado em levar tanta gente para fora deste mundo. Mas havia um homem que resolveu fazer diferente. Ele foi em busca de um conselho de Orumilá. Então, ele procurou um babalaô para fazer uma consulta, saber o que o Pai Maior tinha para lhe*

*dizer. Não deu outra: o babalaô jogou o opelé e Orumilá respondeu direitinho ao que o homem queria saber.*

*Foi recomendado que o homem fizesse um ebó com certos objetos de segredo e seguisse todo o preceito. Também conseguisse um quati vivo e amarrasse o bicho acima da porta de sua casa. O homem voltou de lá muito confiante e foi providenciar os objetos necessários. Encomendou um quati vivo a um caçador e amarrou o bicho pendurado acima da porta, para que todo mundo visse aquilo.*

*Vai daí que Iku entendeu de fazer uma visitinha à família do homem. Foi chegando, todo enrolado em seu manto preto, porrete na mão, seguro de si, confiante no seu poder. De repente, ele suspendeu a cabeça e viu o bicho pendurado acima da porta. Disse para si mesmo:*

*– Coisa boa! Vou ter até uma sobremesa...*

*Foi se aproximando, se aproximando... E o quati bem quieto, pendurado. E quando Iku estirou o braço para pegar o quati, o bicho deu um bote na cara de Iku. Todo mundo sabe que as garras de um quati cortam igual a navalha. Quando um caçador vai para o mato e seus cachorros avistam um bicho desse, a primeira coisa que ele faz é chamar os cachorros de volta. Do contrário, o quati deixa os cachorros em pedaços. Pois bem: as garras do quati lanharam a cara de Iku. Com o porrete que levava, Iku tentou acertar o quati, mas errou o golpe e acertou na corda. O bicho se soltou e pulou na cabeça de Iku, que saiu em desabalada carreira pelo mundo a fora, prometendo tão cedo não voltar ali.*

*Pois é: para espantar a morte, basta reinventar a vida.*

No itan anterior, “[o homem] saiu louco, desvairado, correndo para escapar de Iku.” No itan acima, “um homem [...] resolveu fazer diferente.” Nessa diferença, uma outra atitude frente à finitude: em vez de fuga, o enfrentamento. E isso se dá através de sua aliança com Orumilá. A busca do recurso para o enfrentamento é pela via oracular e um babalaô é o intermediário. Se o humano não pode ir mais ao Orun, isso não o impede de manter contato com os seres que lá habitam. E é o mesmo Orumilá, tido e considerado como Testemunha do Destino, que ensina a saída: uma cilada contra Iku. A cilada surtiu efeito e Iku saiu derrotado. Até a morte tem lá suas fraquezas e se ela é atrevida, a vida também não deixa por menos.

No ensinamento do itan, a exposição de uma outra maneira de se encarar a finitude: é reinventando a vida que se espanta a morte. E nesses tempos pós-modernos, quando a vida não é reinventada, a depressão, esta meio irmã da morte, ocupa logo os espaços vagos deixados pelo encolhimento da vida. Então, para o povo de terreiro, a vida está em eterno estado de reinvenção através do ritual. Ritualizar a vida é colocar uma espécie de quati acima da porta da existência. Isso não significa que não se morre, se se ritualiza a vida. É, no entanto, através do ritual que se apreende o sentido mais profundo da existência. Um sentido no qual a finitude ganha outros contornos, uma vez que, mesmo morrendo, o fiel do candomblé sabe que fica vivo na memória de sua comunidade, eternizado no seu axé que faz parte de toda a confraria.

Porque a explicação para a finitude é alcançada através de um sistema que se fundamenta no mito, todos creem que morrerão porque são vivos. Creem também, no entanto, que permanecerão “vivos” para sempre, fazendo parte de uma memória que lastreia todos aqueles que passarem pela existência, integrados ao terreiro do qual eles fizeram parte um dia. E quanto mais o tempo passar, marcando a distância da época em que eles partiram, mais a memória dos que ficam envolverá seus mortos no manto da ancestralidade. E é a ancestralidade um dos pilares mais fortes de sustentação de qualquer terreiro.

Entre os mais velhos iniciados, existe até um ebó denominado “troca de cabeça”, através do qual aquele que está para morrer, em determinadas circunstâncias, pode trocar a sua cabeça com um animal, que é morto em lugar daquele que se finaria. Isso, no entanto, está circunscrito àquela área denominada Segredo.

É necessário também entender que o sistema de trocas e a possibilidade de se interferir no “destino” não anulam a finitude. Propiciam, no entanto, outras maneiras de se lidar com tal realidade. Por isso mesmo, não são raros os momentos de choque entre aqueles que nisso creem e outros tantos que pensam diferente, quando pessoas de terreiro se recusam a internar certos doentes em UTIs de hospitais. A finitude é aceita e, não raro, até mesmo esperada, como fazendo parte do existir. Acredita-se que propiciar àquele que está saindo da existência a dignidade da despedida é honrar a condição humana em seu mais elevado grau. Aí se estabelece uma grande diferença para com a sociedade mais ampla que deposita na mão dos médicos todas as esperanças de “driblar”

Iku. E o povo de terreiro acredita que, se Euá não resolver, ninguém mais resolve. Nos terreiros, não é raro ouvir os mais velhos pedindo: “Pelo amor de Deus, quando eu estiver de partida, não deixem me colocar naquela jaula de vidro do hospital.” Eles acreditam que, ao chegar o momento da finitude, nenhuma “jaula de vidro” impedirá a partida e, se o momento ainda não foi chegado, o remédio surgirá, seja lá por onde for. E como escre-

veu Pirandello, assim é, se lhe parece.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. 34. ed. Trad. da Vulgata Pe. Matos Soares. São Paulo: Edições Paulinas, 1977.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Trad. Sein und Zeit. Petrópolis: Vozes, 1989.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do inconsciente**. Trad. M. L. Appy. Petrópolis: Vozes, 1985.

OLINTO, Antônio. **A casa da água**. Rio de Janeiro: DIFEL; São Paulo: INL, 1978.

PÓVOAS, Ruy do Carmo. **A fala do santo**. Ilhéus, BA: Editus, 2002.

PÓVOAS, Ruy do Carmo. **Da porteira para fora: mundo de preto em terra de branco**. Ilhéus, BA: Editus, 2007.

SCHRAMM, Fermin Roland. Morte e finitude em nossa sociedade: implicações no ensino dos cuidados paliativos. **Revista Brasileira de Cancerologia**, 2002, 48 (1), p. 17-18. Disponível em: [http://www.inca.gov.br/rbc/n\\_48/v01/pdf/opiniao.pdf](http://www.inca.gov.br/rbc/n_48/v01/pdf/opiniao.pdf). Acesso em: 14 jan. 2010.

SPINOZA, Baruch de. **Ética**. Trad. J. de Carvalho et al. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

## LIVING AND DYING BETWEEN HUMAN AND ORIXÁS: FINITUDE IN THE SACRED GROUND OF CANDOMBLÉ

**Abstract.** The text aims to address the issue of finitude from the perspective of members of Candomblé yard. Using the mythological model experienced by those communities, we try to establish a confrontation with the values of the society trying to understand and experience finitude. Based on Spinoza and Heidegger, this article approaches the meanings for finitude built by western civilization, in comparison with the faithful of Candomblé and its beliefs about human finitude. The construction of identities of the members of the yard includes their relationship to forces of nature, their ancestors and the belief that by the end of their existence on earth, Aiyê, they go to a parallel universe, Orun. Also believes that birth is a matter of kneeling and raising its head under the witness of Orumilá. This understanding implies another way of dealing with finitude, sometimes clashing with the values of society.

**Keywords:** Finite. Yard Candomblé.

Recebido em fevereiro de 2010  
Aprovado em abril de 2010



# ANÁLISE DO MEMORIAL DA FINITUDE DE SARTRE NA OBRA “A CERIMÔNIA DO ADEUS”, DE SIMONE DE BEAUVOIR

Ana Elisa Sena Klein da Rosa<sup>1</sup>

Ester Paes Klein da Rosa<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa o texto de maior repercussão e impacto de Simone de Beauvoir, o relato lento e progressivo de morte do filósofo, companheiro, escritor e militante do século XX: Jean-Paul Sartre. Considerados por muitos como símbolos intelectuais, mantiveram um relacionamento aberto, controverso e polêmico por mais de 50 anos. O objetivo deste trabalho é levantar alguns pontos de reflexão nos temas importantes para a pesquisa em gerontologia, tais como finitude, vida e morte, com base em relatos, testemunhos, escritos e diário de Simone sobre a progressão da doença de Sartre. O memorial de finitude de um filósofo existencialista, seus 10 últimos anos de vida, até a cerimônia do adeus, que foi acompanhada por aproximadamente 50.000 pessoas, procura retratar suas mortes diárias, capacidade de adaptação às perdas e as tentativas de manter-se vivo. Ao deixar o plano existencial, não morreu literalmente, porque conseguiu inserir a filosofia na vida das pessoas comuns. Sartre temia deixar de ser um homem de pensamento, ou seja, temia o fim de sua consciência como o fim de sua visão. O filósofo é reconhecido até hoje pelas contribuições criativas e brilhantes feitas ao meio acadêmico e à humanidade. Ora demonstrava ter perdido o sentido da vida, ora desejava fortemente continuar a viver, escrever sua história, redescobrir-se e continuar a vida com as dificuldades de cada fase, cada dia. A morte libertou-o do sofrimen-

---

<sup>1</sup> Fisioterapeuta, especialista em Fisiologia do Exercício e Mestranda em Gerontologia Social pela PUC- SP. *E-mail:* anaelisasena@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Professora de Português, Inglês e Respectivas Literaturas, Especialista em Língua Inglesa pela UNASP. *E-mail:* ester.klein@unasp.edu.br.

to.

**Palavras-Chave:** Finitude. Vida. Memorial. Morte. Adeus.

## INTRODUÇÃO

É impossível conhecer o homem sem lhe estudar a morte, porque talvez, mais do que na vida, é na morte que o homem se revela. É nas atitudes e crenças perante a morte que o homem exprime o que a vida tem de mais fundamental (MORIN, 1988).

A morte é um fato irrefutável para nossos sentidos imediatos; todos os seres vivos, inclusive os humanos, morrem (SCHRAMN, 2002).

O saber-se mortal é um conhecimento que apresenta uma irreduzível dimensão afetiva, sendo o medo a resposta psicológica mais comum diante da morte e do morrer, ao qual estão relacionados os outros medos que temos durante a vida (KOVÁCS, 1992).

É a morte que nos diferencia de qualquer outro ser vivo. O homem é o único ser que sabe que vai morrer (GOLDFARB, 2002).

No século XIX, época dos grandes sistemas, a morte saiu da temática central dos textos filosóficos, e foi talvez Kierkegaard quem inaugurou uma nova perspectiva, chamada depois “existencial”, descrevendo a morte como algo que, para cada um de nós, é certo, mas cuja hora é bem incerta. Os filósofos da existência, no século XX, aprenderam esse dado sob a fórmula mais genérica da experiência da “finitude humana”. Para Heidegger, um dos “existenciais” que caracterizariam o homem como o “ser-para-a-

morte": "*Zum-Tode-sein*", isto significava que, entre as diversas possibilidades do homem, há uma que representa "a possibilidade da impossibilidade", ou seja, quando esta ocorre, todas as demais possibilidades ficam excluídas.

O desenvolvimento do ser humano se completa na última fase da vida, quando ocorre uma maior realização e um amadurecimento e, conseqüentemente, a capacidade de autoaceitação, superando as limitações físicas que inevitavelmente acontecem e levando à sabedoria de quem soube aproveitar bem as experiências proporcionadas pela vida (ERIKSON, 1969).

Até mesmo por uma questão de semântica, a velhice é relacionada com a decrepitude e, conseqüentemente, com a morte. Senescente, palavra que define aquele que está envelhecendo, está etimologicamente ligada à palavra senil que, além de idade avançada, refere-se a fraqueza, debilidade e doenças degenerativas. Se bem elaborada, a senescência se torna um período de enorme riqueza interior. Por mais árdua que tenha sido a vida, mais ela se torna enriquecedora do futuro quando podemos olhar para trás e ver que a maior e mais legítima fortuna que acumulamos foi exatamente a história que fizemos e que vivemos.

Entendendo-se assim a idade avançada, pode-se buscar a solução de antigos conflitos e encontrar um novo sentido para a vida, que inclusive se tornará uma autêntica preparação para a morte. Tomada nesse sentido, encontrar-se-á a integração pessoal e a verdadeira sabedoria (ERICKSON, 1991).

Uma forma de superar o sofrimento da velhice –

associada à proximidade da morte e ao sentimento de que o corpo é cada vez mais um fardo – é ampliar o leque de fontes de satisfação, de libido, de felicidade, de serenidade e de energia, o que é possibilitado também pelas relações sociais com as outras gerações (GOLDFARB, 2002).

Segundo Kastenbaum (1969), o idoso experimenta perdas em maior número, variedade e rapidez do que qualquer outro grupo etário. Assim sendo, ele acaba literalmente afogado em perdas, não encontrando tempo suficiente para elaborar e superar totalmente cada luto que vivencia. Luto é tomado como trabalho de elaboração de qualquer perda significativa. Como a morte é grande perda, por analogia denomina-se "luto" ao trabalho interior ou exterior que se faz para a superação decorrente de qualquer perda significativa no decorrer da vida. Por isso mesmo, a Psicotanatologia é um conjunto de técnicas utilizadas no atendimento das pessoas que sofrem essas perdas, fazendo-o exatamente a partir do que se aprendeu, ainda continuamos aprendendo, com as pessoas que vivenciam a grande perda que é a morte propriamente dita.

As perdas que se acumulam para o idoso podem ser distribuídas em cinco grupos: doenças crônicas e limitações físicas; morte do cônjuge, amigo ou parente próximo; morte de um filho ou neto; morte de um animal de estimação ou perdas materiais significativas.

## **2 UMA ANÁLISE DA OBRA: "A CERIMÔNIA DO ADEUS"**

O foco da investigação deste artigo está na vivência e nas experiências que aproximam Sartre da finitude, além de levantar alguns pontos de reflexão nos temas importantes para a pesquisa em gerontologia, tais como a finitude da vida, a vida e a morte.

A análise do livro "A Cerimônia do Adeus" foi baseada no diário de Simone de Beauvoir, escrito por Sylvie (sua filha adotiva) e lançado no ano de 1981, um ano após a morte de Sartre. O livro tem duas partes: a primeira relata os 10 últimos anos de vida de Sartre (entre 1970 e 1980), e a segunda parte apresenta as entrevistas feitas de Simone para Sartre, nos meses de agosto e setembro de 1974, entre verão e outono. Com sua habitual preocupação de contar a verdade, por mais brutal que fosse, e sem sentimentalismo algum, Simone descreve, na primeira parte do livro (somente a primeira parte do livro será mencionada neste trabalho), a deterioração física e mental de Sartre, o homem que ela havia amado. O público ficou dividido, alguns consideram o livro de mau gosto, outros o acham comovedor. No Brasil, o livro foi lançado no ano de 1982, contendo 604 páginas, traduzido por Rita Braga e publicado pela editora Nova Fronteira.

Jean-Paul Charles Aymard Sartre nasceu em Paris, no dia 21 de junho de 1905, ficou órfão de pai muito cedo. O pai, oficial da marinha, faleceu ainda jovem, dois anos depois do nascimento do filho. Foi com sua mãe, Anne-Marie Schweitzer, viver em casa de seu avô materno, Carl Schweitzer, de origem alsa-

ciana e protestante, professor de Alemão na Sorbone, em um apartamento no sexto andar de um edifício em Meudon, nos arredores da capital, nas proximidades do Jardim de Luxemburgo. Foi filósofo, jornalista, militante, biógrafo e crítico. Sartre estudou primeiro no Liceu Henrique IV, em Paris. Mais tarde, estudou no liceu em La Rochelle, localidade onde, tendo sua mãe se casado pela segunda vez, a pequena família passou a residir. No ano de 1924, conheceu Simone de Beauvoir, amiga, companheira íntima e cuidadora por aproximadamente 56 anos. Graduou-se em 1929. Era também um representante do existencialismo.

Sartre e Simone mantinham um relacionamento aberto e se relacionavam intimamente com outras pessoas. Sartre acreditava que os dois, antes de constituírem um casal ou família, eram escritores e, para o bem do existencialismo, era preciso vivenciar diferentes momentos, viver o mais livre possível e trocar todas as experiências vividas por eles. Moravam em casas separadas, mas próximos. Sartre morava num pequeno e austero apartamento no 10º andar em frente ao cemitério Montparnasse: dormia duas noites por semana na casa de Simone. De acordo com a mesma, no livro “A Cerimônia do Adeus” (p. 13-172) até 172), Sartre esteve em estado de alerta 20 anos antes de sua morte. No final de sua viagem à União Soviética, em 1954, com uma crise hipertensiva, precisou ser hospitalizado e, em 1958, escapou de um ataque, devido ao estreitamento de suas artérias e arteríolas.

No ano de 1970, Sartre apresentou grande dificuldade para respirar, tinha abcesso na boca e ameaça de gripe, fumava dois maços de cigarro por dia e be-

bia muito. Passou em diversos especialistas médicos, não menos que 11, quando foram detectadas perturbações circulatórias na região esquerda cerebral, além do estreitamento de artérias e arteríolas, e de vasos sanguíneos cerebrais. Foi recomendado, sem sucesso, que diminuísse o fumo e recebeu uma série de injeções revitalizadoras. Nesse ano, viajou muito, foi a Roma e fundou um novo jornal que, logo após, fundiu-se com "La Cause Du Peuple".

A saúde de Sartre dava sinais insatisfatórios, continuava com os vícios e estava sempre sonolento, o que fez o médico diminuir as doses de medicamentos. Sartre passou a ficar mais tempo na casa de Simone, pois o elevador de onde ele morava estava quebrado e se sentia muito cansado para subir escadas. Sartre estava sem dentes e não se sentia muito bem, a boca estava torta e, ao chegar à casa de Arlette (filha adotiva de Sartre), sofreu um ataque durante o sono, com pressão sistólica de 180 MMHG. Bebia uísque e só não fumava porque não conseguia segurar o cigarro na boca; sentia o membro superior direito dormente e pesado. Foi recomendado repouso e acompanhamento por 48 horas. Negou repouso e continuou trabalhando duramente; começou a sentir fortes dores na língua, não conseguia falar nem comer sem sofrer. Por muitas vezes, mostrava-se ausente e triste, pela primeira vez, comentou estar iniciando a cerimônia do adeus, o que deu nome ao livro.

Em 1971, Sartre, apresentou recaída dormindo e, ao acordar, percebeu ter perdido sensibilidade térmica em membro superior direito, sua boca estava mais torta e seu rosto inchado por abscesso no rosto que

logo desapareceu, assim como a tristeza e ausência. Tomava os medicamentos pontualmente, bebia menos e, em meados de novembro, Simone percebeu que estava tudo tão bem que quase se instalou a tranquilidade. Sartre sofria sem os dentes, queixava-se da memória em pequenas coisas (o que era verdade). Sofreu queda por embriaguês com sangramento nasal sem maiores consequências, a não ser a hipertensão, que chegou a medir 210 MMHG, a pressão sistólica.

Em meados de outubro desse mesmo ano, Simone tomou consciência da irreversibilidade da degradação da velhice de Sartre, que também começou com incontinência urinária esporádica. Tinha problema dentário, mas uma dentadura nova ajudou-o em muito e ele se mostrou mais feliz e alegre. Sartre ressurgiu, dizendo que a amizade de Simone e Bost o rejuvenescia.

Em fevereiro de 1973, ele sofreu uma bronquite que o deixou muito cansado, além de um novo ataque que o deixou com o rosto torto, o braço anestesiado e sem a memória plena das coisas. Após um eletroencefalograma, nada houve de anômalo nem problemas novos. Foi novamente proibido de fumar e beber, sem sucesso. Sartre desejava passar mais tempo em casa para trabalhar e produzir, mas, com o quadro de confusão mental, ficou impossível fazê-lo. Muitas vezes, não lembrava porque estava em certos locais. Enquanto isso tudo ocorria, Simone sentia seu mundo oscilar, assim como as melhoras e recaídas de Sartre, que ainda tomava injeções diárias e lia muito lentamente. Sentiu medo de ser amputado (por causa de sua arterite) e sentiu proximidade da morte. Aos poucos, foi abrandando sua confusão mental, bem como

sua energia; sentia-se incapaz e confuso. Oscilava entre euforia e sonolência, parecendo declinante. Não conseguia produzir trabalhos mais sérios, continuava em seus altos e baixos. O que mais fez Sartre sofrer nesse caminho de finitude foi a diminuição quase que total da acuidade visual, apesar dos tratamentos oftálmicos. Simone via Sartre cada vez mais feio: boca repuxada, visão deficiente, sem energia. Ao todo, ele teve quatro hemorragias oculares, glaucoma e aumento da pressão ocular, aquele momento, a incontínência diminuiu e foi relacionada ao uso de medicamentos. Sartre tinha hipertensão arterial sistêmica, diabetes *mellitus* e arterite.

Simone lia jornais para Sartre em Francês e Italiano. Não conseguia mais comer sem se sujar e sujar o chão, raramente aceitava ajuda para cortar carne. Intelectualmente, mostrava-se alerta, com a memória mais íntegra, mas, às vezes, se desligava, tinha bom humor e se queixava muito pouco.

Sartre mudou para um apartamento maior, também no 10º andar, mas com dois elevadores. Em 8 de outubro, foi ao tribunal de Paris, por ser citado por difamação, calúnia e ameaças de morte. O processo foi anulado.

Jornalistas questionavam sobre a saúde e deformidades de Sartre, que, nessa época, recebeu a notícia mais triste de sua vida: sua retina foi lesionada, por isso, foi pedido pelos médicos que não trabalhasse por cinco meses. Mostrava-se ausente, suportava com dificuldades as injeções para diabetes e percebeu que alguns médicos não se interessavam por ele, sim pela doença. Babava muito e, devido a sua im-

possibilidade para ler, decidiu contratar um ajudante para ler os jornais e escrever por ele; foi Victor quem aliviou o trabalho excessivo de Simone por um tempo. Após alguns anos, foi traído por Victor, que não escrevia fielmente seus escritos, deturpando sua opinião. Sentiu-se cansado, da casa, das coisas, de não trabalhar mais, sentia-se como um pedaço de tumba.

O ano de 1974 chegou e Sartre tentava trabalhar, reagia e Simone iniciou uma série de entrevistas com ele. Uma noite, quando Simone passeava com Sartre e Sylvie, em Florença, Simone foi roubada, teve o braço esquerdo deslocado e gessado; assim, decidiram não sair à noite. Em outubro desse mesmo ano, Sartre melhorou para comer, fumar, dirigir e sua adaptação motora era quase perfeita. Simone lia para Sartre, que voltou a dar entrevistas coletivas, voltou a trabalhar e escrever com letra quase ilegível. Assim chegou ao ano de 1975 reagindo, lutando e trabalhando. A falta de dinheiro incomodava Sartre que, muitas vezes, pagava seus projetos com dinheiro pessoal. Não tinha apegos financeiros, ajudava financeiramente muitas pessoas, algumas vezes ficava sem o mínimo para suas despesas pessoais, não aceitava dinheiro de Simone.

Esteve em Roma, Grécia e Portugal. Perdeu um grande amigo com leucemia e resolveu não pensar mais nas perdas, porque nada poderia fazer. Normalmente Sartre não pensava nem falava da morte, mas dizia saber que ela chegaria. Simone observou nele cansaço, enrolar a língua, dificuldade para falar, engolir e caminhar. Tropeçava nos degraus, caía frequentemente e tinha dificuldade para realizar pe-

quenas atividades. Nesse mesmo ano, ganhou, na embaixada de Israel, o título *Honoris Causa* da Universidade de Jerusalém. Foi ameaçado por um grupo anarquista GIN, o que o fez findar o ano em Genebra, com Simone.

Em 1976, passou a sentir-se inválido, devido à diminuição da acuidade visual; temia ser má companhia, pois andava devagar, as dificuldades motoras eram evidentes.

No ano de 1977, Sartre mantinha as dificuldades de locomoção, voltou a fumar como de costume. Sentia-se morto profissionalmente, mas tentava se adaptar a cada situação. Nesse ano, tornou-se incapaz de caminhar, sentia dores o tempo todo na perna esquerda. Simone leu uma carta de encaminhamento do médico de Sartre para um especialista, e dizia que ele tinha apenas 30% de circulação nas pernas, podendo viver apenas alguns anos. Simone se deu conta da finitude de Sartre. O desespero e a angústia a invadiram. Não alimentava mais ilusões.

No ano de 1978, viajou para Veneza. Sartre estava com problemas financeiros (faltava dinheiro), o que o fez cortar algumas doações em dinheiro; continuava sem aceitar dinheiro, nem ao menos empréstimo de Simone.

No ano de 1979, foi ferido na mão por um doente psiquiátrico, com histórico de diversas internações em manicômio, que Sartre parou de ajudar financeiramente por conta de sua situação. O corte dessa ajuda custou-lhe esse ataque, porém sem maiores consequências.

O ano de 1980 foi marcante, fez *check up*, não

houve diferença em seus exames médicos se comparados ao ano de 1979. Foi encontrado bêbado no chão de seu quarto; escondia bebidas num cofre. Pouco tempo depois, Sartre sofreu de aerofagia (20 de março de 1980), não conseguiu pedir socorro a Simone, devido a sua limitação, pois não conseguia se locomover. Simone notou algo diferente e, quando o viu, correu para buscar socorro; feitos sangria e atendimento médico por aproximadamente uma hora, foi levado de ambulância para o Hospital Broussais. Os médicos informaram a Simone que era edema agudo pulmonar. Sartre tinha febre, delírios e permanecia a maior parte do tempo deitado, sentando-se somente para realizar as refeições. Emagreceu, e órgãos como bexiga e rins não reagem. Cansado, já apresentava escaras e gangrena, pois levantava raramente. Recebia poucas visitas, reclamava do período de curativo das escaras, mas, ao mesmo tempo, dizia ficar feliz, pois não as via. Lúcido, falava e acreditava não morrer ainda.

Em conversa com Simone, Sartre perguntou-lhe como faria para pagar as despesas do funeral; ela protestou, pois não queria que ele falasse da morte, mas aceitou, pois ele se via desenganado, presenciou sua morte sem angústia e Simone respondeu a sua pergunta dizendo que ficaria por conta do seguro social.

Em 13 de abril de 1980, Sartre tocou a mão de Simone e disse: amo muito você, minha Castor<sup>3</sup>. Sartre

---

<sup>3</sup> Forma como René Maheu a apelidou, porque castores vivem em bandos e têm o espírito construtor.

estendeu a boca, beijaram-se na boca e no rosto, ainda amava a vida ardentemente, mas a ideia de morte lhe era familiar. Sartre voltou a dormir.

Dois dias depois, não respirou mais. Simone recebeu a notícia, pediu para ficar sozinha com ele, tentou deitar na cama com ele, mas a enfermeira a impediu, devido às escaras e gangrena. Deitou por cima do lençol e dormiu com ele pela última vez. Simone atendeu ao pedido de Sartre, que não queria ser enterrado, nem sepultado junto à mãe e ao padastro. Uma multidão o acompanhou, aproximadamente 50.000 pessoas. Foi cremado no Père Lachaise, suas cinzas depositadas no cemitério de Montparnasse, Paris, na França. Simone não compareceu ao crematório, estava esgotada e passava mal. Em um interessante trecho, Simone declara:

eu estava muito esgotada para comparecer e dormir. E, não sei como, caí da cama e fiquei sentada no tapete. Quando Sylvie e Lanzmann regressaram da cremação, encontraram-me delirando; hospitalizaram-me. Estava com uma congestão pulmonar da qual me curei duas semanas depois.

No final do livro, Simone faz uma reflexão intensa sobre a doença, luta e morte de Sartre, onde diz:

De toda maneira, eu oscilava, como ele, entre temor e esperança. O meu silêncio não nos separou só a morte nos separa. A minha morte não nos reunirá, assim é. Já é belo que nossas vidas tenham podido harmonizar-se por tanto tempo (BEAUVOIR, 1982, p. 13-172).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Morte, óbito ou falecimento são termos que podem referir-se tanto ao término da vida de um organismo como ao estado desse organismo depois do evento. A morte é o fenômeno natural que mais se tem discutido em religião e ciências com opiniões diversas. O Homem, desde o princípio dos tempos, caracteriza-a com misticismo, magia, mistério, segredo. Para outros, a morte compreende o cessar da consciência, exatamente quando o cérebro deixa de executar suas funcionalidades.

Pensar na morte pode nos ajudar a aceitá-la e perceber que é uma experiência tão importante e valiosa como qualquer outra (ARIÉS, 2003). Morte é um tema presente: “A idéia da morte e o medo que ela inspira perseguem o animal humano como nenhuma outra coisa”, representando, em realidade, “uma proposição universal da condição humana”. A vida, por muitas vezes, exige que sejamos sábios para que a morte ocorra quando a vida precisa sair. Pensar na finitude é uma possibilidade de despedida materialista, mas não necessariamente uma despedida espiritual.

Para muitas pessoas, envelhecer faz bem, traz aprendizado, sobretudo, emocional. Não há como estacionar a idade cronológica, podemos buscar uma melhoria existencial. A morte não se opõe à idade e sim à vida. É além da idade que devemos olhar, e quebrar estigmas imputados à velhice como sinônimo de morte e doença, porque o envelhecimento é a resposta de um prolongamento de vida. Morte é parte obri-

gatória da vida, e nem sempre a velhice se faz presente, mas a morte também é parte obrigatória da velhice.

A morte não é privilégio da velhice. Morre-se em qualquer idade. É nesse momento que a morte aparece como uma possibilidade pessoal, provocando a busca ou a preocupação de antigo significado ou novo significado para a vida.

Sartre dizia:

Sinto que a vida se amplia e enriquece sempre, mesmo após os 60 anos de idade, com estreitamento da velhice e da doença pelo cansaço de não poder realizar longas viagens, que atinge cada um e nós como um leve avanço para a morte (BEAUVOIR, 1982, p. 580).

O desejo e a vontade de viver são sentimentos humanos. O homem é um ser que deseja: deseja amor, vida, saúde e conforto (KANT, 1992). Sartre disse: "Quando morrer morrerei satisfeito. Descontente por morrer em tal dia e não 10 anos depois, mas satisfeito" (BEAUVOIR, 1982, p. 588).

Podemos considerar a morte como a maior das crises que o homem enfrenta. A nossa vivência fica marcada no humano, no outro, no nosso próximo. Sartre sentia-se muito bem, ao conversar com pessoas mais jovens.

Para Freud (1996), o ser humano só sobrevive porque um outro o deseja: a necessidade elementar de ser amado e de ser cuidado com carinho se mantém nas pessoas até a morte.

O morrer de Sartre foi lento, oscilante e com alterações progressivas, passava por pequenas mortes

diárias, que o faziam experimentar a capacidade de adaptação para manter-se vivo na velhice. Sentia-se cada vez menos confortável a cada dia, com grande dificuldade para aceitar suas mortes diárias em pequenas coisas. Oscilava em seus sentimentos, sentia seu futuro incerto e o medo da proximidade do fim de sua existência fez com que frequentemente temesse ao agravamento de suas doenças e apavorava-se na possibilidade de amputação.

Por diversas vezes, Sartre ignorava a vida e todas as recomendações médicas, algumas vezes, não aderira ao tratamento, não realizava repouso pedido pelos médicos, vivia de maneira indiferente, por vezes, negava sua finitude, ou exercia o existencialismo criado por “ele”. Sartre disse: “Utilizei minha liberdade para o que desejava, quando morrer, não morrerei desfazendo de minha vida, aceito-me integralmente e sinto-me com precisão, tal como quis ser” (BEAUVOIR, 1982, p. 587).

O humanismo existencialista de Sartre se desenvolveu de uma ontologia fenomenológica de uma teologia ateia. Acreditava que o homem nasce sem razão, subsiste por fraqueza e morre por acaso. O existencialismo sartreano é uma forma de humanismo, suprimindo a necessidade de Deus e colocando o próprio homem como criador de todos os valores. A morte seria, para Sartre, como aniquilamento de seu “ser”, algo que tira o significado do Ser. Foi evidência de uma geração em crise, que perdeu o sentido de sua existência e se defrontou com a ausência de limites e excesso de liberdade, tornando-a uma espécie de doutrina da liberdade para toda uma geração de europeus, “os homens de 1945”, que sobreviveram

aos sofrimentos da Segunda Guerra Mundial. Sartre não acreditava em Deus.

A religiosidade é colocada como um fator muito importante para a felicidade humana. Oferece-nos uma possibilidade de acreditar que nossa vida pode ter alguma continuidade depois da morte, que temos alguma coisa para esperar do futuro. Para uma pessoa que envelhece, isso dá uma grande sensação de serenidade e calma. Não é pouco comum encontrar alguém que viveu como ateu uma vida inteira e, durante o processo de envelhecimento e especialmente durante a velhice, mais tardiamente, adquire algum sentimento religioso. A pessoa pode sentir que esse corpo pode deixar de ser, mas a alma continua, então é uma forma de driblar a finitude (GOLDFARB, 2002).

Podemos dizer que a maior parte das alterações de Sartre foi estritamente relacionada ao modo como ele viveu a vida e encarou as doenças.

Na crise dos valores tradicionais, abalados pela matança e pela crueldade universal, o pensamento Sartriano serviu para uma grande geração de europeus desesperançados, que depois de uma Europa sobrevivente às guerras saiu da conveniência e modismo da população. Quando a Europa se reergueu após as desesperanças, não foi mais "necessário" acreditar no existencialismo sartriano.

Cego desde os 67 anos de idade, convém relatar que Sartre, para poder escrever sem cessar ao longo da vida, consumiu, em excesso, fármacos e energizantes que usou em favor de sua "causa" (era comum ele escrever por 14 horas seguidas).

A doença foi matando-o aos poucos, provocando

odores fortes, vindos de um corpo que, dia a dia, se degradava e se esvaziava de vida, e o que mais entristeceu Sartre foi a dificuldade para enxergar. Não conseguia ser o mesmo de antes para trabalhar, ler e escrever. Sartre se tornou alvo de Victor (secretário de Sartre), tornou-se frágil e vulnerável, por esse motivo, foi traído. Victor escrevia textos de sua autoria e manipulava Sartre, que concordava com ele, sem conseguir enxergar. Victor escrevia sem revisão seus escritos.

Sartre sofria por se sentir improdutivo, confuso, cego, e com diminuição de movimentos, aos poucos sentia a finitude chegar, por muitas vezes acompanhado de dores. Suas hospitalizações e seus retornos médicos eram bastante frequentes e, por muitas vezes, se enchia de esperanças, e as incertezas o faziam oscilar. Ficou triste quando percebeu que, para alguns médicos, era visto como “sua doença”, não como o indivíduo.

Tentava, por muitas vezes, fugir da realidade, com uso abusivo de fármacos estimulantes para escrever incessantemente como forma de distanciamento, isolamento e prazer momentâneo.

Sartre foi um homem generoso com os pobres e desapegado a bens materiais, porém, em detrimento de seu estado de saúde, devido à dificuldade em escrever e trabalhar, foi necessário cortar algumas ajudas financeiras e voltar sempre ao trabalho, para custear suas despesas pessoais. Sempre foi polêmico: odiado por uns, amado por outros, considerado, às vezes, uma das consciências mais lúcidas do século, em outras, o grande “manipulador” da juventude e a “consciência odiada” (GERASSI, 1990).

Sartre temia deixar de ser um homem de pensamento, temia o fim de sua consciência, como o fim de sua visão. Acreditava que o valor da vida é o sentido que cada homem escolhe para si mesmo. Sartre é reconhecido até hoje pelas contribuições feitas ao meio social e à humanidade; foi criativo e brilhante. Pouco antes do seu fim, demonstrava ter perdido o sentido da vida. É pela consciência de nossa finitude que valorizamos nossa existência individual. Assim, a morte de Sartre se colocou como parte do "eu" de Simone de Beauvoir, que, em todo tempo, respeitou sua autonomia. Demonstrou ser cuidadora de Sartre por 10 anos. Em meio à morte de seu companheiro, sentiu um vazio que a fez sofrer e adoecer. Sartre teve o sofrimento compartilhado e acolhido por Simone.

A morte libertou-o do sofrimento.

Aprender a envelhecer permite criar novas formas de existir que possibilitem uma atitude de reinventar-se constantemente como se cada dia fosse o último, de continuar escrevendo a sua própria história de vida, a partir de um projeto que indique em que sentido e para onde se deseja transformar (SARTRE, 2002). Se você investe na família, na profissão, no amor, numa atividade qualquer geradora de prazer, enfim, vários investimentos possíveis, pode perder algum deles, mas vai ter sempre objetos para onde dirigir sua energia. O trabalho é importante, é uma das melhores maneiras de se obter satisfação, ainda que não responda a uma vocação específica, mas que seja significativa, que seja uma produção válida para a sociedade (GOLDFARB, 2002).

## REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BEAUVOIR, S. **A Cerimônia do Adeus**. Tradução de Rita Braga. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- BEAUVOIR, S. **A Cerimônia do Adeus**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- BECKER, Ernest. **A Negação da Morte**: uma abordagem psicológica sobre a finitude humana. São Paulo: Record, 2007.
- ERIKSON, E. **Childhood and society**. New York: Norton, 1969.
- ERIKSON, E. H; ERIKSON, J.M. **On generativity and identity**: from a conversation with Erik and Joan Erikson. Harvard Educational Review, 1991.
- FREUD, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GERASSI, John. **Jean-Paul Sartre**: consciência odiada de seu século. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- GOLDFARB, V. C. **Psicanálise e envelhecimento**. Revista Kairós, Caderno Temático 2, São Paulo. EDUC, p. 13-38, ago. 2002.
- KANT, I. **Sobre pedagogia**. Madri: Eumo, 1992.

KASTENBAUM, R. Death and bereavement in later life. In: KUTSCHER, A. H. (ed) **Death and bereavement Springfield IL**, Charles C Thomas 1969, 28-54.

KOVÁCS, M, J. Medo da morte. In: KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992. p. 14-27.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. 2. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1988.

SARTRE, J. P. **Crítica da razão dialética**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

SCHRAMN, F. R. Morte e finitude em nossa sociedade: implicações no ensino dos cuidados paliativos. **Revista Brasileira de Cancerologia**, 48(1). 17-20; 2002.

## ANALYSIS OF THE MEMORIAL OF THE FINITUDE OF SARTRE IN THE BOOK: "THE FAREWELL CERIMONY" OF SIMONE OF BEAUVOIR.

**Abstract:** This article discusses the great impact text by Simone de Beauvoir as she describes the slow death of Jean Paul Sartre, famous philosopher of the 20th century. Sartre and Beauvoir are considered intellectual icons while keeping an open relationship as lovers and friends for more than 50 years. The goal of this reflection is to raise some very important issues concerning gerontology perspective such as finitude, life and death based on the reports, testimonies and Simone's personal journal about the progression of Sartre's disease. The journal pictu-

res his last 10 years of life until the farewell ceremony followed by approximately 50,000 people. It contains his daily life and efforts to remain alive. Even dead, his existential ideas remain alive in ordinary people's lives. Sartre was afraid of losing reason, he feared the end of his consciousness and the loss of sight. The philosopher is still acknowledged for his brilliant and creative contributions. He faced a paradox: a strong desire to continue living and the discovery of the difficulties of each stage of his illness. Death freed him from suffering.

**Keywords:** Finitude. Life. Memorial. Death. Farewell.

Recebido em fevereiro de 2010

Aprovado em abril de 2010

# AS REPRESENTAÇÕES SOBRE A MORTE E O MORRER NA VISÃO DE ACADÊMICAS DE ENFERMAGEM

Silvia Virginia Coutinho Areosa<sup>1</sup>

Elton Luis da Silva Petry<sup>2</sup>

Franciele Machado<sup>3</sup>

Maira Fernandes<sup>4</sup>

**Resumo:** Como objetivo deste artigo, procura-se entender a visão que acadêmicas de enfermagem têm sobre a morte e o morrer, como as mesmas enfrentam essa questão em relação à morte de seus familiares, a perda do outro em sua profissão e em relação a sua própria morte. Identificando quais suas crenças, procura-se entender se a morte para essas acadêmicas ainda é vista como um tabu. Os sujeitos da pesquisa foram 15 acadêmicas voluntárias do Curso de Enfermagem que cursam a partir do sétimo semestre da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Trata-se de um estudo qualitativo, em que os dados foram coletados por meio de entrevistas individuais. Os resultados desta pesquisa foram organizados através da técnica de análise de conteúdo e apontam as dificuldades encontradas pelas entrevistadas em lidar com situações de morte, não só no âmbito técnico, mas também no sentido psicológico. Conclui-se que o assunto morte e morrer ain-

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta, doutora em Serviço Social, Editora da Revista BARBARÓI, Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) *E-mail:* sareosa@unisc.br.

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) *E-mail:* elton\_petry@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) *E-mail:* francitm21@hotmail.com.

<sup>4</sup> Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) *E-mail:* mairaf83@gmail.com.

da permeia o imaginário social como algo ruim, algo que não deva ser falado, trazendo sofrimento para quem precisa lidar com isso na sua prática profissional.

**Palavras-Chave:** Morte. Morrer. Acadêmicos de Enfermagem.

## INTRODUÇÃO

Em nossos dias, muitos tabus, preconceitos e mitos foram vencidos. Infelizmente, porém, cresceu o tabu a respeito do morrer. Esse assunto é indesejado e até camuflado nas conversas diárias. A morte questiona nossa ideologia da eficácia e da competência. Quebra a linearidade do tempo (SIMONI; SANTOS, 2003).

O tempo passa e com ele passamos também. Nascermos, crescemos, amadurecemos, envelhecemos e morremos. Esse percurso da existência é uma realidade fascinante. Há quem sofra desse princípio de impermanência de tudo o que vive. Há, contudo, quem encontre a razão de ser e existir entre o movimento de nascer, viver e morrer.

O ser humano é essencialmente um ser para a morte: aprender a viver é aprender a morrer. Não é possível perceber a morte apenas como uma finitude fisiológica, como se a morte fosse a negação da vida ou o fim do sujeito que vive no tempo e espaço. O ser humano, diferente dos demais seres, sabe que vai morrer, tem consciência dessa limitação e por isso não nasce determinado e nem se move apenas por impulsos biológicos, mas vai construindo sua vida e construindo-se (BRUSTOLIN, 2007).

A morte é um tema evitado, ignorado e negado por nossa sociedade, que cultua a juventude e que se orienta para o progresso. A morte, na verdade, é tão parte da existência humana, do seu crescimento e desenvolvimento quanto o nascimento (ALENCAR; LACERDA; CENTA, 2005).

Na verdade, a natureza humana é indigente; ao nascer, percebem-se as carências psicofísicas das pessoas que precisam de tempo para passar da dependência total e crescer na autonomia e liberdade dada às criaturas humanas. O tempo vivido neste mundo faz com que a pessoa sempre esteja em profundas mudanças, passando por crises, novas experiências e limitações (BRUSTOLIN, 2007).

A morte é agora institucionalizada e medicalizada. Encontramos, nos hospitais, aparelhos de alta tecnologia que são utilizados para manterem o organismo do paciente em funcionamento e profissionais treinados para manipulá-los, porém sem preparo para assistir as reais necessidades do paciente, em iminência de morte, e de sua família (COSTA; LIMA, 2005).

É difícil pensar em morrer e sempre será mesmo depois de aceitarmos a morte como parte integral da vida, porque morrer significa renunciar à vida neste mundo. Mas, se pudermos aprender a ver a morte sob um ângulo diferente, e ressignificá-la em nossas vidas de forma que ela seja não uma estranha temida, mas uma companhia esperada, podemos então viver nossas vidas com mais significados, com toda a atenção de nossa finitude e limitação do nosso tempo nessa vida (BRUSTOLIN, 2007).

Hoje, quando a humanidade está, mais do que

nunca, rodeada pela morte e destruição, é fundamental estudar e compreender seu verdadeiro sentido; por isso, é preciso cuidar do viver sem prescindir do cuidado com o morrer. Pensar a morte, falar da morte, eis o objetivo desta pesquisa.

Assim, busca-se entender a visão que acadêmicas de enfermagem têm sobre a morte, como as mesmas enfrentam essa questão em relação à morte de seus familiares, a perda do outro em sua profissão e em relação à sua própria morte. Identificando quais suas crenças, procura-se entender se a morte, para essas estudantes, ainda é vista como um tabu.

Trata-se de um estudo qualitativo, em que os dados foram coletados por meio de entrevistas individuais. Os resultados desta pesquisa foram organizados através da técnica de análise de conteúdo de Bardin (1979), sendo uma metodologia de pesquisa utilizada para descrever e interpretar o conteúdo, atingindo níveis de compreensão de significados que vão além de uma leitura superficial, permitindo, assim, compreender a percepção dos acadêmicos de Enfermagem em relação à Morte e ao Morrer.

Os sujeitos da pesquisa foram 15 acadêmicas voluntárias do Curso de Enfermagem que cursam a partir do sétimo semestre, com idade acima de 18 anos, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) no segundo semestre de 2009. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)<sup>5</sup> da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. A seleção da amostra ocorreu de forma espontânea até completar-se o nú-

---

<sup>5</sup> Projeto nº 2357/09.

mero de 15 sujeitos. A coleta de dados desta pesquisa foi realizada através de entrevistas estruturadas (gravadas e transcritas, com o consentimento das entrevistadas<sup>6</sup>), contendo em torno de sete questões, cujo objetivo era entender a visão que acadêmicas de enfermagem têm sobre a morte, como estas enfrentam essa questão em relação à morte de seus familiares, a perda do outro em sua profissão, e em relação a sua própria morte, sendo gravada e transcrita com o consentimento da entrevistada. Foi informado que se trata de uma pesquisa qualitativa, ressaltando que sua identidade será mantida em sigilo.

Após a entrega dos termos, os pesquisadores iniciaram a aplicação da entrevista, que foi em data e horário combinados individualmente, no SIS-UNISC (Serviço Integrado de Saúde da Universidade de Santa Cruz do SUL). A análise de dados foi feita através de um entrelaçamento dos resultados obtidos nas entrevistas a partir da análise de conteúdo (BARDIN, 1979), e a teoria abordada pelo projeto.

## **2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

A discussão dos resultados desta pesquisa foi feita através da ordem das categorias apresentadas. Concepção sobre a morte, sentimentos em relação à

---

<sup>6</sup> Através do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*, em duas vias, uma cópia para a participante (para torná-la ciente dos objetivos da pesquisa, do tema abordado, da ausência de danos possivelmente causados a ela, e da garantia de sigilo pessoal ao realizar as entrevistas) e outra para os pesquisadores.

morte de pacientes, sofrimento pela morte de um familiar, visão da própria morte, tabu da morte, enfrentamento religioso.

### **3 CATEGORIA 1: CONCEPÇÃO SOBRE A MORTE**

No que diz respeito a esta categoria, existe uma diversidade de concepções sobre a morte, causas orgânicas referenciando a morte, o sofrimento frente à perda, sentimentos como tristeza, vazio e medo, como demonstram as falas abaixo:

- *Vazio, um sentimento de medo também. De como eu vou tá preparada diante disso, não só com meus futuros pacientes, mas na família A10, 22 anos).*
- *A primeira coisa que vem na cabeça quando se fala em morte é em tristeza, medo da perda de alguém, que tu gostes ou que tu conheças [...] porque tu viu a vida toda de uma pessoa indo embora assim, ainda mais quando é um familiar teu [...], é um processo natural, a gente nasce, vive, a gente é mortal, tem que morrer (A9, 27 anos).*

Entre os conceitos mais comuns em relação à morte, estão a parada definitiva das funções vitais até a separação do corpo e da alma (BERNIERI; HIRDES, 2007).

- *Bom, eu vejo a morte como nada mais que um desprendimento da alma em relação ao corpo. Depois que se vai, pode se fazer o que quiser*

*com o corpo [...], porque a gente tem um tempo, nasce, cresce e morre, a partir do momento que tu cumpriu o teu tempo aqui no mundo que vivemos agora, chegou sua hora, aí a gente vai a óbito (A4, 29 anos).*

Os conceitos ou as concepções das acadêmicas sobre a morte são múltiplos. Bernieri e Hirdes (2007) apontam que as concepções das pessoas variam conforme a educação que receberam, suas experiências de vida e o contexto sociocultural onde cresceram e se desenvolveram. Segundo Fernandes, Iglesias e Avellar (2009), a dificuldade de lidar com o fim faz com que a morte desperte medo no ser humano, representado em crenças, valores e visão que cada um constrói.

- *É meio difícil de falar, vem aquela ansiedade, até certo medo de pensar em como lidar com essa situação e, ao mesmo tempo, aquele sofrimento (A12, 21 anos).*

Assim, nossa visão sobre a morte está contaminada pelas experiências que adquirimos de acordo com nossa personalidade, ambiente social, cultural religiosidade e educação familiar (PINHO; BARBASA, 2008).

- *Acho que todo mundo sabe que vai morrer, só acho que as pessoas não estão preparadas pra morte [...], porque uma hora ou outra... (A3, 23 anos).*

Segundo algumas estudantes entrevistadas, a con-

cepção de morte está relacionada ao acometimento do corpo por uma patologia ou acidente qualquer, ocasionando a falência de seus órgãos vitais, tendo uma parada progressiva de toda a atividade do organismo. Podendo ser de forma súbita (doenças agudas, acidentes) ou lenta (doenças crônico-degenerativas), seguida de uma degeneração dos tecidos (MOREIRA; LISBOA, 2006), como evidencia a fala a seguir:

- *É a degeneração das moléculas das células, a gente vai envelhecendo, chega a um ponto que você vai morrer seja por doença ou por infarto por alguma coisa referente a tua saúde (A14, 22 anos).*

Atribuir causas apenas orgânicas à morte traz uma visão que atravessa a formação enquanto enfermeiro, área técnica que valoriza o que pode ser mensurável, concreto. A morte, em seu aspecto biológico e racional, torna-se relativamente mais fácil de vivenciar como um acontecimento cotidiano, que completa o ciclo da vida, nascer, crescer, envelhecer (RIBEIRO; BARALDI; SILVA, 1998).

- *A partir do momento que um órgão vir a ficar doente, ou tu mesmo a vir a se sentir mal, aquilo ali vai parando, o coração vai parar, os rins vão parar, então é mais ou menos nesse sentido que acabamos por morrer [...] mas eu acho que tudo tem uma hora certa na vida e que tudo acontece quando tem que acontecer, claro quando tem uma doença, você sabe, vai morrer porque tá com AIDS, é uma doença que não tem cura (A1, 24 anos).*

Faz-se compreender, ao longo das entrevistas, que, para as estudantes, a morte ocorre como processo, e não apenas como um resultado final, assim como ilustra essa fala:

- *Pra mim, a morte é um processo natural, eu tenho bem claro que é uma parte do processo da vida, nascer e morrer faz parte [...] a gente nasce, cresce, o organismo vai envelhecendo e a gente morre; acredito que é a evolução da vida, envelhecemos e morremos (A13, 21 anos).*

Em todas as sociedades, desde as mais primitivas até a atualidade, o ser humano sempre teve, efetivamente, dois tipos de morte: uma biológica, que representa o fim do organismo humano, e uma morte social, que representa o fim da identidade social do indivíduo (BELLATO; CARVALHO, 2005).

- *Morte pra mim é o afastamento da pessoa, quando a pessoa morre, ela passa a não ficar mais no convívio conosco, a perda de uma pessoa é uma coisa natural da vida; todos nós vamos passar por isso; é a única certeza que a gente tem na vida; é uma coisa dolorosa porque perder uma pessoa que passou pela tua vida, deixou muitos rastros e sentimentos, morte é uma coisa muito dolorosa, é uma perda (A14, 22 anos).*

Sendo assim, os alunos passam a responder aos movimentos da vida da mesma forma, criando uma espécie de mecanismo de defesa, racionalizando, in-

clusivo, os sentimentos, na posição de proteger-se quanto ao desconhecido e ao que possa causar dor, ou outro sentimento que não seja desejado.

## **CATEGORIA 2: SENTIMENTOS EM RELAÇÃO À MORTE DE PACIENTES**

Nesta categoria, aparece o despreparo acadêmico para lidar com a morte e seus atravessamentos, a dificuldade de lidar com a morte de crianças ou jovens, sendo natural a morte de idosos, o vínculo com o paciente terminal, sentimento de culpa e responsabilidade pela morte do paciente e a preocupação que os acadêmicos têm frente ao sofrimento dos familiares dos pacientes, como evidencia a fala abaixo:

- *Eu sinto sofrimento daquela família, eu vejo o quanto eles estão sofrendo e isso, de certo modo, me afeta, que eu absorvo muito (A2, 24 anos).*

Estabelecer um cuidado neste momento crucial de vida/morte requer, dos profissionais de saúde, sensibilidade, envolvimento, empatia, olhar atento, percepção aguçada, interação, conhecimento e crença (ALENCAR; LACERDA; CENTA, 2005).

- *Não que a gente não tenha afeto por pessoas estranhas, que a gente desmereça ou que não tem importância, a gente fica chocada, a gente fica triste, a gente acaba criando carinho, a gente trata e quer que a pessoa fique bem (A15, 23 anos).*

O despreparo em lidar com tal fenômeno é atribuído, muitas vezes, à formação acadêmica, e as estudantes salientam, ainda, que a graduação continua a não preparar os profissionais para vivenciarem o processo (BERNIERI; HIRDES, 2007), como ilustra os depoimentos a seguir:

- *A gente aprende a lidar com a morte quando a gente dá de cara com a morte [...], quando ela acontece (A15, 23 anos).*
- *A gente estuda os quatro anos e meio pensando na vida do paciente, que ele tem que sair do hospital recuperado e vivo, a gente não trabalha a morte dele, em que momento ele pode vir a morrer, devia ser mais bem trabalhado até pra quem tem menos preparação, vai chegar lá e não vai suportar a pressão, o peso, a perda de uma família e tu tens que saber lidar com aquilo ali. E não é fácil, a gente vê profissionais formados atuando que não conseguem chamar o familiar e dizer "ó ele tá morrendo", a gente vai fazer tudo pra dar conforto e é isso, elas ficam eufemizando, "ah, vai passar" (A13, 21 anos).*

Desta forma, quando os pacientes permanecem internados por um longo período de tempo, acontece o que se chama de envolvimento emocional do cuidador, o qual pode ser considerado como a capacidade de transcender a si mesmo e interessar-se por outra pessoa (PALÚ; LABRONICI; ALBINI, 2004). Como demonstra estas falas:

- *Dependendo do grau de envolvimento com aque-*

*le paciente, dependendo do tempo que ele ficou contigo, tu sentes a falta, mas não é a mesma intensidade (A13, 21 anos).*

- *Se tu cuidas de um paciente por certo tempo, daí tu cria um vínculo. Daí, depois que tu cria um sentimento, tu sofre (A6, 42 anos).*
- *Um paciente, tu pode até ter mantido um vínculo com ele, mas por um curto prazo de tempo, eu acho um pouco complicado, tu sentes, mas não é da mesma maneira (A9, 27 anos).*

Para as acadêmicas, existem diferenças em cada tipo de morte, se é a morte de uma criança ou de um adulto, se é uma morte súbita ou anunciada, qual o tipo de sofrimento antecedente (SIMONI; SANTOS, 2003), como evidenciam as falas abaixo:

- *Acho que a morte de crianças é vista com mais sofrimento por toda a equipe [...], a morte de uma pessoa adulta, idosa afeta, mas não tanto quanto a de uma criança, porque é uma vida que não teve continuidade, que não pôde se desenvolver (A2, 24 anos).*
- *O idoso já aproveitou a vida, já teve filhos, teve netos, assim a gente não fica com tanta pena. Quando é criança, é mais doloroso, nem viveu, nem sabia como ia ser a vida e acabou indo. É mais difícil criança com certeza (A7, 23 anos).*

Ao longo da formação acadêmica, percebe-se sentimentos de muita dor e incompreensão quanto à morte de jovens e crianças, uma vez que a ordem na-

tural do processo evolutivo é morrer velho. A morte de pacientes mais idosos ou com doença terminal é melhor aceita pelos trabalhadores, pois faz parte do percurso natural da vida (SHIMIZU, 2007).

O sofrimento frente ao processo da perda se faz mais forte no decorrer dos estágios dos acadêmicos, sendo que, para as entrevistadas, o próprio curso não consegue dar conta de lidar com questões de perda. Os alunos não estão sendo preparados psicologicamente para lidarem com o luto, o que causa bastante impacto e negação frente ao processo vivido pelas famílias de pacientes terminais.

Assim sendo, quando estes profissionais têm de enfrentar a morte em seu cotidiano de trabalho, muitas vezes fogem, demonstrando falta de envolvimento e frieza, permitindo que as famílias os julguem de forma negativa pelo inadequado cuidado e apoio recebido (ALENCAR; LACERDA; CENTA, 2005).

- *Depende do paciente, eu trato do mesmo jeito, têm tantos que morrem e parece que é a mesma coisa que não ter acontecido nada (A5, 34 anos).*
- *Passei pelo processo de perdas de pacientes, presenciar a morte, a gente sofre muito, sofre pela família que fica e tu vê o sofrimento daquelas pessoas, mas aquele paciente que morreu eu não tenho aquele sentimento de pena de "ó, coitado"; morreu, eu acho que faz parte, fico chateada pela família que vai sofrer o processo de readaptação (A13, 21 anos).*

Algumas acadêmicas conseguem identificar-se com o sofrimento do outro e ter uma postura mais

acolhedora, outras se defendem através da normatização das práticas clínicas, ou seja, do cumprimento das rotinas, como demonstra o depoimento a seguir:

- *Tu chega, vivencia a morte, cada um vai e continua suas atividades, e a coisa fica meio indiferente* (A2, 24 anos).

Questões éticas de como atravessar o processo de lidar com a morte do paciente, assim como a questão da culpa frente à morte, qual postura profissional tomar no momento do óbito e posteriormente frente à família. Dúvidas acadêmicas que perpassam o imaginário dos futuros profissionais, como demonstram estas falas:

- *Muitas vezes, é uma morte dolorida que leva dias, que tu sabe que não tem mais volta, que é uma doença degenerativa e isso fere muito a gente, porque tu sabes que não tem o que fazer, os cuidados vão ser paliativos, além daqueles cuidados de conforto para a morte* (A4, 29 anos).
- *Eu sei que se eu não fizer o suficiente para o paciente, o qual eu estou atendendo suas necessidades naquele momento, ele vai evoluir para o óbito [...], se tu sabes que fez bem o teu papel, eu acho que tu ficas com a consciência tranquila, agora se tu pensas que poderia ter dado um pouco mais de ti naquele momento, tu deve ficar com a consciência bem pesada, ou analisar a fato por mais dias* (A4, 29 anos).

Na formação acadêmica do enfermeiro, a questão

da morte, finitude, cuidados paliativos e ortotânasia são temas abordados em raras oportunidades, em que não se tem a chance de pensar, opinar e discutir sobre a própria existência e a melhor maneira de lidar com o processo de morrer do outro (BALLA; HAAS, 2008).

- *A gente não tá preparado pra lidar com essas coisas não muito agradáveis e cada um se defende da maneira que consegue nas práticas [...], porque se tu começa a te abalar por tudo, tu não consegue mais trabalhar, tu vai chocar e ficar parado (A1, 24 anos).*

Grande parte desses profissionais não sabe abordar o assunto, por não ter vivenciado situações de perda/morte de pacientes sob seus cuidados no decorrer de suas formações acadêmicas (ALENCAR; LACERDA; CENTA, 2005), como demonstra esse depoimento:

- *Quando é de pacientes, eu procuro não ser fria, ao mesmo tempo compartilhar a dor deles, mas me conter. E quando vejo que isso não acontece, eu procuro me afastar, porque o meu abalo pode ser ainda pior para um familiar (A4, 29, anos).*

Como um mecanismo de defesa e proteção contra o sofrimento, o processo de morrer e morte passa a ser visto, muitas vezes, para as estudantes, como banal, sendo o distanciamento e endurecimento das relações frente à morte e ao paciente terminal algo tornado natural e considerado comum e rotineiro (MOREIRA; LISBOA, 2006).

- *Quando eu vi uma pessoa morrer que não era da minha família, o sofrimento daquela pessoa não me fez sofrer tanto, não tinha mais nada pra fazer por ele [...], apesar de tu teres contato com aquela pessoa, passar um tempo ali com ela (A11, 22 anos).*

A incapacidade de dar àqueles que morrem a ajuda e afeição de que, mais que nunca, precisam, quando se despedem dos outros seres humanos, se dá exatamente porque a morte do outro nos faz pensar em nossa própria morte (BELLATO; CARVALHO, 2005).

- *O paciente tá ali, tu conheceu ele no hospital ou no local e sabe pouco da vida dele, não vai influenciar tanto na tua vida como a de um familiar teu, porque vai ser pro resto da vida e o paciente que tu conhecestes ali, tu pode levar pra casa, mas não vai ser assim, tu não lembra os momentos (A14, 22anos).*

Negar e banalizar a morte são saídas efêmeras ao profissional de saúde, fazendo-lhe agir isento de envolvimento emocional algum. Essa estratégia errônea confronta-o com as falhas de suas defesas, perpetuando a sua angústia não expressa (SILVA; RUIZ, 2003).

Assumir a morte concreta do indivíduo assistido significa compartilhar da realidade trágica e dolorosa do sentimento da perda de si mesmo. Fala-se muito em manter-se a postura profissional, mas, ao tentar agir o mais profissionalmente possível, o cuidador

restringe a sua atuação apenas à repetição de técnicas (SILVA; RUIZ, 2003), como ilustra a fala a seguir:

- *Mesmo que o paciente seja um paciente antigo, tu tá ali dias e dias, não é a mesma coisa porque ali tu és profissional, às vezes a gente não consegue separar, tu tens que aceitar que não tem mais o que fazer (A10, 22 anos).*

O medo de expressar sentimentos é resultado da construção do mito de que o Enfermeiro deva ser impassível diante da situação de morte. Diante desta situação, é recomendável que procure não se envolver emocionalmente a ponto de prejudicar o paciente (OLIVEIRA; BRÊTAS; YAMAGUTI, 2007).

- *É complicado, tu leva aquilo que tu vivencias-te lá dentro pra dentro da tua casa querendo ou não; errado é, o certo é deixar teu estágio lá, tua vida é outra, mas eu sou uma pessoa só, não tem como fazer isso daí; a primeira pessoa que morre nas tuas mãos tu pensas "e os familiares?", e se eu tivesse no lugar dela, de repente, pra pessoa, foi bom, porque ela deixou de sofrer, mas pras pessoas que estão em volta é complicado, quem tá mais do lado dos familiares somos nós e a gente não tá preparado quando morre alguém nas tuas mãos, tu pensas "meus Deus, e agora, o que eu faço, não sei o que fazer?" Não sabe o que falar, mas depois de um tempo, como os professores dizem, a gente acostuma (A14, 22 anos).*

### **CATEGORIA 3: SOFRIMENTO PELA MORTE DE UM FAMILIAR**

Todos os dias, atinge-nos a experiência da morte, ao atingir nossos familiares, conhecidos, amigos. Muitas vezes, a morte nos surpreende com sua chegada repentina, tirando de nosso convívio aqueles que estavam unidos a nós, através de laços afetivos (ZILLES, 2007), como mostra esse depoimento:

- *Mas claro que quando tu perdes uma pessoa querida o teu sentimento é muito mais profundo [...], com certeza, eu comparo muito isso e fico me colocando, se fosse eu filho, se fosse eu naquele lugar com aquela doença; me reporta bastante a minha família (A1, 24 anos).*

O sofrimento da perda de um familiar é maior do que quando um paciente morre. Acadêmicos que perderam familiares conseguem se colocar no lugar do outro quanto ao sofrimento.

- *Quando é com a família da gente, é bem mais difícil [...], familiar é do teu sangue, tu não quer perder de jeito nenhum [...], na família, a gente sofre mais porque tu começa a lembrar da imagem daquela pessoa, e do paciente; depois de um tempo, tu acaba esquecendo (A7, 23 anos).*

Uma forma de nos mantermos vivos após a morte é na memória daqueles que permaneceram vivos. Talvez, por isso, morrer seja sinônimo de cair no esquecimento, pois o ser humano existe pelas relações que man-

têm com a sociedade (SILVA; RIBEIRO; KRUSE, 2009).

- *Quando é de um familiar teu, tu sentes bem mais, porque tem todo aquele convívio com aquela pessoa, aquele amor, aquele afeto, carinho (A9, 27 anos).*

Acadêmicas com perdas familiares fazem outras formas de transferência com seus pacientes. Conseguem aproximar-se mais da dor, adotam posturas mais acolhedoras nas práticas clínicas, como demonstram os seguintes depoimentos:

- *A gente que perdeu familiar sabe o que o outro está sentindo, consegue se colocar no lugar do outro. A gente vê aquele familiar do paciente sofrendo e parece que vem tudo na cabeça da gente, tudo que a gente já passou, então a gente consegue entrar bem no sentimento daquela pessoa, consegue sentir a mesma dor que aquela pessoa tá sentindo (A5, 34 anos).*
- *Até a morte de um familiar era só a morte de um paciente, depois que um familiar meu morreu, passou muito tempo acamado e morreu, comecei a ver de outra forma (A2, 24 anos).*

Separação dolorosa porque houve vinculação afetiva, amor, uma história compartilhada, heranças, legados..., a linguagem de um desencontro. Esse desencontro nos assusta, então parece mais fácil, ao invés de sentir e pensar, entrarmos na defensiva, tentando preencher, tão rápido quanto possível, a la-

cuna que o desencontro causou, mesmo que a custa de enganos (FRANCO, 2005, p. 70).

Um dos grandes problemas que enfrentamos na sociedade e, muitas vezes, dentro de nossa casa é a incapacidade que temos de manifestarmos o que sentimos. A organização do luto passa pela capacidade de expressarmos a perda que sofremos, organizar o luto consiste em sermos capazes de dizer e poder falar a falta que o outro nos faz (MELO, 2008, p. 34), como demonstra o depoimento abaixo:

- *O familiar, a gente acaba se envolvendo mais, a gente acaba ficando em estado de luto, por muito mais tempo, pensando em coisas que se disse ou não disse, ou que se fez ou deixou de fazer, em função de ser um ente próximo* (A4, 29 anos).

Precisamos viver o tempo todo na experiência de amar o outro, de querer bem, mas sempre tendo um espaço para saber que aquela pessoa não é nossa, é uma vida que está fora da nossa, e não podemos controlar. Às vezes, queremos controlar o outro afetivamente e depois materialmente, impedindo até que ele vá embora, que ele morra (MELO, 2008).

- *Eu me apego com os pacientes, mas, quando é com um familiar, é pior [...], quando mexe com um familiar da gente, é diferente* (A8, 25 anos).

Algumas famílias, ao se depararem com o impacto da notícia da morte de seu familiar, procuram encontrar um sentido para esta ocorrência e forças para

continuar a viver (ALENCAR; LACERDA; CENTA, 2005), como ilustram as seguintes falas:

- *Assim, com a família, tu tem todo aquele envolvimento emocional, tu tá todo dia ali em cima (A11, 22 anos).*
- *A gente pensa em morte, a gente pensa em família, em pessoas que a gente não quer perder; eu nunca perdi ninguém próximo, só pessoas mais distantes, então eu ainda não passei pelo sofrimento de pessoas queridas por mim (A13, 21 anos).*

A doença cria um estado físico e emocional que gera, por si só, angústias não somente na pessoa que sofre, mas, também, nos demais membros que a vivenciam: familiares, amigos e profissionais da saúde (LUNARDI FILHO e col., 2004).

Quando perdemos um ente querido, precisamos elaborar esta dor, poder falar sobre ela, o que esta pessoa representava no núcleo familiar, relembrar situações, reorganizar os sentimentos e os afetos.

A tendência, quando não sabemos enfrentar determinada situação, é a de nos afastarmos dela, a fim de nos precavermos de sentimentos como o medo, a culpa e até mesmo a sensação de fracasso por não termos conseguido fazer nada mais para evitar tal desfecho (BERNIERI; HIRDES, 2007). A morte faz-nos depararmos com o limite, nosso e do outro, nos faz ver que, em algum momento da nossa existência, iremos perder alguém que amamos, e que nada podemos fazer para mudar isso, como demonstram as seguintes falas:

- *Um parente que a gente convive que é sangue, é diferente de outra pessoa, é ruim tu ver um familiar teu sofrendo, a gente fica triste, abala porque é um familiar (A15, 23 anos).*
- *O familiar é alguém que tu tem na cabeça todos os momentos, que tu passaste junto com ele vem tudo aquilo sabe todos os sentimentos, momentos, como ele é e foi contigo, o que ele representa pra ti (A14, 22 anos).*

A perda de uma pessoa amada é uma das experiências mais intensamente dolorosas que o ser humano pode sofrer (OLIVEIRA; BRÊTAS; YAMAGUTI, 2007).

#### **CATEGORIA 4: VISÃO DA PRÓPRIA MORTE**

A visão da pessoa que vivencia o processo de morte e de morrer abala as fantasias defensivas que a mesma construiu, como uma muralha contra a ideia de sua própria morte, causando uma série de sentimentos considerados ruins (BELLATO; CARVALHO, 2005). Isto se percebe nas falas das entrevistadas:

- *Penso e é uma coisa que me dá muito medo. Tenho muito medo só de pensar na minha própria morte. Tem noites que perco o sono pensando nisso e isso é uma coisa que me dá medo, é uma coisa bem assustadora (A2, 24 anos).*
- *Penso e tenho muito medo, tenho medo da dor de sofrer com a morte, morte com fogo, com água,*

*acho que a melhor morte é aquela que se morre dormindo (A3, 23 anos).*

O mais comum de todos os medos é que a morte seja dolorosa. A frase "morreu em agonia" parece estar gravada nas mentes das pessoas, motivando uma expectativa mal fundamentada em relação à morte (OLIVEIRA; BRÊTAS; YAMAGUTI, 2007), como demonstra esse depoimento:

- *Já parei pra pensar e é bem tranquilo, sei que um dia vou passar por isso; só às vezes eu fico pensando em medo, quando vejo uma pessoa falecendo com dor, com asfixia, eu penso que essa morte eu não gostaria de ter pra mim, porque é horrível ver uma pessoa morrendo de insuficiência cardíaca ou respiratória, que tu vê que ela tá agonizando, que ela tá sofrendo, é a única coisa; agora falecer assim não tenho medo (A14, 22 anos).*

Novamente surgem algumas questões fantasiosas e de negação frente à morte, muitos depoimentos apresentam preocupação com o sentimento dos familiares, desejo de morrer velho, pois é a “ordem natural das coisas”, a forma socialmente instituída de vivenciar a perda. Questões de dor e sofrimento no processo de morrer.

- *Tenho medo de morrer nova, jovem, mas, quando a hora chegar, a gente tem que ir, medo de não cumprir tudo aquilo que eu imaginei pra minha vida, medo da morte não, mas tem que ser na idade certa que a gente julga que quando é*

*idoso, e penso assim, como vai ser, o que eu vou sentir, vou deixar de existir [...] (A10, 22 anos).*

Negar é uma forma de não entrar em contato com as experiências dolorosas e, deste modo, permite-se que se viva num mundo de fantasia, onde existe a ilusão da imortalidade. Essa realidade reforça o aspecto negativo da morte, dificultando sua aceitação e compreensão (PALÚ; LABRONICI; ALBINI, 2004).

- *Quero morrer dormindo, bem velhinha; não quero sofrer, não quero que minha família sofra, acho que nem é por eu sofrer, não quero que a minha família sofra. Eu não quero me tornar dependente, a gente tem esse medo de se tornar dependente da família, ser um peso, eu não quero isso, quero morrer independente, feliz, velha e sem dor, ia ser muito bom (A15, 23 anos).*
- *Mas eu não gostaria de viver pouco, gostaria de viver muito, porque ainda acho que tenho muita coisa pra fazer, pra aproveitar. Mas já penso em lugar, já pensei em comunicar aos meus familiares, sempre comunico-lhes que, caso me ocorra e eu não esteja conseguindo opinar, que doem todos os meus órgãos [...] (A4, 29 anos).*

Sabemos que nada podemos fazer frente à morte, mas, mesmo assim, negamos a finitude das coisas materiais.

## **CATEGORIA 5: TABU DA MORTE**

A morte, apesar de inevitável em algum momento da vida do ser humano, não é uma questão simples de ser discutida, uma vez que, em nossa cultura, muitas vezes é representada pelo pavor e pela não aceitação, pois o homem não tende a encarar abertamente o fim de sua vida (SOUSA e col., 2009). O depoimento a seguir ilustra isso:

- *Acho que morte é um assunto que assusta qualquer um, principalmente quando tu já estás atuando e vê uma pessoa morrendo. Acho que isso dá medo da morte, eu tenho medo da morte [...]* (A3, 23 anos).

Falar sobre a morte e o morrer não é uma tarefa fácil, pois essas palavras acionam mecanismos cerebrais que afloram nossas referências de vida. Aceitar o fato de que nossa existência, bem como a das pessoas que amamos, tem um “prazo de validade” desconhecido, é árduo (SILVA; RIBEIRO; KRUSE, 2009).

- *Até evitam falar, como é uma coisa que todos vão passar [...] não é geralmente falado, tu não vai conversar sobre morte num encontro com as amigas, não é um assunto discutido entre as pessoas, é uma coisa que, quando vem, impacta muito* (A14, 22 anos).
- *Eu acho que, de certa forma, é assim, eu nem costumo falar sobre isso, acho que nem se fala por medo* (A5, 34 anos).

O mundo ocidental transformou a morte em tabu; ela costuma ser banida das conversas cotidianas. Os sentimentos que a morte faz aflorar são tão intensos, que seu nome não deve nem ser pronunciado. Por si só ela causa medo, fuga e espanto (BERNIERI; HIRDES, 2007).

- *Tem gente que tem pavor, medo, tem gente que diz que é castigo, quando a pessoa era muito ruim, vivia aprontando. Tem uma série de comentários que a gente escuta (A6, 42 anos).*

Torna-se um tabu discuti-la. O ato de morrer tem se modificado junto ao processo de transformação da sociedade e está diretamente atrelado ao estado de desenvolvimento de cada sociedade, suas especificidades, seus valores e ritos (RIBEIRO; BARALDI; SILVA, 1998), ilustrado nos depoimentos a seguir:

- *Porque ela gera medo, de uma coisa que ninguém tem certeza de quando, gera um tabu pelo próprio medo de morrer que as pessoas têm (A9, 27 anos).*
- *As pessoas associam a morte a algo que não deve ser falado, que não deve ser dito. Assim, por exemplo, eu não falo com meus familiares sobre a morte, na minha família ninguém comenta esse tipo de coisa, a morte não é muito falada (A2, 24 anos).*

A Morte é vista como algo que não se deve comentar ou até mesmo falar sobre ela, por medo de perder alguém.

- *Ninguém gostaria de perder uma pessoa e isso se torna um tabu [...], eu nem falo sobre isso (A7, 23 anos).*

As pessoas sentem-se desconfortáveis perante a morte, ela é um acontecimento medonho, pavoroso, um medo considerado universal pela cultura ocidental (PALÚ; LABRONICI; ALBINI, 2004).

Práticas socialmente adotadas em não falar sobre a morte para não atraí-la permeiam o imaginário dos acadêmicos e seus familiares. Pensar na morte, falar seu nome são sinônimos de agouro, de má sorte (COSTA, 2007).

- *Acho que não, mas quando tu olhas de longe. Eu acho que até se fala sobre a morte. Mas no caso de uma família, quando tu pensas em perder teus entes queridos, daí já não é tão abordado pra não antecipar o sofrimento ou coisa assim (A12, 21 anos).*

Os adultos, geralmente, tendem a esconder a morte da criança, por acreditarem que ela ainda é muito pequena para vivenciar o sofrimento da perda. Tais perdas vão ajudando a criança a elaborar uma representação da morte que vai evoluindo gradualmente, em concomitância com o seu desenvolvimento cognitivo (TADA; KOVACS, 2007). O depoimento a seguir ilustra isso:

- *Na minha família morre alguém, criança não vai ao velório, porque, ó, aquilo é uma coisa ruim, a gente cresce com essa ideia de que a morte é a*

*pior coisa que existe. Sim, tem tabu sim, aquela coisa de tocar no morto, aquele medo que se desenvolve em função de toda uma cultura; na minha família nem se toca no morto, porque todo mundo tem medo, ninguém gosta (A13, 21 anos).*

Sabemos que nossa sociedade atual vive uma modalidade narcísica, em que o prazer é necessário sempre, ter prazer e bem estar é fundamental. A dor e o sofrimento não são bem vindos nem bem vistos, as pessoas não sabem como lidar com o sofrimento e a perda. Para as estudantes de enfermagem, o fato de não pensar na morte deixa, de certa forma, de se elaborar formas de lidar com a mesma, encarando-a apenas como um acontecimento alheio a nós mesmos (SILVA; RUIZ, 2003).

- *Tem muitas pessoas que nem gostam de falar sobre a morte, ignoram a morte, e só vai vivenciá-la quando acontece com um ente próximo. Não acolhem aqueles que perderam entes por medo ou já pra não mexerem em feridas anteriores, ou até mesmo pra fugir de uma coisa inevitável pra todos nós algum dia (A4, 29 anos).*

## **CATEGORIA 6: ENFRENTAMENTO RELIGIOSO**

Questões religiosas aparecem bastante nos depoimentos das acadêmicas frente à forma de ver o processo de morte; explicações que deem conta da perda, do processo de sofrimento e aceitação da morte. Em rela-

ção a isso, segundo Silva e Ruiz (2003), a religião parece funcionar como um analgésico, a crença na continuidade, de viver uma nova vida em um plano metafísico, é um conceito muito forte e significativo em nossa sociedade, tornando a morte e o morrer mais aceitável e mais explicável, menos amedrontadores e possíveis de felicidade, como evidencia a fala a seguir:

- *Quando tu perdes alguém, tu te agarras em alguma coisa, pra tentar conseguir amenizar aquela perda, daí, muitas vezes, tu recorres ao espiritismo e acredita que a pessoa morreu só no físico, que o espírito continua, que está vivo ainda [...] as pessoas falam bastante sobre isso, discutem bastante o que é, pra onde que vai, todas essas discussões que tem e que ninguém consegue provar (A1, 24 anos).*

Pensar a morte é uma tarefa que se impõe cada vez mais, e no contexto do acadêmico de enfermagem, que traz a questão religiosa como referencial, de certa forma querendo conhecer a passagem do tempo como uma experiência dinâmica que tende para a morte, de forma que levam muitos a se apoiarem nas religiões, independentemente de qual seja a opção.

- *Pra mim, é o fim da vida referente às coisas materiais. Tenho a morte como uma passagem pra um lugar melhor; religião, acho que influencia muito isso [...], é uma coisa que mexe muito, tu fica refletindo, tu parte pra uma reflexão de como está a tua vida [...], eu acho que a gen-*

*te morre porque a missão aqui está cumprida, e você parte pra outra..., é uma passagem, parte pra outro tipo de vida [...] isso me conforta, que eu vou pra um lugar melhor (A2, 24 anos).*

Dentro dessa perspectiva, a ritualização mítica da morte tem tido a função de transcender o sofrimento pela finitude do ser humano, pois, desde tempos imemoriais, o dado primeiro, fundamental e universal da morte humana é a sepultura, mostrando, assim, que é isso o que nos assegura nossa "humanidade" em relação aos demais animais (BELLATO; CARVALHO, 2005).

- *Vendo o lado espiritual, eu acho que são várias etapas que a gente passa por aqui (A14, 22 anos).*
- *[...] quando a gente morre, é porque já passou dessa, como a gente tá aqui de passagem, a gente já cumpriu nossa missão (A7, 23 anos).*

Muito comum é a fantasia de existir vida após a morte, de existir um mundo paradisíaco, regado pelo princípio do prazer e onde não existe sofrimento, de existir a possibilidade de volta ao útero materno, uma espécie de parto ao contrário, onde não existem desejos e necessidades (COSTA, 2007).

- *Acho que tem uma coisa maior relacionada que a gente não sabe, a gente vem, a gente vai, eu não encaro como uma perda, mas como uma passagem e que, de alguma maneira, há uma continuidade (A12, 21 anos).*

Assim, conhecimentos, imagens, sentimentos, representações simbólicas herdadas, produzidas e reproduzidas e integradas em nossa cultura engendram concepções humanas a respeito da vida e da morte (ALENCAR; LACERDA; CENTA, 2005).

Quanto a isto, alguns profissionais de enfermagem tendem a associar à morte o significado de transcendência, com a tendência de vê-la como uma passagem e não um fim (SOUSA e col., 2009), como ilustram os depoimentos a seguir:

- *Acho que a gente vem pro mundo com uma trajetória de cumprir aqui e, quando a gente já cumpriu a trajetória aqui na Terra, daí a gente morre (A6, 42 anos).*
- *[...] a pessoa morre quando é a hora dela, a pessoa vem, cumpriu a sua missão e acabou (A8, 25 anos).*

As religiões nascem e se desenvolvem a partir da resposta que elas dão para as questões relativas ao morrer e viver. Elas compreendem a vida e estabelecem uma conexão que permite acolher essa realidade, buscando integrá-la. A fé, neste caso, é um dos fatores determinantes que leva muitos a pensarem sobre os aspectos relacionados a ela; sendo assim, acabam apoiando-se neste pensamento para vivenciar a perda, conseguindo lidar melhor com o processo de morte.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por ser um assunto bastante complexo, o tema da morte e o morrer desperta nas pessoas sentimentos como culpa, tristeza, medo, mobilizando, da mesma forma, o grupo de pesquisadores. Caracteriza-se como uma relação dialética, em que os entrevistados trazem à luz sentimentos e questões frente à perda antes guardada, fazendo-nos, enquanto entrevistadores, reviver sentimentos e emoções.

A pesquisa resgata o sujeito dentro do processo de morrer, respeitando todo o processo de assistência técnica, mas olhando de forma especial ao direito de morrer em paz, ao desejo de ter uma morte digna, ao sofrimento dos familiares e ao papel do Enfermeiro dentro deste processo, sem esquecer-se dos sentimentos e afetos que todo este processo desperta nos profissionais da área da saúde.

Os resultados apontam as dificuldades encontradas pelas acadêmicas de enfermagem em lidar com situações de morte, não só no âmbito técnico, mas também no psicológico. Acreditamos que tratar assuntos que deem conta do sofrimento humano frente à perda possa auxiliar os acadêmicos a lidar melhor com a prática clínica. Observamos que o assunto da morte e morrer ainda permeiam o imaginário social como algo ruim, que não deva ser falado, trazendo sofrimento para quem precisa lidar com isso em sua prática profissional.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, S. C. S.; LACERDA, M. R.; CENTA, M. L. Finitude Humana e Enfermagem: reflexões sobre o (des)cuidado integral e humanizado ao paciente e seus Familiares durante o Processo de Morrer. **Família, Saúde e Desenvolvimento**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 171-180, maio/ago. 2005.

BALLA, A.; HAAS, R. E. Percepção do enfermeiro em relação à ortotanásia. **Centro Universitário São Camilo**, v. 2, n. 2, p. 204-213, 2008.

BARDIN. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BERNIERI, J.; HIRDES, A. O Preparo dos Acadêmicos de Enfermagem Brasileiros para Vivenciarem o Processo Morte-Morrer. **Texto e Contexto em Enfermagem**. Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 89-96, jan.-mar. 2007.

BELLATO, R.; CARVALHO, E. C. O Jogo Existencial e a Ritualização da Morte. **Revista Latino-Americana Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 99-104, jan.-fev. 2005.

BRUSTOLIN, Leomar et al. **Morte**: uma abordagem para a vida. Porto Alegre: EST Edições, 2007.

COSTA, A. P. R. Educação para Morte: a Psicologia em Situações de Luto e Perdas. In: BRUSTOLIN, Leomar et al. **Morte**: uma abordagem para a vida. Porto Alegre: EST Edições, 2007.

COSTA, J. C.; LIMA, R. A G. Luto da Equipe: Revelações dos Profissionais de Enfermagem Sobre o Cuidado à Criança/adolescente no Processo de Morte e Morrer. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 2, p. 151-7, mar.-abr. 2005.

FERNANDES, P. V.; IGLESIAS, A.; AVELLAR, L. Z. O técnico de enfermagem diante da morte: concepções de morte para técnicos de enfermagem em oncologia e suas implicações na rotina de trabalho e na vida cotidiana. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 11, n. 1, p.142-152, 2009.

FRANCO, M. H. P. **Nada sobre mim**: estudos sobre vida e morte. São Paulo: Livro Pleno, 2005.

LUNARDI FILHO, W. D.; NUNES, A. C.; PAULETTI, G. As Manifestações de Ansiedade em Familiares de Pacientes Internados em Unidades de Terapia Intensiva Gerais. **Família Saúde Desenvolvimento**, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 100-109, maio/ago. 2004.

MELO, Fábio. **Quando o sofrimento bater a sua porta**. São Paulo: Editora Canção Nova, 2008.

MOREIRA, A. C.; LISBOA, M. T. L. A Morte – Entre o Público e o Privado: Reflexões para a Prática Profissional de Enfermagem. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 447-54, jul./set. 2006.

OLIVEIRA, J. R.; BRÊTAS, J. R. S.; YAMAGUTI, L. A morte e o morrer segundo representações de estudantes de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 386-94, 2007.

PALÚ, L. A. LABRONICI, L. M.; ALBINI, L. A Morte no Cotidiano dos Profissionais de Enfermagem de uma Unidade de Terapia Intensiva. **Cogitare em Enfermagem**, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 33-41, 2004.

PINHO, L. M. O.; BARBASA, M. A. A Morte e o Morrer no Cotidiano de Docentes de Enfermagem. **Revista. Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 243-8, abr./jun., 2008.

RIBEIRO, M. C. BARALDI, S.; SILVA, M. J. P. A Percepção da Equipe de Enfermagem em Situações de Morte: Ritual do Preparo do Corpo "Pós-Morte". **Revista Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 117-23, ago., 1998.

SHIMIZU, H. E. Como os trabalhadores de enfermagem enfrentam o processo de morrer. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 60, n. 3, p. maio-jun. 2007.

SILVA, A. L. L.; RUIZ, E. M. Cuidar, Morte e Morrer: Significações para Profissionais de Enfermagem. **Revista Estudos de Psicologia**, PUC-Campinas, v. 20, n. 1, p. 15-25, jan./abr. 2003.

SILVA, K. S. RIBEIRO, R. G.; KRUSE, M. H. L. Discursos de enfermeiras sobre morte e morrer: vontade ou verdade? **Revista Brasileira Enfermagem**, Brasília; v. 62, n. 3, p. 451-6. maio-jun. 2009.

SIMONI, M.; SANTOS, M. L. Considerações Sobre Cuidado Paliativo e Trabalho Hospitalar: uma abordagem Plural Sobre o Processo de Trabalho de Enfermagem. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 169-194, 2003.

SOUSA, D. M.; SOARES, E. O.; COSTA, K. M. S.; PACÍFICO, A. L. C.; PARENTE, A. C. M. A Vivência da Enfermeira no Processo de Morte e Morrer dos Pacientes Oncológicos. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 41-7, jan./mar. 2009.

TADA, I. N. C.; KOVACS, M. J. Conversando Sobre a Morte e o Morrer na Área da Deficiência. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 27, n. 1, p. 120-131, 2007.

ZILLES, U. A morte: o destino último do homem? In: BRUSTOLIN, Leomar et al. **Morte**: uma abordagem para a vida. Porto Alegre: EST Edições, 2007.

## REPRESENTATIONS ABOUT DEATH AND DYING AT THE ACADEMIC NURSING VIEW

**Abstract:** The objective of this paper is to understand the view that nursing students have about death and dying as they face this issue in relation to the death of their relatives, the loss of others in his profession and their own death. Identifying what your beliefs, this paper seeks to understand the death for these students is still seen as taboo. The subjects were 15 volunteers from the academic courses students who attended from the seventh semester at the University of Santa Cruz do Sul (UNISC). This is a qualitative study where data were collected through individual interviews. The results have been organized by the technique of content analysis, and point to the difficulties encountered by respondents in dealing with death, not only in technical but also in the psy-

chological sense. We conclude that the subject of death and dying still permeates the public mind as something bad, something that should not be spoken, bringing suffering to those who need to deal with it in their professional practice.

**Keywords:** Death. Dying. Academic Nursing.

Recebido em janeiro de 2010

Aprovado em março de 2010



# CONVIVENDO COM O MORRER

Virginia Deodato<sup>1</sup>

J. E. Lima<sup>2</sup>

**Resumo.** A maior angústia existencial ainda é o lidar com o fim, com a terminalidade, com a morte. Conviver com a angústia de morrer estabelece uma contradição entre a realidade de estarmos morrendo em nosso processo de vida emocional e também com fim da vida biológica sob muitas situações, criando em nós a expectativa que estamos a qualquer momento próximo à morte, vivendo a morte. O que não nos damos conta é que nosso morrer deriva-se do fato de termos nascido, o que indica, nascemos para morrer. Pensar sobre a própria morte é pensar no que está exclusivamente "dentro de nós" e como lidamos com o "pequeno e grande morrer".

**Palavras Chave:** Morte. Terminalidade. Existência. Gestalt.

No mundo em que vivemos, apesar de todo avanço científico e tecnológico, a maior angústia existencial ainda é o lidar com o fim, com a terminalidade, com a morte; o que nos faz permanecer mantendo contato com todas as tradições no que se referencia a "algo além". Há, de fato, algo que transcende nossa percepção e é permanente. Está além da percepção de nossos cinco sentidos, suporta este mundo e determina nossas vidas. Este fato se transforma para nós em um dado real, pode fazer-nos transcender, isto é, ir além, o que dificulta e, às vezes, torna quase impos-

---

<sup>1</sup> Odontóloga, Especialista em Nutrição e Saúde. Autora do livro *Amamentação: o melhor início para a vida*. São Paulo: Santos, 2005.

<sup>2</sup> Psicólogo Clínico, treinador de *Workshops*.

sível uma mudança que venha a nos possibilitar vivenciar o novo.

Hoje em dia, as pessoas não morrem mais como antigamente. A hospitalização, as unidades de terapia intensiva e a invenção dos transplantes caracterizam grandes tendências que se iniciaram no século XX e que alteraram totalmente o horizonte da morte e do morrer. A perspectiva hoje é de o ser humano terminar seus dias num leito de hospital, preso a uma série de tubos e aparelhos, e como um eventual doador de órgãos a serem retirados ainda vivos quando esta pessoa estiver legalmente morta (isto é, numa definição de morte legal para fins precípuos de transplantes). Aos profissionais da saúde, foram dados novos poderes de técnicas e procedimentos que podem retardar ao máximo a hora da morte e implicam obviamente num acréscimo de responsabilidade na grave questão de definir, afinal, quando então será preciso desistir, aceitando o irreversível.

Dentre as várias opções criadas por nossa existência, é o aspecto espiritual e religioso que nos traz um aparente conforto de continuidade, independente de como isso se proceda. As mais comuns promessas religiosas e espirituais são as da eternidade da alma, do renascer em um paraíso como gratificação ou mergulhar no inferno como castigo. Ainda, renascer no nosso mundo físico, com uma proposta de evoluir com uma essência espiritual através de processos “kármicos”. Isto faz com que, quando, em nossas relações com os fenômenos mundanos, algo não sai dentro de nossas expectativas, atribuímos às forças exteriores, divindades ou à aceitação da fé, em

frases como: “Deus quis ou Deus não quis”. Assim, distanciamos-nos da possibilidade de mudar a realidade, permitindo que a “morte”, o “fim” possam favorecer um “ressurgir”. Todavia, todas essas promessas vinculadas aos diversos credos não nos privam de qualquer forma de vivenciar em um nível psicológico bem concreto, o conviver com “as perdas existenciais e biológicas”.

Havia, em Paris, uma reprodução da pintura da **Dança dos mortos** que ficava num dos muros do **Cimetière des Innocents** (1424), mostrando cada pessoa dançando com sua própria morte, simbolizando a convivência permanente do homem com a morte. É pelo pensamento que o homem pode vivenciar a presença da morte sem acontecer de morrer de fato e essa é mais uma das razões pela qual permitimo-nos falar da morte.

No século XIX, a morte saiu da temática central dos textos filosóficos, e foi talvez Kierkegaard quem inaugurou uma nova perspectiva, chamada depois “existencial”, descrevendo a morte como algo que, para cada um de nós, é certo, mas cuja hora é bem incerta. Os filósofos da existência, no século XX, aprenderam esse dado sob a fórmula mais genérica da experiência da “finitude humana”. Para Heidegger, um dos “existenciais”, o homem é o “ser-para-a-morte”.

A característica básica do ser humano é o pensar, o modo e a ação de como o faz. Jean Ladrière (1978) diz que, “para o ser humano, o conceito de ação é o acontecimento através do qual ele se *fenomenaliza*”. Além disso, sustenta que “é ao ver o ser humano na sua ação que compreendemos a sua complexidade”. Isto porque,

em toda a ação, a totalidade do sentido humano está em jogo. E salienta: “é possível fazer incidir a atenção sobre a efetuação das faculdades ditas espirituais: a razão e a vontade”. Ladrière cita um texto célebre de Descartes, da primeira metade do século XVII, onde o filósofo põe em questão as suas próprias doutrinas acerca da distinção nítida entre alma e corpo. Disse Descartes:

os que nunca pensam e nunca se servem do seu sentido não duvidam que o corpo seja unido com a alma. É preciso conceber a sua união. Mas conceber a união entre duas coisas é concebê-las como uma única. Enquanto nos mantemos no campo da experiência comum, pensamos as duas coisas como uma realidade una. Existe entre a alma e corpo uma união que faz deles uma coisa que sentimos e que não compreendemos como deveríamos (apud LADRIÈRE, 1978).

Desta forma, quando o ser humano escolhe guardar uma raiva, uma dor, uma tristeza ou outro sentimento, seja ele consciente ou inconsciente, pode moldá-lo por um tempo indefinido, na tentativa de perpetuar estas sensações em detrimento de possíveis “ganhos” no modo relacional. Assim, parecerá mais fácil entender que a eternização de nossos caracteres, como seres únicos, depende de como pensamos e como nos sentimos diante dos eventos e das circunstâncias que levam ao campo da experiência o nosso existir.

Kellemam (1992) e Campbell (1991) expõem que a experiência está ligada ao mito. Estar mergulhado na própria experiência é viver seu próprio mito, sua própria história de vida. Toda vez que refletimos sobre aquilo que experimentamos, estamos criando uma

história para explicar aquela experiência ou estamos aceitando a explicação de outrem sobre esta experiência, seja ela vinda de nossos pais, professores, chefes e até mesmo de nossa própria cultura.

O convívio com a angústia de morrer estabelece um paradoxo entre a realidade de estarmos morrendo em nosso processo existencial e o fim biológico sob muitas circunstâncias. Doenças, acidentes e desafetos profundos criam em nós a expectativa que estamos sob a eminência da morte. O que não nos damos conta é que nosso morrer existencial deriva-se do fato de termos nascido, o que indica, nascemos para morrer.

Merleau-Ponty (apud ZUBEN, 2009), filósofo que também se confrontou com a distinção entre alma e corpo e tentou pensar aquilo que Descartes atribuía à experiência não reflexiva ou não filosófica, disse: “O corpo não é um objeto: é o corpo vivido. Pela mesma razão, a consciência que tenho do corpo não é um pensamento. Não posso compor e recompor o corpo a partir do pensamento”. Para Ladrière (1978), também “o corpo não é o corpo orgânico na sua descrição científica, nem o corpo como componente do fenômeno humano – é o próprio fenômeno humano!”

É muito importante entendermos que o morrer não significa a morte, mas sim o modo como transpomos os fatos mais marcantes em nossa vida biológica, psicológica e espiritual. Exemplo: nossas formas ou *gestalten* biológicas do desenvolvimento (criança, adolescente, adulto e velho). O surgimento e o desaparecimento de emoções intensas e alterações de credo em função de nossos níveis de consciência nos liga com algo indefinido e divino que tenta explicar

nossas ações temporais na vida biológica e pós esta. O nascer e o morrer, então, guardam uma relação direta de como interagimos com nossos valores e expectativas psico e socioculturais.

Psicanalistas, antropólogos, filósofos, assim como Jung, P. Weil, S. Grof, R. Assagioli, J. Campbell, Merleau-Ponty, Jean Ladrière, P. Singer e outros começaram a se preocupar com os limites do conhecimento cartesiano, em que, segundo a tradição, pensa-se na consciência como algo inerente à cabeça, como se a cabeça (o cérebro) fosse o órgão gerador de consciência. O cérebro apenas é um órgão que orienta a consciência numa certa direção ou em função de determinados propósitos. Existe, sim, uma consciência no corpo. O mundo inteiro, vivo, é modelado pela consciência.

Todos nós precisamos contar nossa história, compreender nossa história. Todos nós precisamos compreender a morte e enfrentá-la. Todos nós precisamos de ajuda em nossa passagem do nascimento à vida e da vida para a morte. Precisamos que a vida tenha significação, precisamos tocar o eterno, compreender o misterioso, descobrir o que somos, conforme citou Moyers em sua entrevista com Campbell.

Disse Campbell (1991):

Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos.

Através das experiências sensoriais de um bebê no útero materno, a consciência já está associada a modelos de acontecimentos do mundo exterior. Jung (1970), observando esses acontecimentos e verificando que eles não poderiam ser explicados em termos de causalidade linear, formulou um princípio conectivo não-casual, chamado de sincronicidade, que significa que os aspectos da nossa consciência estão significativamente relacionados com o todo, no qual o mundo é um fluxo constante.

O homem pode expandir seus próprios níveis de consciência ampliando-os para uma compreensão mais profunda de sua existência na unidade cósmica. O ser humano não estabelece um crescimento ou compreensão além do pessoal, ou seja, não transcende os limites do seu ego, do espaço tridimensional e de tempo linear, o qual tanto “restringem a percepção do mundo no estado ordinário de consciência”, como define Grof (1988). Convém considerar a barreira sensorial, em que podem ser encontradas emoções residuais e sensações físicas, provindas de ameaças à sobrevivência ou à integridade do organismo. O elemento da dor emocional ou física pode alcançar intensidade tão extraordinária que normalmente é interpretado como ato de morrer. Isso pode ser sentido como graus diferentes de sufocação, pulsação acelerada, palpitações, náuseas, tremores e outras manifestações, podendo estas ser consideradas espectros das experiências que ocorrem num trauma de nascimento biológico, o que pode ser um importante núcleo no processo de sentir a “morte”.

Portanto, para que se possa intervir nas pessoas

que estão em asilos, isoladas em enfermarias ou sendo acometidas de doenças tidas como terminais, não é simplesmente encontrar recursos de tratamentos e técnicas ortodoxas, puramente físicas, mas promover revisões quanto ao estabelecimento dos seus mitos, estabelecimento da história que estas pessoas fixaram durante suas interações desde o útero materno ao seu nível de interação sociocultural. Isto é, precisa-se ajudar estas pessoas a tornarem consciente o que entendemos como “morrer”, como finitude de algo que sempre é comum em nossa vida, conforme S. Kelleman (1992) fala sobre a existência de o grande morrer e de o pequeno morrer. Se entendermos morrer como fim de algo, isto está sempre acontecendo em nossa vida, pois, a cada instante, em uma relação espaço-tempo muito subjetiva, estamos sempre lidando com terminalidades, com inícios e fins. Nossas funções físicas metabólicas estabelecem ritmos de plenitude e vazio, expansão e contração, expiração e inspiração, e assim tanto nos aspectos biológico, social e espiritual estão sempre morrendo e renascendo em algo.

Outro fato que nos confronta com o morrer é a sexualidade, em que dois aspectos permeiam esta forma de relação: o procriar e o prazer que independe desta busca. O ato sexual é culminado por um pico explosivo (descarga orgástica ou um fechamento de uma Gestalt), que parece muito se assemelhar ao processo de morte que é vivido por muitos indivíduos, que experimentam uma fragmentação do ego, uma perda de identidade sexual e uma sensação de estar morrendo ou morrer (GRODDECK, 1994).

Oppenheimer disse: “Eu me tornei a Morte, o Destruidor de mundos”, quando viu explodir a primeira bomba atômica, mas sabemos hoje que isto não será o fim. Talvez venha a ser o fim da vida neste planeta, mas não será o fim do universo, onde ocorrem explosões frequentes em todos os sóis. O final de um ciclo e início de outro é sempre um tempo de sofrimento e turbulência. É uma ameaça que sentimos... Que todos sentem... Temos essa noção do Armagedon que se aproxima.

Campbell (1991) cita: “Morrer para o mundo e renascer nova criatura”. É hoje uma metáfora bastante simples e muito usada. Por que é tão difícil vê-la retrospectivamente também, preferindo-se imaginar uma súbita revogação da Lei Natural em algum momento? Nossa Fé se fortalece e nos reconciliamos com a tradição de nossos ancestrais quando entendemos a metáfora como única verdade e não como narração histórica literal – coisa que jamais a metáfora se propôs a ser. Ligada à morte ou ao morrer tem-se ainda a identificação com o ideal do corpo, que toma formas, que conta uma história vivenciada pelo ser humano. Assim sendo, ideias fraseadas como: “estou velho para isto”, “não posso mais”, “me resta esperar a morte”, chamam a atenção ao fato de que, para uma pessoa se definir como atitude, como limitação ou expressão, ela é sempre identificada com padrões e papéis sociais que circunscrevem a sua existência individual. Portanto, quando se diz “eu estou morrendo”, este tipo de pensar nos confronta com uma possível morte imediata, que pode ou não ocorrer. Isto quer dizer que o Eu (centro) não

precisa estar sempre identificado com algum processo existencial. Segundo Assagioli (1993) e Pierrakos (1998), toda nossa vida se estabelece de acordo com o nosso nível de consciência do Eu e não de “eu”, pois no Eu centro reside o núcleo de nossa responsabilidade e a consciência mais profunda da nossa vontade em existir no nosso morrer.

Todo pensamento começa e acaba no espírito sem deixar qualquer sinal aparente. Isto faz do ato de pensar um ato espiritual e reflexivo, pois reflexão é o ato em que o agente **remete a si mesmo**. É a reflexividade que faz com que o pensamento seja um interruptor da nossa vida no mundo habitual, no mundo das aparências.

Pensar sobre a própria morte é pensar sobre algo que está exclusivamente “dentro de nós”. Não é o mesmo que simplesmente pensar sobre a morte, que pode implicar em se estar pensando sobre algo “fora de nós” como a morte dos outros ou a morte de uma maneira geral. Pergunta-se: o hábito de pensar sobre a própria morte implicaria necessariamente na negação da sociabilidade humana?

A frase **todo homem é mortal** terá o mesmo sentido de **todo homem é natal**, isto é, a morte não será necessária para o indivíduo, assim como não foi necessário que ele nascesse. Segundo Sartre, o nascimento é um fato idêntico ao da morte. São ambos, fatos ocasionais — podem ou não acontecer — e quando acontecem fazem, respectivamente, aparecer e desaparecer o indivíduo do palco do mundo. A morte de alguém é algo que não tem qualquer significado para a sua própria vida — nem é sequer um fato da

vida — ela simplesmente acontece e tira-o do mundo.

O conhecimento destes elementos e o dar-se conta da finitude deles e o surgimento de outros confronta-nos de uma forma preparatória com o grande morrer. Então, para poder morrer, é necessário nascer. Desta forma, é possível a compreensão de que nosso contínuo existencial está ligado ao modo como lidamos com as nossas pequenas mortes (*gestalten* existenciais), que irão formar o todo da morte final (fechamento da *gestalt* biológica) de como em vida morremos e renascemos a cada instante, favorecendo um percurso de morrer saudável que não precisa ser doloroso ou negado, mas simplesmente natural.

“Celebrar é tornar célebre, especial, enaltecido. Se não morrêssemos, nada seria célebre, pois tudo poderia ser vivido uma segunda vez. Ademais, que entediante seria a imortalidade, aqui e agora!” (ZAMPIERI, 2005).

## REFERÊNCIAS

- ASSAGIOLI, R. **O ato da vontade**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1991.
- GRODDECK, G. **O homem e seu isso**. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- GROF, S. **Além do cérebro: nascimento, morte e transcendência em psicoterapia**. São Paulo: McGraw-Hill, 1988.
- HEIDEGGER, Martin. **Que significa pensar?** Buenos Aires: Nova, 1964.
- JUNG, C.G. **Arquétipos e inconsciente coletivo**. Buenos Aires: Paidós, 1970.
- KELEMAN, S. **Anatomia emocional**. São Paulo: Summus, 1992.
- LADRIÈRE, J. **Filosofia e práxis científica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- PIERRAKOS, E. **O caminho da autotransformação**. São Paulo: Cultrix, 1998.
- SARTRE, J.P. **O Ser e o Nada: ensaios de ontologia fenomenológica**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- \_\_\_\_\_. Reportagem – Médico de família. Conversa de Bioética. **Organismo e pessoa: uma perspectiva filosófica**. n. 70. jul. 2004. p. 46- 47. Disponível em <<http://www.vfbm.com/jmf/070-079/07070-4647.pdf>>. Acessado em: 08 jul. 2005.

ZAMPIERI, G. **Morte e filosofia**. Disponível em:<  
[http://ialexandria.sites.uol.com.br/textos/israel\\_textos/morte\\_e\\_filosofia.htm](http://ialexandria.sites.uol.com.br/textos/israel_textos/morte_e_filosofia.htm)>. Acessado em 5 nov. 2005.

ZUBEN, N. A. **Fenomenologia e Existência**. Uma leitura de Merleau-Ponty. Disponível em: [www.fae.unicamp.br/vonzuben/fenom.html](http://www.fae.unicamp.br/vonzuben/fenom.html). Acessado em 3 de fev. de 2009.

## DEALING WITH DYING

**Abstract.** The biggest existential anguish still is to deal with the end, the final, the death. Dealing the anguish of dying establishes a contradiction between the reality of dying and the process of carrying on with life. This is precisely because the more we live the more our biological system deteriorate, creating the expectation that we are closer and closer to death, despite being alive. What we do not realize is that dying is a consequence of been born, indicating that we are born to die. To think on the our own death is to think about what it is exclusively "inside us", how we deal with the daily process of dying although living, and the process of finally dying.

**Keywords:** Death. Terminality. Existence. Gestalt.

Recebido em dezembro de 2009  
Aprovado em fevereiro de 2010



RESENHA



# O OLHAR DO IDOSO FRENTE AO ENVELHECIMENTO E À MORTE: UMA RESENHA DO FILME "ANTES DE PARTIR" (THE BUCKET LIST), DIRIGIDO POR ROB REINER, WARNER BROS., USA, 2007

Maria Clara Oliveira Câmara<sup>1</sup>

Por que, para viver muito, é preciso experimentar a velhice e a morte? Por que não podemos escolher viver jovens para sempre? Que bom seria... Será?

Questões filosóficas à parte, que nem Freud, nem qualquer outro gênio da humanidade conseguiram explicar, resta-nos, como simples mortais, aceitar e lidar, da melhor forma possível, com estes dois temas tabus que inevitavelmente fazem parte do nosso viver.

O filme americano *Antes de Partir* (*The Bucket List*) aborda, com muita sensibilidade e propriedade, estes temas. Conta a história de dois homens muito diferentes que involuntariamente dividem o mesmo quarto de hospital. Ambos estão com câncer em estágio avançado, fogem do hospital e põem os pés na estrada com uma lista de coisas que gostariam de fazer antes de morrer. Eles se defrontam com o medo da morte, com as limitações da idade impostas pela doença. São 97 minutos de drama e aventura brilhantemente in-

---

<sup>1</sup> Psicóloga clínica, especialista em Educação em Saúde Pública, atua em clínica privada e na Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (SESAB), Itabuna, BA. E-mail: mariaclaracamera@hotmail.com.

terpretado por Jack Nicholson fazendo o papel do rico empresário Edward Cole e Morgan Freeman cujo personagem se chama Carter Chambers, um homem casado, que trabalha como mecânico.

A humanidade já vive hoje o dobro do tempo vivido por seus ancestrais. Com o controle do câncer, dos processos inflamatórios, assim como a evolução dos cuidados no trauma e o desenvolvimento de fármacos que adiam o envelhecimento, a ciência médica prevê que a espécie humana possa viver ainda mais - atingindo os 100 e até mesmo os 120 anos de idade -.

No filme, as diferenças entre os personagens - um negro e um branco, um rico e um pobre, um pacífico e o outro truculento, um dócil e generoso e o outro rancoroso e egoísta - a princípio geram muitos conflitos entre eles. A “*Bucket List*” (literalmente “lista do balde”, melhor traduzida por “lista da bota” ou “lista da morte”, da qual fazem parte todas as coisas não vividas) os aproxima de forma irremediável e intensa, fazendo nascer entre eles uma profunda amizade.

A expectativa de morte os toca tão profundamente que eles decidem realizar todos os desejos expressos em suas listas como se fosse uma despedida da vida. E de fato o é. Um deles realmente morre e o outro deixa morrer em si o que o impedia de viver plenamente a vida, saindo desta experiência um homem novo. Eles se divertem muito juntos vivendo grandes aventuras.

Os Indicadores Sociodemográficos e de Saúde do Brasil, em 2009, mostram que as doenças crônicas atingem 75,5% dos idosos – na faixa etária de 0 a 14 anos, a proporção é de 9,3%. As principais causas de morte para pessoas acima de 60 anos são as doenças

circulatórias, respiratórias e os tumores.

O filme, de forma encantadora e envolvente, mostra que sempre é tempo para ser feliz enquanto se está vivo. O expectador que acompanha o reencontro desses dois homens consigo mesmos é convidado a refletir sobre o sentido da sua própria vida. Os personagens se dão conta da dimensão espiritual da vida e se oportunizam viver cada dia como se fosse o último, fazendo as possíveis correções de rumo, mudando suas próprias visões de mundo.

Atendendo idosos há mais de 10 anos, tenho testemunhado as dificuldades e angústias das pessoas acima de 60 anos diante – literalmente - do espelho. Defrontar-se com a passagem do tempo e suas marcas é, para muitos, assustador e para alguns até mesmo fator desencadeante de quadros patológicos de ansiedade e depressão.

O uso do cinema como recurso terapêutico vem sendo estudado de forma sistemática no Brasil desde a década de 80. *The Bucket List* pode funcionar como estímulo para se trabalhar com pacientes idosos o tema velhice e finitude humana. A linguagem direta do recurso áudio-visual tem efeito imediato e pode funcionar como excelente remédio para acordar os desatentos e torná-los bons leitores das lições diárias da vida. Para os profissionais de saúde mental, filmes como este são uma excelente oportunidade de contemplar o ser humano em suas inúmeras possibilidades de existir e um importante instrumento para o cumprimento de sua missão de minorar o sofrimento daqueles cuja dor ele ajuda a carregar.

Prolongar a vida humana no período da senescên-

cia, em que o indivíduo está naturalmente mais frágil e vulnerável, tem, como se sabe, implicações econômicas e até mesmo éticas. Surge, neste contexto, um novo paradigma na saúde, na área da gerontologia e geriatria. A presença ou ausência de doenças deixa de ser um indicador importante de “envelhecimento saudável” e dá lugar à avaliação do grau de capacidade funcional mantido pelo indivíduo. A OMS define como incapacidade funcional a dificuldade promovida por uma deficiência para realizar atividades rotineiras e pessoalmente desejadas pelo indivíduo.

O impacto do envelhecimento populacional nas próximas décadas tem sido uma questão recorrente na agenda de encontros internacionais como o World Economic Forum. Em relatórios do último encontro em Davos, o envelhecimento da população mundial é apontado como a questão mais importante para muitas sociedades, suscitando a necessidade de que se desenvolvam projetos que atendam às demandas atreladas ao envelhecimento, tais como o remodelamento urbano, acesso à saúde e aos medicamentos e principalmente a busca de recursos para controlar o declínio da capacidade na vida senil.

Da “lista da bota” elaborada (e vivida) pelos personagens do filme - Edwards e Carter - constavam, entre outras coisas, aventuras inusitadas como saltar de pára-quedas, dirigir um Mustang, conhecer o Taj Mahal, as Pirâmides do Egito e as Muralhas da China.

O último relatório do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) dedica uma seção especial ao tema envelhecimento. De acordo com o relatório, a incapacidade funcional é avaliada frequentemente por meio da:

“declaração indicativa de dificuldade em atividades básicas da vida diária (cuidado pessoal) e em atividades instrumentais da vida diária, mais complexas, necessárias para viver de forma independente na comunidade”

As medidas de mobilidade fazem parte, também, da avaliação do declínio funcional, de acordo com o IBGE. Para o Brasil, pensar o envelhecimento populacional é emergente e urgente. Os números do IBGE divulgados em 2 de setembro deste ano reiteram que a participação da população idosa nos recursos do sistema de saúde é maior devido às internações mais frequentes, ao maior tempo de permanência no leito e à presença de multimorbidades nessa faixa etária. Os dados do IBGE também mostram que, à medida que a população idosa aumenta no país, diminuem as taxas de fecundidade e o que era uma pirâmide etária clássica, há cerca de 40 anos, vem se retangularizando ao longo das últimas décadas. As projeções apontam para uma inversão da pirâmide etária brasileira até 2050, com as bases muito estreitas, ou seja: poucos jovens. E uma população cada vez mais idosa.

O médico brasileiro Alexandre Kalache, ex-chefe do Programa de Envelhecimento e Saúde da OMS, em Genebra, instituiu o programa batizado como “Cidades Amigas das Pessoas Idosas”, que teve como piloto o bairro de Copacabana no Rio de Janeiro, em 2005, dando origem a um protocolo internacional que visa incentivar os gestores das cidades, mundo afora, a atentarem para as demandas que o envelhecimento implica e tornarem suas cidades mais adequadas

e responsivas às necessidades dos idosos. Trinta e cinco cidades, incluindo Nova York, Londres, Delhi e Moscou, já aderiram ao protocolo.

O Brasil deverá ser, em 2025, a sexta maior população idosa do planeta. “Não temos tempo a perder”, diz Kalache, lamentando que as pesquisas sobre a longevidade estejam sendo feitas sobretudo nos países mais desenvolvidos.

A mensagem do belo, divertido e emocionante filme “Antes de Partir” pode ser associada ao passaporte para o Paraíso proposto pelos egípcios, responder duas perguntas: “você teve alegrias em sua vida?” e “você fez alguma pessoa feliz?” Se ambas as respostas forem positivas, você entra.

O filme constitui-se, portanto, em uma ótima contribuição para auxiliar idosos a lidar melhor com a velhice, a finitude e a própria vida.

Se morrer é inevitável e a fila da morte é desorganizada, só nos resta viver. *The Bucket List* nos lembra que não devemos adiar a realização de sonhos e nos inspira para que busquemos desfrutar de toda a felicidade permitida “antes de partir”.

## REFERÊNCIA

FICS JP, SANTOS A. **No avesso da tela: a** psiquiatria pelo cinema. São Paulo: Lemos Editorial, 2006.

POLIMENO A;, SANTANA V. O futuro da longevidade. **Revista Pesquisa Médica**, n. 12, 2009, p. 33-43.



## **IMPrensa UNIVERSITÁRIA**

---

COORDENAÇÃO GRÁFICA: Luiz Henrique Farias

DESIGNER GRÁFICO: Cristovaldo C. da Silva

IMPRESSÃO: Davi Macêdo

FOTOMECÂNICA: Cristiano Silva

ACABAMENTO: Nivaldo Lisboa

IMPRESSO NA GRÁFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - ILHÉUS-BA